

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
MESTRADO

**PERCEPÇÕES SOCIAIS SOBRE A INTOLERÂNCIA EM RELAÇÃO ÀS
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA**

JORGE LUIZ SANTOS DE OLIVEIRA

RECIFE/2019

JORGE LUIZ SANTOS DE OLIVEIRA

**PERCEPÇÕES SOCIAIS SOBRE A INTOLERÂNCIA EM RELAÇÃO ÀS
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, pela Universidade Católica do Recife.

Área de conhecimento: Ciências Humanas:
Ciências da Religião e Teologia.

Orientadora: Profa. Dra. Zuleica Dantas Pereira Campos.

RECIFE/2019

O48p

Oliveira, Jorge Luiz Santos de.

Percepções sociais sobre a intolerância em relação às religiões de matriz africana / Jorge Luiz Santos de Oliveira, 2019.

128 f.

Orientador: Zuleica Dantas Pereira Campos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Mestrado em Ciências da Religião, 2019.

1. Liberdade religiosa. 2. Igreja Universal do Reino de Deus.
3. Cultos afro-brasileiros. I. Título.

CDU 261.7

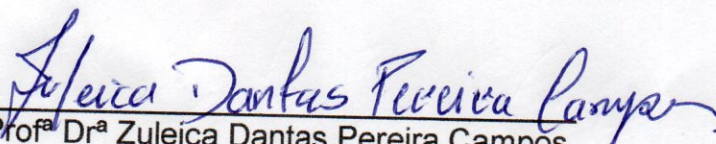
Pollyanna Alves - CRB 4/1002

TERMO DE APROVAÇÃO

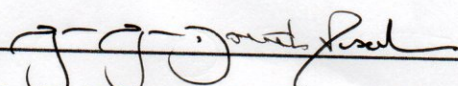
**PERCEPÇÕES SOCIAIS SOBRE A INTOLERÂNCIA PRATICADA PELA IURD EM
RELAÇÃO ÀS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA**

JORGE LUIZ SANTOS DE OLIVEIRA

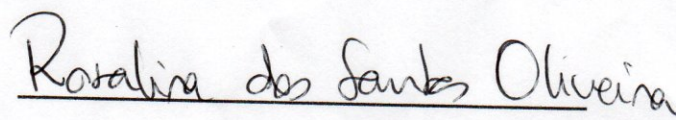
Dissertação apresentada em 03 de outubro de 2019 como requisito parcial para a obtenção do título Mestre em Ciências da Religião. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.


Prof^ª Dr^ª Zuleica Dantas Pereira Campos

Orientadora


Prof. Dr. Sergio Sezino Douets Vasconcelos

Avaliador Interno


Prof^ª Dr^ª Rosalira dos Santos Oliveira

Avaliador Externo

Experimentar Deus não é pensar sobre Deus, mas sentir Deus com a totalidade de nosso ser. Experimentar Deus não é falar de Deus aos outros, mas falar a Deus junto com os outros.

Boff

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu Anjo da Guarda e aos meus Guias Protetores, os quais, em nome de Deus e de Jesus Cristo, sempre me deram a inspiração e a presença de espírito, para que eu tivesse o suporte necessário para desenvolver o presente trabalho de pesquisa.

Agradeço a minha orientadora Prof^ª Dr^ª Zuleica Dantas Pereira Campos, pela forma eficiente, consciente e paciente, com que sempre me orientou, direcionando os meus passos até a conclusão deste trabalho, com o devido êxito.

Agradeço aos professores do Curso de Mestrado em Ciências da Religião, da UNICAP, os quais souberam mediar efetivamente, o meu contato com o todo conhecimento, que eu fui exposto, o qual se tornou imprescindível para a formação do conteúdo necessário à elaboração das atividades de pesquisa.

Finalmente, agradeço a minha esposa, Eva Maria Torres de Sousa, que sempre se posicionou na situação de mãe, esposa, amiga e amante, de modo que me fossem auferidas todas as condições necessárias para que eu desenvolvesse o presente trabalho de pesquisa, com os meios físicos e psicológicos necessários.

DEDICATÓRIA

Eu dedico o presente trabalho de pesquisa à memória do meu pai, Anibal Ribeiro de Oliveira, falecido em março de 1994. O qual, ao longo de sua existência, sempre manteve uma atitude digna, honrada e otimista, em relação a todas as instâncias da vida. Ele desenvolveu, de forma efetiva, atividades de caridade para com o seu próximo, nas searas do espiritismo kardecista, levando a esperança a muitos necessitados, tanto encarnados quanto desencarnados.

RESUMO

A nossa pesquisa teve como finalidade investigar o seguinte tema: a intolerância religiosa exercida pela Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd) contra as religiões de matriz africana (RMA). Foi estabelecido como objetivo geral: compreender o porquê da intolerância religiosa, praticada pela Igreja Universal do Reino de Deus, contra as religiões de matriz africana. Com os seguintes objetivos específicos: apresentar o caminho histórico do processo de intolerância religiosa, desenvolvido pela Iurd, contra as RMA; identificar os impactos da prática da intolerância religiosa, junto ao imaginário cultural e social; e analisar o problema da intolerância religiosa, de acordo com todo o conteúdo pesquisado, enfocando: as raízes da intolerância e a semente da coexistência. A metodologia aplicada foi enquadrada num contexto de pesquisa social, com a utilização do método de pesquisa qualitativa descritiva e exploratória. A coleta de dados foi constituída em três fases consecutivas e complementares. Na primeira fase foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica de natureza exploratória. Na segunda foram utilizadas as técnicas de entrevista oral e de leituras temáticas das mesmas. Na terceira foi realizado o processamento e a análise de todos os dados coletados nas duas primeiras fases. Os seguidores da Iurd são intolerantes quanto as outras denominações religiosas, porém esse procedimento se fortalece em relação às RMA. Isso é consequência da guerra santa, estabelecida contra satanás e a sua legião de demônios, os quais são identificados, analogicamente, com as entidades espirituais que são cultuadas nos rituais das RMA. Na sua grande maioria, esses crentes são pessoas de pouca instrução, que seguem de forma fanática os ditames dos seus líderes religiosos. O desconhecimento dos reais significados das cosmovisões das RMA, por parte da imensa maioria dos não adeptos a essas denominações religiosas é o fator preponderante, para a geração de um senso comum, no imaginário popular, de que: essas religiões praticam o mal em todas as instâncias da vida, gerando um sentimento de intolerância religiosa. A prática do diálogo inter-religioso, entre as lideranças religiosas e expandida para a toda sociedade leiga, com a finalidade de se harmonizar as diferenças e de fortalecer as semelhanças, cria as condições necessárias para o estabelecimento de uma coexistência religiosa.

Palavras chave: religião, tolerância, intolerância, diálogo, coexistência.

ABSTRACT

Our research aims to look into the following theme: the religious intolerance practiced by the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG) against the african matrix religions (AMR). It was set up as a general objective: Understanding the why of the religious intolerance, practiced by the Universal Church of the Kingdom of God, against the african matrix religions. With the following specific objectives: showing the historic way of the religious intolerance process, developed by the Universal Church of the kingdom of God, against the african matrix religions; identify the impacts of the practice of religious intolerance, along with the cultural and social imaginary; and analyse the religious intolerance problem, according to all the content researched, focusing on; the roots of intolerance and the seed of coexistence. The methodology applied was framed in a context of social research, using the qualitative descriptive and exploratory research method. The collected data was done in three consecutive and complementary phases. The first phase, a exploratory bibliographic research was developed. The second, the processing of oral interview techniques and thematic readings were used. The third, the processing and the analysis of all the collected data during the firsts phases. The UCKG followers are intolerant as to the religious denominations, nonetheless this procedure strengthens as to the AMR. This is the outcome of the holy war, set up against the devil and the legion of demons, in which they are identified, analogically, with the spiritual entities that are worshiped in the AMR rituals. Mostly, these believers have little education, that follow their leaders dictate in a fanatic way. The lack of knowledge of the real meanings of the cosmo view of the AMR, by the majority of the non followers of these religions denominations is the most important aspect, for the common sense generation, in the popular imaginary, that: theses religions practice evil during lifetime, bringing up a religious intolerance feeling. The interreligious dialog practice, among the religious leaderships and expanded to all unconscious society, in order to harmonize the differences and strengthen similarities, bring up the necessary conditions to the establishment of a religious coexistence.

Key words: religion, tolerance, intolerance, dialog, coexistence.

SUMÁRIO

	PAG
INTRODUÇÃO	09
1 A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	16
1.1 As origens e as estruturas eclesiais iurdianas.....	17
1.2 A luta contra o demônio - o credo e os rituais da Igreja Universal.....	23
1.2.1 Os embates contra satanás.....	23
1.2.2 O credo e os rituais.....	28
1.3 Os mecanismos que demonizam as religiões afro-brasileiras.....	34
2 O IMAGINÁRIO SÓCIO CULTURAL E RELIGIOSO	44
2.1 Os casos.....	44
3 ANÁLISE DE TODOS OS DADOS COLETADOS	72
3.1 As resultantes das análises das ideias coletadas.....	72
3.1.1 A religião.....	72
3.1.2 A liberdade religiosa.....	74
3.1.3 A tolerância religiosa.....	75
3.1.4 A intolerância religiosa.....	78
3.1.5 O pluralismo religioso.....	80
3.1.6 A Igreja Universal do Reino de Deus.....	82
3.1.7 As religiões de matriz africana.....	83
3.2 Sinopses das leituras temáticas das entrevistas orais.....	86
3.2.1 Pessoas que integram as RMA.....	86
3.2.2 Pessoas seguidoras de outras religiões.....	90
3.2.3 Síntese de todos os aspectos comuns observados.....	93
3.3 O diálogo inter-religioso e a coexistência religiosa.....	95
3.3.1 O diálogo inter-religioso.....	95
3.3.2 A coexistência religiosa.....	100
CONCLUSÃO	103
REFERÊNCIAS	115

INTRODUÇÃO

A nossa pesquisa teve como finalidade investigar o seguinte tema: a intolerância religiosa exercida pela Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd) contra as religiões de matriz africana (RMA).

Foi definida como situação problema a ser estudada: a questão de que a Iurd acredita defender a eliminação da presença do demônio no mundo, desenvolvendo práticas de intolerância religiosa, particularmente, contra as RMA, pela forma como estas interagem com as entidades que cultuam, que de acordo com a temática iurdiana são representações demoníacas.

Como objetivo geral desta pesquisa foi especificado: compreender o porquê da intolerância religiosa, praticada pela Iurd, contra as RMA.

Foram designados os consequentes objetivos específicos: apresentar o caminho histórico do processo de intolerância religiosa, desenvolvido pela Iurd, contra as RMA; identificar os impactos da prática da intolerância religiosa, junto ao imaginário cultural e social; e analisar o problema da intolerância religiosa, de acordo com todo o conteúdo pesquisado, enfocando: as raízes da intolerância e a semente da coexistência.

Como referencial teórico foram estabelecidos os seguintes pressupostos: A denominação evangélica Iurdiana se originou da aglutinação sócio cultural do pentecostalismo norte-americano com processos religiosos católicos, afro-brasileiros e kardecistas, os quais eram encontrados nas classes média e baixa dos centros urbanos brasileiros. O seu crescimento, como instituição religiosa, justificou-se pela analogia direta, que desenvolveu, das manifestações simbólicas das RMA com a figura do diabo cristão. Configurando-se num sincretismo travestido como uma relação de negação e assimilação. Dessa forma a Universal combate as outras religiões, ao mesmo tempo que absorve as suas representações simbólicas, tratando-as como falsas, mas atestando a sua existência espiritual (ALMEIDA, 2007).

Entre a Iurd e as RMA existem mais proximidades do que discrepâncias, conforme a concepção levistraussiana: a diferença social está amparada em semelhanças estruturais, que podem ser visualizadas na análise do trânsito de certos termos que navegam, em comum, nas denominações religiosas conflitantes (SILVA, 2007).

A concepção de tolerância é compreendida como o reconhecimento do direito de existir, que deve ser outorgado a todas as religiões, bem como à prática dos seus rituais e dogmas. Esse entendimento se ampara no dever moral de se respeitar o direito facultado a

todo homem de desenvolver os seus credos de acordo com a sua consciência, com o mesmo escolhendo o seu caminho para chegar a uma concepção de verdade, através da sua convicção íntima e não por uma imposição externa a sua consciência. Conforme Bobbio (1992, p 203): “a ideia de tolerância se refere ao problema da convivência entre confissões religiosas diversas, controversia suscitada pela ruptura do cristianismo católico com o cisma protestante”.

Em relação à intolerância, Mereu (2000, p 42) afirma que: “em contraste com esses princípios basilares da democracia e do Estado de direito, a intolerância se baseia na certeza de se possuir a verdade absoluta e no dever de impô-la a todos, pela força”.

O diálogo inter-religioso diz respeito a uma reciprocidade fundamental que se instaura entre dois polos de relação: o eu e os outros. Pressupõe sempre uma semelhança e uma diferença, uma identidade e uma alteridade. O diálogo se instaura quando ocorre uma atitude de abertura e escuta do outro, do diferente. Quando se reconhece o outro como sujeito portador de uma liberdade e dignidade fundamentais (TEIXEIRA, 2003).

Ao se privilegiar as aproximações entre as religiões, estaria se criando um consenso comum, de que Deus é um só, mesmo que representado de formas diferentes, de acordo com o contexto cultural em que ele é visualizado. As escolhas individuais seriam mutuamente respeitadas, com o estabelecimento de uma consciência coletiva, de tolerância positiva às opções religiosas, que fossem diferentes, isso representaria o estabelecimento de uma coexistência religiosa (TEIXEIRA, 2002).

A metodologia que foi aplicada para o desenvolvimento desta pesquisa, foi enquadrada dentro de um contexto de pesquisa social, o que nos levou à utilização do método da pesquisa qualitativa para se buscar a construção das respostas requeridas. De acordo com Groulx:

[...] mais do que uma técnica de coleta de dados, e menos do que um novo paradigma de análise e de interpretação, o procedimento qualitativo traz um novo questionamento, permitindo reconceituar as problemáticas sociais; nós podemos afirmar que a pesquisa qualitativa nos evidencia aspectos subjetivos, nos dando a percepção e o entendimento da natureza generalizante de um questionamento (GROULX, 2012, p. 102).

Nós desenvolvemos uma pesquisa qualitativa descritiva e exploratória, conforme Deslauriers e Kérisit:

[...] a pesquisa qualitativa tem sido utilizada para descrever uma situação social circunscrita (pesquisa descritiva) [...] uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória possibilita familiarizar-se com as pessoas e suas preocupações. Ela também pode servir para determinar os impasses e os

bloqueios, capazes de entravar um projeto de pesquisa em grande escala (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2012, p. 130).

Para a elaboração desta investigação, trabalhou-se de modo que a coleta de dados fosse constituída em três fases consecutivas e complementares, de acordo com os objetivos específicos que foram estipulados, visando o direcionamento da busca dos dados necessários ao efetivo delineamento das respostas requeridas.

Numa primeira fase foi desenvolvida uma coleta de dados, através do processo de consulta à documentação indireta, com o estabelecimento de uma pesquisa bibliográfica de natureza exploratória, Deslauriers e Kérisit afirmam que:

[...] é preciso ler o que os outros escreveram antes de nós; de certa forma, subir sobre os seus ombros para conseguir ver mais além [...] essa prática se funda sobre a concepção do conhecimento considerado cumulativo, segundo a qual o progresso de um serve de ponto de partida para o outro. Seguindo esta perspectiva, o pesquisador se dedica geralmente a fazer uma pesquisa bibliográfica revisada e exaustiva (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2012, p. 130).

Assim, nessa fase inicial dos nossos trabalhos, foi construído o objeto da pesquisa, com uma demarcação mais nítida das suas fronteiras, bem como com a sua visualização de forma mais nítida e objetiva.

Para a consecução dessas atividades foi aplicado o método indutivo, com as seguintes técnicas: levantamento e seleção da bibliografia correspondente; leitura analítica das fontes de consulta levantadas; fichamento dos dados coletados nas diferentes fontes; e realização da análise comparativa de todos os dados colhidos e processados.

Ao término dessa primeira fase, nós adquirimos uma visão clara sobre as principais questões teórico-metodológicas, referentes ao tema, assim como conhecemos a história do meio social pesquisado, com as estruturas que puderam ser integradas ao relatório de estudo.

Numa segunda fase, nós demos continuidade aos trabalhos de coleta de dados, foi utilizada a técnica de entrevista oral individual, no sentido do diálogo, mediante a aplicação de um roteiro de perguntas semiestruturadas.

De acordo com Tourtier-Bonazzi:

[...] quando se elabora um questionário detalhado e preciso, é possível dirigir passo a passo a testemunha, mas assim ela fica presa a um roteiro preestabelecido, que não permite desenvolver o seu próprio discurso. Se ela for deixada completamente livre, há o risco de se afastar do tema tratado [...] a entrevista semidirigida é com frequência um meio termo entre o monólogo de uma testemunha e um interrogatório direto (TOURTIER-BONAZZI, 2005, p. 237).

Antes de cada entrevista, foi estabelecido um diálogo informal, entre o entrevistador e a pessoa entrevistada, de modo que esta fosse esclarecida, em relação aos objetivos da atividade, bem como o que era interessante ao entrevistador.

Nós entrevistamos vinte pessoas, sem se levar em consideração os grupos religiosos aos quais elas pertencessem, configurando uma mescla de todos. Foram buscados os seguintes aspectos: o valor da religião; a interpretação dos rituais das RMA; a forma como as pessoas das outras religiões visualizam as práticas religiosas das RMA; como é exercida a intolerância religiosa; como é interpretada a concepção religiosa Iurdiana; o pensamento sobre um diálogo inter-religioso; e a ideia sobre uma possível coexistência religiosa.

Os integrantes da Iurd são submetidos a uma rígida disciplina, em relação às decisões que sempre são tomadas por uma cúpula central e obedecidas por todos. Ao se procurar o comando regional iurdiano no Recife, este não autorizou que fossem feitas entrevistas com os membros dessa denominação religiosa, sob a sua jurisdição, pelo fato de ser esta a determinação da cúpula nacional da Igreja Universal.

Conforme as afirmações de Voldman:

[...] analisaremos a seleção das testemunhas em função do objeto estudado [...] confrontar dois tipos de relatos: o que quer preservar a legitimidade da transmissão e aquele do eventual dissidente ou contestador, cujo afastamento ou a marginalidade confere ao discurso uma veemência dotada de significado. O método é eficaz na medida em que é menor a pretensão à verdade e em que, na memória, há menos engajamento nas lutas [...] devemos conferir a cada testemunha um status diferente segundo o objeto da pesquisa [...] a grande testemunha, àquela que construiu sua identidade sobre sua ação voluntária e consciente, qualquer que tenha sido o nível de responsabilidade ou de ação realmente vivenciado [...] podemos designá-los como testemunhas sujeito [...] a essa primeira categoria opunha-se o obscuro, mero espectador, pequena testemunha [...] permanecem objetos [...] poderíamos abordar a questão da classificação não somente pela posição objetiva ou subjetiva da testemunha em relação à história sobre a qual lhe pedem para testemunhar, mas também pelo lugar que a testemunha se atribui (VOLDMAN, 2005, p. 257).

O entrevistador foi auxiliado pelo caderno de campo, Tourtier-Bonazzi afirma que:

[...] a transcrição requer pelo menos cinco vezes mais tempo do que a gravação [...] o fato de ler em vez de ouvir priva o historiador de muitas contribuições da forma oral: entonação, ênfase, dúvidas, rapidez ou lentidão nas reações, risos, repetições; e portanto corre-se o risco de privilegiar a leitura a ponto de renunciar à escuta (TOURTIER-BONAZZI, 2005, p. 239).

Dessa forma, esse documento foi preenchido com a finalidade de se registrar: as atitudes e expressões corporais observadas, tanto do entrevistador quanto da pessoa entrevistada; as condições do meio ambiente em que foi realizada a entrevista; e todas as

demais informações que pudessem ser utilizadas. Esse extrato dos acontecimentos foi elaborado ao longo da entrevista. Todas as atividades, desenvolvidas com as pessoas entrevistadas, foram individuais.

De acordo com o pensamento de Voldman:

[...] a expressão arquivos orais é hoje impropriamente empregada para designar os depoimentos orais gravados com fins documentais no decorrer de uma pesquisa [...] o arquivo oral seria um documento sonoro, gravado por um pesquisador, arquivista, historiador, etnólogo ou sociólogo, sem dúvida em função de um assunto preciso, mas guardada numa instituição destinada a preservar os vestígios dos tempos passados para os historiadores do futuro [...] a fonte oral é o material recolhido por um historiador para as necessidades de sua pesquisa. Em função de suas hipóteses e do tipo de informações que lhe pareça necessário possuir [...] o caso que nos obriga a diferenciar os arquivos sonoros dos arquivos orais é essa operação particular de coleta, esses depoimentos orais, gravados com fins documentais no decorrer de uma pesquisa (VOLDMAN, 2005, p. 36).

Todas as entrevistas foram transcritas, segundo Tourtier-Bonazzi:

[...] alguns entrevistadores fazem um verdadeiro trabalho de escritor, elaborando, a partir da gravação, um relatório literário, tentando estabelecer o ritmo da palavra e as impressões recebidas na entrevista. Linguistas e sociólogos, ao contrário, publicam in extenso a transcrição, tentando reproduzir as palavras o mais fielmente possível. Entre essas duas posições, há uma intermediária, que parece a mais conveniente, mas se pode suprimir as repetições ou dar à entrevista uma ordem cronológica. O texto pode perder assim sua originalidade, mas ganha em legibilidade [...] como em todo trabalho de edição, o historiador deve encontrar um meio termo entre duas exigências: a máxima fidelidade ao discurso e a necessidade de o tornar acessível ao leitor (TOURTIER-BONAZZI, 2005, p. 239).

Foram executadas leituras temáticas do conteúdo das transcrições das vinte entrevistas orais, tendo como elemento norteador a percepção das informações consideradas pertinentes para serem investigadas. As sinopses das leituras temáticas foram elaboradas, sobre os conteúdos das entrevistas orais, divididas em dois grupos: as pessoas seguidoras das RMA e as de outras religiões. Após foi sintetizada a comunhão das ideias comuns, que aproximam os dois grupos.

Foi exposta às pessoas entrevistadas, toda a documentação gerada a partir das suas entrevistas orais, de modo que as mesmas tomassem conhecimento daquela, com a oportunidade de ratificar ou retificar as suas falas, bem como foi apresentada uma declaração escrita para que assinassem, autorizando o uso dessa documentação no processamento das informações que foram utilizadas no trabalho de pesquisa que foi elaborado.

Por uma questão ética, no texto elaborado foram atribuídos nomes fictícios a todos os entrevistados, de modo que as suas identidades fossem preservadas.

Numa terceira fase foi realizado o processamento e a análise de todos os dados coletados nas duas primeiras.

Pela importância que é atribuída às interpretações numa pesquisa qualitativa, a revisão bibliográfica auxilia o pesquisador a desenvolver a sua fundamentação teórica. As leituras subsequentes facilitam a execução do processo analítico minuciando os conceitos e as metáforas, com as quais se pode interpretar os dados nebulosos. A pesquisa qualitativa destaca o trabalho de campo, não só por ser rico na coleta dos dados, mas também como gerador de novos questionamentos, os quais podem direcionar a pesquisa para determinados aspectos, que antes permaneciam despercebidos (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2012).

Finalmente foi elaborada a escrituração do relatório, com a sua devida conclusão, na qual se buscou as respostas à problemática concebida.

O tema em questão se configurou com uma grande importância para ser pesquisado, pelo fato de perseguir o entendimento do imaginário coletivo, em relação a um problema estabelecido na atualidade. Do qual todos nós tomamos conhecimento cotidianamente, pela ocorrência do mesmo entrar em nossas casas pela programação de alguns canais de televisão. Também convivemos sempre com acontecimentos frequentes, que envolvem pessoas do nosso mundo social. Além disso pelo alcance nacional da situação, por causa das denominações evangélicas investirem de forma maciça na eleição de seus representantes para os mais diversos cargos públicos da política nacional.

O conteúdo desta pesquisa é visualizado como um tabu, por algumas esferas da sociedade, muitas vezes pelo desconhecimento a respeito das características particulares das denominações religiosas envolvidas. Esse argumento justificou a execução desse estudo como veículo exploratório, esclarecedor e divulgador, de uma realidade que se posiciona à margem do conhecimento popular, a qual se baseia no senso comum. De acordo com Silva:

[...] verifica-se no Brasil das duas últimas décadas, um acirramento dos ataques das igrejas neopentecostais contra as religiões afro-brasileiras [...] esses ataques são resultado de vários fatores entre os quais podemos destacar: a disputa por adeptos de uma origem socioeconômica; o tipo de cruzada proselitista adotada pelas igrejas neopentecostais, com grande crescimento nos meios de comunicação de massa e o consequente crescimento dessas denominações, que arregimentam um número cada vez maior de “soldados de Jesus”; e, do ponto de vista simbólico, o papel que as entidades afro-brasileiras e suas práticas desempenham na estrutura ritual dessas igrejas como afirmação de uma cosmologia maniqueísta. Os casos de intolerância, antes apenas episódicos e em grandes repercussões, hoje se

avolumaram e saíram da esfera das relações cotidianas menos visíveis para ganhar visibilidade pública (SILVA, 2007, p. 9).

Nós podemos afirmar que o discurso elaborado por Silva nos remete à disputa pelo poder hegemônico, assim a Iurd levanta a bandeira da sua cruzada contra o demônio. Com a presente pesquisa nós fomos um pouco mais adiante, numa tentativa de desbravar o inconsciente imaginário coletivo da sociedade, como esse imaginário interage com o advento da intolerância religiosa, buscando a compreensão das origens desta. Bem como a forma como são visualizados, pelas pessoas, os rituais litúrgicos das RMA. Também se buscou os caminhos para o possível estabelecimento de uma coexistência religiosa, a qual venha a ser vivenciada, em termos práticos, por toda a diversidade cultural e religiosa que compõe o extrato social.

No primeiro capítulo desta pesquisa, cujo título é: a intolerância religiosa na Igreja Universal do Reino de Deus, o qual foi elaborado com as suas investigações sendo desenvolvidas por uma pesquisa bibliográfica, foram apresentadas: as origens, a estruturas eclesiásticas e o universo iurdiano; a luta contra o demônio; o credo; os rituais; e os mecanismos que demonizam as RMA.

O segundo capítulo, intitulado como: o imaginário sócio cultural e religioso, foi elaborado tendo como referência a leitura temática das transcrições das vinte entrevistas orais individuais realizadas. Observando-se, das consciências das pessoas entrevistadas, os seguintes aspectos: o valor da religião; a interpretação dos rituais das RMA; a forma como as pessoas das outras religiões visualizam as práticas religiosas das RMA; como é exercida a intolerância religiosa; como é interpretada a concepção religiosa Iurdiana; o pensamento sobre um diálogo inter-religioso; a ideia sobre uma possível coexistência religiosa.

No terceiro capítulo, que recebeu o seguinte título: análise de todos os dados coletados, teve como fonte norteadora as informações reunidas nos dois capítulos anteriores, foram apresentados os aspectos relevantes da: religião; liberdade religiosa; tolerância religiosa; intolerância religiosa; pluralismo religioso; da Iurd; das RMA; As sinopses resultantes das leituras temáticas das transcrições das entrevistas orais, priorizando os seus aspectos comuns; o diálogo inter-religioso; e a coexistência religiosa.

Na conclusão foram apresentados os argumentos finais relativos às ideias ressaltadas no corpo da presente pesquisa.

1 A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

Para a escrituração deste primeiro capítulo definimos como objetivo específico apresentar o caminho histórico do processo de intolerância religiosa, desenvolvido pela Iurd, contra as RMA.

A religião, como mais uma representação figurada das práxis sociais, constitui-se num subsistema aberto da cultura de um grupo humano. Estabelece-se como uma componente de suma importância para a compreensão da verdadeira vida em comunidade, que é normatizada pelas essências éticas e morais. Nos anos 1970, antropólogos e sociólogos passaram a pesquisar com mais foco temáticas como a secularização e a prática do sectarismo. A partir da década de 1980 novos movimentos religiosos começaram a ganhar visibilidade na mídia destacando alguns questionamentos polêmicos como: a liderança carismática, o proselitismo, o uso da comunicação social, os assuntos econômicos e políticos, a cura divina, o bem estar físico e o espiritual (RODRIGUES, 2008).

As igrejas evangélicas pentecostais têm a sua base de crença alicerçada sobre a passagem bíblica descrita em Atos dos Apóstolos 2, que descreve a revelação do Espírito Santo para os cristãos, através de línguas de fogo, no quinquagésimo dia depois da Páscoa, ou dia de pentecostes. Essas denominações religiosas ventilam a presença material de Deus no mundo dos homens, pela manifestação do Espírito Santo, que se faz por vários processos, entre os quais a glossolalia, ou o falar outras línguas, bem como os atos de cura.

Algumas denominações pentecostais desenvolveram diferenças significativas na condução das suas práticas religiosas. Elas passaram a ser identificadas como neopentecostais. Essas novas abordagens foram: a flexibilização quanto ao modelo de vida ascética; bem como o emprego massivo da mídia nas atividades proselitistas e político-partidárias. Em consequência das mudanças sociais ocorridas na modernidade, alavancadas pelo aumento da desigualdade econômica e social, com a perda dos referenciais religiosos pela sociedade, a propagação da teologia da prosperidade, a qual afirma que o cristão tem o direito ao bem estar material nesse mundo, e também a centralização teológica na luta contra outras denominações religiosas, particularmente as RMA, colocou algumas dessas denominações religiosas neopentecostais numa verdadeira cruzada contra o demônio (MARIANO, 2008).

O advento da Reforma protestante, que representou uma ruptura da unidade cristã ocidental, também se caracterizou pela negação das feições mágicas que reinavam no catolicismo medieval, na sua grande maioria fruto de um processo sincrético entre o Cristianismo e as religiões pagãs europeias. Na atualidade pode-se visualizar vertentes das

denominações neopentecostais também apresentando aspectos mágicos nas suas liturgias, no universo simbólico e mágico da sociedade.

Quando um grupo de pessoas se reúne numa mesma comunhão de ideias, na adoração a uma divindade, com a realização de: rituais, costumes, mitos ou mesmo dogmas, afirma-se que se está na presença de um fato religioso. Uma ocorrência que se torna um objeto de estudo das ciências sociais. A religião é mais um componente do arcabouço cultural do ser humano. O fato religioso possui uma característica que lhe é peculiar, a sacralização de pessoas ou objetos. Que de forma simbólica assumem uma significação no imaginário do homem, dentro de um determinado contexto histórico incidindo na representação do sagrado.

1.1 As origens e as estruturas eclesiais iurdianas

A Igreja Evangélica Nova Vida foi fundada pelo pastor canadense Robert McAlister, quando este chegou ao Brasil em 1960. Edir Macedo ficou vinculado a essa denominação religiosa por 12 anos, até que começou a pregar num coreto na Praça do Jardim do Meier, na cidade do Rio de Janeiro. Ele fundou, com outros pastores, a Igreja Universal do Reino de Deus, em 09 de julho de 1977, a qual, na sua primeira fase de existência, passou a funcionar num galpão, no bairro suburbano carioca da Abolição.

Edir Macedo concebeu a criação de uma denominação religiosa totalmente independente das demais igrejas evangélicas pentecostais, bem como planejava a sua expansão para todo o Brasil e para o exterior, segundo Rodrigues e Campos:

[...] no Brasil, a Igreja Universal do Reino de Deus provocou uma verdadeira revolução nos estudos sociológicos e antropológicos sobre os novos movimentos religiosos. A partir dos anos de 1980, começaram a surgir dezenas de especialistas, os “iurdiólogos” e centenas de trabalhos acadêmicos sobre esta Igreja evangélica. Atualmente, nos congressos, nacionais e internacionais, são organizados colóquios, mesas redondas e reuniões especiais para se debater a IURD (RODRIGUES; CAMPOS, 2008, p. 11).

Nós podemos apresentar três características da Iurd: o seu viés religiofágico, no qual ela assimila práticas e ritos de outras denominações religiosas, com as devidas adaptações a sua teologia própria; o seu lado exacerbatório, apresentando as suas atividades como verdadeiros shows populares, buscando atingir o imaginário e o emocional da sua assistência; e o seu caráter macumbeiro, quando reproduz nos seus cultos determinadas práticas das RMA, dessa forma dando-lhes credibilidade, como um inimigo existente e atuante (DIAS, 2012).

Inicialmente a Iurd estabeleceu as suas igrejas nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador, passados dez anos ela já contava com 356 templos distribuídos por dezoito cidades brasileiras. Em 1989 comprou a Rede Record, de acordo com Swatowski:

[...] a Iurd é uma das instituições religiosas que mais investe em mídia no país, o seu estabelecimento ao longo do território nacional é associado à utilização eficaz da mesma, principalmente do rádio e da televisão [...] a sua utilização tem sido lida como uma forma da Iurd ganhar visibilidade social, construir uma autoimagem positiva e revidar as denúncias lançadas contra ela na esfera pública. Nos programas de rádio e TV, a Iurd convoca a todos que têm problemas econômicos e não aguentam mais viver na miséria, a participar dos cultos, bem como veicula testemunhos de fiéis que tiveram prosperidade após a conversão. Os pastores sugerem formas de atuar e se comportar perante o mercado de trabalho, além, é claro, de oferecer a oportunidade de barganhar com Deus e a possibilidade de se obter a prosperidade repentina através das ofertas feitas com fé (SWATOWISKI, 2009, p. 150).

A expansão da Iurd para os países estrangeiros foi uma decisão estratégica tomada pela sua própria cúpula dirigente evidenciando mais uma característica peculiar institucional, a transnacionalidade.

Este termo significa a particularidade de uma igreja, que surgiu no Brasil e foi fundada por brasileiros, que empreendeu um processo de inserção internacional, sempre afirmando a sua origem brasileira e sendo assim reconhecida por todos do teatro internacional. No processo de escolha dos países, onde foram feitos os investimentos, foi realizado um estudo minucioso das suas áreas que tinham o perfil adequado, com núcleos populacionais de brasileiros ou hispânicos. Assim que se decidiu o destino, para lá foram enviados pastores, que dominavam o idioma nativo, esses conseguiram um espaço para a abertura dos templos, em lugares onde se tivesse uma grande circulação de pessoas. O mais breve possível se articulou o início dos trabalhos religiosos (ORO, 2004).

No início a expansão internacional iurdiana foi lenta, acelerando-se a partir dos anos 1990. Em 1995 o número de templos instalados fora do Brasil já era estimado em 221, em 1998 500, em 2001 1000. Essa expansão continuou atuante. Hoje a Iurd se encontra estabelecida em todos os países latino americanos, com exceção do Haiti. Também se pode encontrar as suas igrejas em metade dos países africanos, em uma dúzia de países europeus, no Canadá e nos Estados Unidos. A sua expansão também ocorreu no continente asiático, como no Japão, nas Filipinas e na Índia, no mundo todo já se somam 80 países. Na sua grande maioria essa ocupação é simbólica, poucas são as nações em que a Iurd estabeleceu mais de 50 templos.

Historicamente o curso da implantação religiosa no Brasil sempre foi orientado do exterior para o nosso território nacional, a Iurd inverteu esse fluxo, passando este a seguir de dentro para fora, num processo de internacionalização globalizante. Ficou evidenciada a capacidade de adaptação dessa denominação religiosa aos diversos contextos culturais, nos quais passou a atuar (ORO, 2004).

No âmbito nacional o seu crescimento foi vertiginoso. Em 2015, essa denominação religiosa afirmava que já havia estabelecido 7157 templos no Brasil, com um total de 7 milhões de crentes. A sede da Iurd situava-se na Catedral Mundial da Fé, na cidade do Rio de Janeiro, com capacidade para acolher até 12.000 pessoas; hoje a sua maior casa é o Templo de Salomão, em São Paulo, de acordo com Siepierski:

[...] é interessante observar que os próprios membros da Iurd se percebem distanciados do pentecostalismo clássico. Para eles os pentecostais são sujeitos que seguem uma religião e não a Jesus. Por outro lado, pertencer à Iurd é seguir Jesus. Em uma pesquisa sobre identidade religiosa efetuada entre membros da Iurd no Recife, 60,7% disseram ser simplesmente cristãos ou de Jesus. Apenas 35,7% se consideraram crentes ou evangélicos (SIEPIERSKI, 1997, p. 52).

No Recife, a Universal edificou, na Avenida Cruz Cabugá, o templo mais imponente da cidade, numa área construída de 15.563m². As suas instalações comportam até 4.700 fiéis sentados; nele são definidas todas as decisões estratégicas da Iurd nos estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Os seus frequentadores se caracterizam pelo seu perfil de pessoas urbanas, formando um grupo de interesses comuns. Buscam por condições melhores de vida, com a efetiva entrada no paraíso das facilidades materiais capitalistas e a consequente solução dos seus problemas materiais. Baseiam-se nas justificativas da teologia da prosperidade, como uma demanda reprimida que não foi criada pela denominação religiosa, mas que é habilmente manipulada por esta, pelo uso maciço das mídias de comunicação. Assim em vez do fiel, visualiza-se o cliente das soluções mágicas (LUIZ, 2012).

O público frequentador dos cultos da Iurd, na sua grande maioria, procura estabelecer uma conexão com o sagrado. Para através deste ter a consciência de um sentido de pertencimento, bem como uma solução imediata para os seus problemas cotidianos materiais. Ela apresenta uma maneira para os menos afortunados alcançarem uma situação de prosperidade, que se ampara no sacrifício pessoal, onde o fiel oferece uma dádiva, a qual não tem como finalidade a caridade para o próximo, mas um benefício próprio, através de uma

barganha com Deus, o qual cumprirá o desejo do crente, numa relação de troca, de acordo com Cáceres:

[...] Edir Macedo traz em seu discurso de ação e fé as bases ideológicas da Iurd, ele possui um discurso agressivo, que deixa bem claro seus objetivos, dentre eles: a luta contra o mal, a associação do fiel diretamente com Deus, a prosperidade a ser alcançada por todos os verdadeiros fiéis e a felicidade imediata [...] uma visão clara dos anseios e necessidades de uma sociedade (CÁCERES, 2006, p. 60).

A atuação da Iurd no campo social gera um sentimento de satisfação coletiva, com os fiéis se manifestando por gratidão e por reconhecimento da sua dívida com Deus, configurando o fechamento do ciclo de dádiva caritativa clientelista. Essas atividades sociais tem como finalidade principal conduzir a palavra de Deus, nos parâmetros iurdianos, a todos aqueles que se enquadram no rótulo de desamparados. São feitas entregas de alimentos, remédios, roupas, muletas e cadeiras de roda, porém a imensa maioria dessa doações se originam de outros fiéis, dessa forma a Iurd assume o papel de intermediadora entre os que querem ajudar e os necessitados (RODRIGUES; SILVA, 2015).

Para a atividades que são desenvolvidas na Universal, os executores das incumbências são orientados por elementos possuidores de habilidades essenciais para o seu desempenho, inclusive com formação especializada na área secular, de modo que são realizados treinamentos de peritos nesses setores. Os líderes são indicados pelas chefias dos escalões superiores, mas a palavra final do pastor sempre é respeitada.

As atividades dessa denominação religiosa são gerenciadas de forma autocrática, com o poder centralizado nas mãos de um pequeno grupo de pessoas, onde são tomadas as decisões de nível superior. Isso facilita a realização de grandes investimentos estratégicos, a palavra da instituição prevalece sobre a dos indivíduos.

Visualiza-se o contraste com as outras igrejas evangélicas, nas quais acontece um chamado interior que motiva a pessoa para exercer a atividade missionária, na Iurd essa escolha é feita pela cúpula central. Tanto para as missões no exterior, quanto para as transferências dos pastores no contexto nacional (ORO, 2003).

A avaliação dos resultados obtidos é realizada pelas lideranças locais, essa informação é transmitida para as lideranças regionais e depois para o comando nacional, de acordo com a estrutura centralizada iurdiana. Inclusive com um monitoramento ativo, que é promovido em todos esses níveis da administração. Isso faculta à Universal manter uma forte identidade unívoca, que se faz presente nos seus diversos escalões estruturais (TEIXEIRA, 2010).

A teologia da prosperidade foi criada na década dos anos 1940, nos Estados Unidos da América, por grupos carismáticos. O núcleo ideológico desse sistema de ideias pode ser resumido na seguinte frase: é dando que se recebe. A concessão da graça divina está condicionada ao comprometimento do crente em doar as suas ofertas para uma igreja, num ato de materialização da sua fé. O crente procura apresentar um devido vivenciamento, como se tivesse realmente recebido a graça, com plena consciência do seu direito. Esse procedimento se configura para se concretizar o que foi pedido a Deus (CÁCERES, 2006).

Para a Iurd a teologia da prosperidade ocupa um posicionamento central na sua visão de mundo. Os seus pastores afirmam que todo cristão tem o direito de viver plenamente a felicidade do mundo material, desde que efetue a sua oferta, como forma de evidenciar a sua obediência a Deus. É necessário ter coragem doando à igreja algo valioso, sem nenhum pensamento de dúvida, pois a mesma se configura como uma inspiração do diabo. Os desobedientes atraem sobre si todas as maldições do mundo.

Conforme essa linha de pensamento, pode-se afirmar que Deus não é autônomo, ele tem as suas ações condicionadas pela práxis humana. O homem aprende a cobrar do Criador o cumprimento de sua parte no acordo de trocas que foi estabelecido. Através da contribuição financeira, o fiel evidencia de forma explícita a sua fé, aproximando-se das graças de Deus, mobilizando todo o sistema de alianças, ao qual o Criador está preso por um acordo, tendo que conceder o seu favorecimento, afastando os demônios e disponibilizando para o crente uma vida feliz, saudável e próspera (CÁCERES, 2006).

Nos cultos iurdianos os pastores procuram justificar a teologia da prosperidade com a analogia às passagens bíblicas do Velho Testamento, nas quais são referenciadas relações de troca com Deus, um sacrifício por uma graça. Como consequência imediata dessa crença, nós podemos observar o rápido desenvolvimento financeiro dessa instituição religiosa.

Parte do êxito alcançado pela Iurd nessa área se estabeleceu como consequência de dois fatores muito importantes: o enfraquecimento institucional da Igreja Católica, que abriu espaços para a sua expansão; e a religiosidade que sempre esteve intrinsecamente enraizada na cultura brasileira, na sua modalidade popular. Sobre esses dois pilares a Iurd adequou as suas falas e métodos, empregando um competente arcabouço midiático, conseguindo mesclar o moderno uso da propaganda com práticas e crenças mágicas mais predispostas às camadas menos favorecidas da nossa sociedade. Ela conquistou milhões de adeptos, os quais buscam resolver os seus problemas materiais, com o auxílio de seres sobrenaturais e rituais mágicos. Esses aspectos estão culturalmente muito arraigados no inconsciente da população (CÁCERES, 2006).

O Brasil se caracteriza por ser um país, no qual se visualizam imensas desigualdades sociais e econômicas, que são alavancadas por uma injusta distribuição de renda. Nesse contexto o compromisso divino de conceder aos homens os meios financeiros para que possam solucionar os seus problemas materiais e ascender da classe pobre, é percebido de forma atrativa. Essa doutrina também visa a conquista de bens espirituais, os quais são alcançados através de um pacto com o sagrado, na busca de uma felicidade imediata e terrena. A Igreja Universal faz uso das artes de outras religiões ressignificando os seus conteúdos para a ideologia do dar e receber (BELLOTTI, 2010).

Nos últimos 30 anos se desenvolveu no Brasil uma relação econômica neoliberal, essa estimulou a sociedade a buscar a felicidade no consumismo e na realização mundana. A teologia da prosperidade se desenvolveu e foi estimulada, dentro desse contexto social. Assim as denominações religiosas que a seguem foram influenciadas pela política de mercado. O sociólogo Max Weber, no início do século XX, percebeu esse aspecto no protestantismo norte americano, quando esta sociedade vivenciava um processo de plena secularização.

Ao se pesquisar a gênese da teologia da prosperidade, nós podemos observar que as suas origens se desenvolveram num processo sincrético com a filosofia esotérica do novo pensamento. A qual parte do pressuposto de que, por um método de meditação, o homem consegue libertar a sua fração divina empregando o seu poder interno para transformar a desordem em consenso e a falta em fartura. Bem como com a seita gnóstica-cristã, cujos fundamentos se consistem numa ciência cristã, a qual daria ao homem o arcabouço necessário para que ele percebesse o mundo através de uma visão espiritual. Assim ele iria conseguir as respostas para as suas angústias existenciais como: o sentido de se viver, a natureza de Deus e os caminhos que levam à felicidade e à cura dos males do corpo (JUNGBLUT, 1997).

Essa aproximação sincrética da teologia da prosperidade com o chamado movimento nova era criou uma situação de não aceitação por alguns segmentos evangélicos tradicionais. Os quais chegam a visualizar os seus princípios como de inspiração satânica, inclusive sendo interpretada nos textos bíblicos como antecessora do apocalipse, numa última tentativa do demônio para desvirtuar a humanidade.

1.2 A luta contra o demônio - o credo e os rituais da Igreja Universal

1.2.1 Os embates contra satanás

A Iurd, através da sua característica religiofágica, incorpora de forma sincrética elementos de outras denominações religiosas, particularmente do Catolicismo popular e das RMA, bem como na exacerbação desses rituais pelo uso irrestrito do apelo emocional e do imaginário da mente humana. Com a estigmatização de certas divindades destas denominações religiosas como: Exus, Caboclos, Pretos-Velhos e Orixás, os quais são identificados com a figura do diabo cristão, sendo o mesmo invocado, humilhado e exorcizado nos cultos da Universal (MARIANO, 2008).

Mas os demônios não podem ser derrotados totalmente, pois o seu desaparecimento definitivo representaria o fim do propósito de luta iurdiana, como única representante de Jesus Cristo nessa cruzada contra o mal. Assim satanás continua como uma ameaça iminente, sempre pronto para interferir de forma negativa na vida cotidiana de todos os seres humanos, o mal se torna necessário para que a ideologia da Igreja Universal seja mantida viva e atuante (IDEM).

De acordo com esse contexto todos os vícios e os erros cometidos pelos homens, bem como as doenças, os cataclismos naturais, as perdas financeiras, as guerras: tudo tem a sua causa primeira da atuação de satanás e dos demônios, seus auxiliares, com a manifestação divina só ocorrendo para corrigir o mal proveniente dos atos demoníacos. O que vem potencializar os resultados proselitistas e a mercantilização do universo sagrado iurdiano.

Essa atuação demoníaca em todas as camadas da sociedade, sempre tem como finalidade promover a queda do homem afastando-o de Deus. Edir Macedo afirma que já teve um contato íntimo com pessoas ligadas às diversas modalidades de espiritismo, intitulando-se como um profundo conhecedor da área. Assim ele denuncia como satânicas as práticas religiosas de todas essas denominações. Como justificativa das suas falas, ele apresenta passagens do Antigo e do Novo Testamentos, as quais evidenciam a desaprovação de Deus a qualquer relação com os espíritos.

Dessa forma: as doenças, os desastres, bem como todos os tipos de problemas que têm afligido ao homem, no decorrer da sua história, são causados pela atuação dos demônios. Esses são espíritos sem cor, sem sexo, sem dimensões. Eles necessitam dos corpos dos homens para se manifestarem no mundo material, mas sempre com a finalidade básica de afastá-los de Deus (MACEDO, 1990).

O nome Lúcifer significa cheio de luz, como anjo do Senhor ele era puro em sabedoria e formosura, porém movido pelo orgulho, desejou se colocar acima do próprio criador. Por causa disso, ele foi expulso dos céus, juntamente com os seus seguidores. Ele se tornou satanás e aqueles que o acompanharam transformaram-se em demônios. Todos perderam as qualidades divinas que Deus lhes havia concedido e foram obrigados a viver de forma errante. Eles podem se apresentar como luz, por isso muitas pessoas os seguem, pensando que são semeadores de bondade (IDEM).

A exposição do mito da queda dos anjos, que se transformaram nos demônios, está registrada em passagens das Escrituras Sagradas, bem como na literatura antiga do Oriente Médio. Deus era concebido habitando um lugar semelhante à corte dos reis persas, na qual o soberano vivia rodeado por um séquito de cortesãos e ministros, os anjos, que eram os mensageiros e os executores das suas ordens. A queda foi causada pela desobediência de alguns anjos ao estabelecido por Javé. O principal personagem simbólico desse mito é Lúcifer, a sua denominação significa luminoso, brilhante. Quando os homens começaram a se multiplicar e se espalhar pela Terra, alguns filhos de Deus (anjos) foram tomados de paixão pelas mulheres humanas, que eram consideradas belas. Dessa forma a queda foi atribuída a um pecado sexual, sendo a mulher objetivada e considerada culpada, pois a sua beleza seduz e faz cair. Como consequência dessas uniões nasceram os Nefilim, que habitaram o mundo, como os heróis da antiguidade. Esses podem ter sido os semideuses da mitologia grega, que possuíam uma força sobre-humana. O mito estabelece a censura da religião e da cultura grega, pelo perigo de sua assimilação pelo mundo judaico. Assim como a condenação de todos os judeus que se corrompessem com essas ideias diabólicas. Esses anjos caídos, transformados em demônios, também foram acusados de revelarem aos homens os segredos de Deus como: a fabricação do ferro, o poder da sedução pelo embelezamento do corpo, bem como os segredos da religião astral e da magia (SCHIAVO, 2001).

Os demônios são espíritos sem um corpo material, por isso eles precisam dos homens para serem os seus instrumentos na matéria, dessa forma eles se fazem presentes, desde as religiões mais antigas até a racionalidade da sociedade cristã contemporânea. Por causa dessa dependência, eles são revoltados, não podem fazer nada contra Deus, mas podem influenciar a sua criação, a que mais se aproxima da sua semelhança, o homem. Motivados por esse sentimento vingativo, os demônios sempre fomentam a destruição dos seres humanos, o que conseguem quando estes se afastam totalmente de Deus (MACEDO, 1990).

Os seres humanos estão acima dos demônios, por causa da mensagem de Jesus Cristo, a qual os leva à salvação, bem como pelo seu livre arbítrio, que lhes concede a chance de

servir a Deus exercendo a sua liberdade. Enquanto que para os espíritos malignos só resta a sua condição de maldição eterna. Aos olhos do criador essa luta contra satanás e seus seguidores se torna necessária, pois serve como um teste para a fidelidade humana. Numa visão escatológica, existe um plano divino para todas as coisas e criaturas do mundo, no qual o destino de satanás e dos seus demônios já está traçado, pois todos serão atirados num lago de fogo (GOMES, 1994).

A concepção de um castigo divino não é um pensamento exclusivo do Catolicismo. Esse artifício para o convencimento da vontade do homem foi utilizado pelas grandes religiões, ao longo da história da humanidade. Essa ideia pode conduzir os seres humanos à modificações mentais, de acordo com padrões éticos e morais estabelecidos pela instância religiosa (OLIVEIRA FILHO, 2013).

Os espíritos do mal tem desejos, os quais os homens podem satisfazer, como o de serem adorados. Eles têm a capacidade de se mostrarem sob diversas formas e nomes. No kardecismo, num ambiente social mais elevado, eles fingem ser espíritos de mortos, que necessitam de uma doutrinação, ou que são seres de outros planetas, com uma mensagem para os homens. Entre pessoas mais desfavorecidas intelectualmente eles se apresentam como Exus, Caboclos ou guias. Generaliza-se que qualquer espírito que se manifeste é um demônio enganador (MACEDO, 1990).

Em relação à mediunidade, com a mesma interpretação da doutrina iurdiana, considera-se que ela não tem um embasamento bíblico, que ela não existe, que no seu desenvolvimento, as pessoas estão se entregando como habitação de demônios. Na maioria das vezes, essas são usadas sem terem a consciência disso, com o seu enredamento diabólico aumentando cada vez mais, o que também causa o distanciamento de Deus. Dessa forma a situação do encosto não é aceita, no caso do homem estar vivendo efetivamente na luz de Jesus Cristo, porém não existe um meio termo, ou se vive no reino de Deus ou no de satanás (VILVERT, 2013).

O Espiritismo kardecista é uma doutrina que se articula com as instâncias do conhecimento humano, mediando uma interface entre as dimensões física e a espiritual, as quais modulam em frequências energéticas diferentes, mas que são componentes de um mesmo todo universal. Dentro desse escopo, a mediunidade é a capacidade do ser humano de estabelecer uma comunicação com a vertente espiritual, a qual transcende o contexto da matéria sensível. Ela não é um poder, que pode ser conquistado por práticas rituais. Ela se configura numa sensibilidade para se captar energias mentais do mundo espiritual, mas é uma faculdade física inerente ao corpo da pessoa que a evidencia. O seu desenvolvimento se

resume em disciplinar as relações espirituais, de modo que se possa controlar a sua manifestação, o que vem a ser denominada como educação mediúnic, tornando-a uma atividade segura para o seu detentor. O bom médium busca o seu equilíbrio psicofísico, procurando estabelecer a sua volta um ambiente de moralidade, amor e respeito a todos os seus semelhantes, de modo a sempre atrair vibrações positivas para junto de si (PIRES, 1978).

Voltando à doutrina iurdiana: as pessoas endemoninhadas evidenciam um dos seguintes sintomas: nervosismo, dores de cabeça, insônia, medo, desmaios, desejo de suicídio, doenças que os médicos não descobrem as causas, visões de vultos, vícios ou depressão. Assim existem demônios que entram no corpo de um germe, ou de uma bactéria, eles não tem tamanho, podem se alojar em qualquer espaço dimensional, causando uma doença, a qual não se cura com remédios. O mesmo poder que retira um demônio da mente de uma pessoa, também o desaloja de um microrganismo, causando a cura (MACEDO, 1990).

De acordo com Macedo, um endemoninhado, conhecido como Allan Kardec, escreveu o evangelho segundo o espiritismo, que não passa de uma deturpação do Novo Testamento. Segui-lo e estudá-lo, no desenvolvimento espírita, significa se entregar à submissão dos demônios. Satanás é mentiroso e enganador, ele tenta imitar Deus nas obras de cura e de caridade, de modo a iludir os homens (IDEM).

Independente da campanha difamatória orquestrada por Macedo, Allan Kardec era um pseudônimo, o seu nome verdadeiro era Hippolyte Rivail. Na sua juventude ele já possuía todos os predicados inerentes ao caráter de um homem de bem. Quando se destacou na codificação da doutrina espírita havia atingido a meia idade, com uma vasta experiência de vida, pautando o seu comportamento numa retidão moral exemplar. Ao longo da sua existência terrena sempre demonstrou ser um espírito evoluído e caminhante da senda da luz, totalmente apto para desempenhar a missão de esclarecer os outros homens, sobre os meandros da doutrina espírita (IMBASSAHY, 1988).

Existe uma diferença entre força e poder, essa é imposta, enquanto este é autoridade, domínio. Os demônios possuem a força, o Espírito Santo concede o verdadeiro poder espiritual, que é a arma para os expulsar, o que ocorre quando o endemoninhado deseja com todo o seu coração livrar-se da força demoníaca. Se não houver a devida proteção do Espírito Santo, os demônios tentarão levar a sua vítima ao desespero, à morte ou à loucura (MACEDO, 1990).

Os demônios não possuem o poder para transgredir a vontade de um homem, o criador concedeu a este o livre arbítrio, satanás e seus seguidores nunca poderão tirar do ser humano algo que foi dado por Deus. A pessoa só vai se libertar dos demônios quando tiver a força de

vontade e o desejo para isso em todo o seu coração; porém muitos homens tentam se libertar de satanás, mas não querem deixar de servir as suas paixões carnis.

O livre arbítrio do homem, quando vislumbrado pela ótica filosófica de Erasmo de Roterdam, constitui-se numa vontade racional, sendo racional compõe a concepção da sua consciência de Deus. Dessa forma a racionalidade humana sempre está inclinada para o bem, com a inexistência do mal, pois ele é o não ser da vontade. Esta quando busca o mundo sensível não gera o movimento em direção ao divino. A vontade racional, ao agir com plena liberdade, sempre se direcionará à dimensão superior, buscando se aproximar de Deus (NASCIMENTO, 2006).

De acordo com o pensamento de Edir Macedo: os demônios são a origem de todos os males que assolam os homens. Assim como, toda doença tem uma causa num microrganismo, este atua através de uma força inclusa em si, a qual não se origina em Deus, mas que pode ser identificada como um demônio. Quando este é expulso, a doença para de atuar e a pessoa está curada. O homem também deve procurar ter uma vida regrada e sadia, não se expondo às doenças transmissíveis. Toda pessoa endemoninhada apresenta sintomas de doenças: mentais, físicas ou espirituais. A doença mental é provocada por demônios que atacam a pessoa pelo intelecto, de forma direta, ou indireta infiltrando na sua mente uma razão científica ou filosófica. Através das doenças físicas tentam atingir a submissão do homem. As doenças espirituais apresentam sintomas, porém os médicos não conseguem diagnosticar as suas causas. Quando se consegue a expulsão do demônio a cura é imediata. Muitas pessoas, por impaciência, não esperam o tempo de Deus para que as coisas positivas aconteçam nas suas vidas, então procuram soluções com os espíritos demoníacos, sendo possuídas por estes. Todos os trabalhos e despachos têm o propósito de agradar a uma entidade e se conseguir favores dela (MACEDO, 1990).

Ainda de acordo com a doutrina iurdiana: quando o culto às tradições em cerimonialismos vãos, a motivação para a construção de templos suntuosos, o foco direcionado para o setor político, a negligência da luta contra satanás, passam a estar em primeiro lugar nas atividades de uma denominação evangélica, esta está perdendo a guerra contra os demônios, bem como sendo guiada por espíritos enganadores, causando o enfraquecimento dessa igreja.

A Iurd tem alicerçado as suas atividades religiosas no poder de Deus, conferido pelo Espírito Santo, por isso ela constantemente tem vencido as batalhas contra satanás. Nas suas reuniões os demônios são invocados, humilhados e expulsos, se alguém chegar num desses cultos, de libertação das pessoas, vai pensar que está num centro espírita. Quando se faz as

orações para alguém, com a autoridade concedida por Jesus Cristo, ordena-se aos espíritos malignos que saiam dos seus esconderijos e se apresentem, quando então eles são expulsos. No culto, o poder de Deus sobre os demônios tem que ser praticado, mas para exercê-lo deve-se estar revestido do mesmo. Para se desempenhar essa autoridade, em nome de Jesus, precisa-se realmente crer que ele é o único que proverá a salvação aos homens. Assim, ao se ordenar aos demônios para que saiam de um corpo, a investidura da autoridade exercida é confirmada pelo Espírito Santo (MACEDO, 1990).

A satanização das denominações religiosas de matriz africana é a principal coluna de sustentação da liturgia da Igreja Universal, esta utiliza uma estratégia de confronto direto, no qual o nível das hostilidades atingiu um parâmetro sem precedentes na história das religiões no Brasil, numa atitude cristã de enfrentamento ostensivo. O próprio Macedo supervalorizou a força das legiões demoníacas, quando afirmou que um terço da população brasileira era adepta ao espiritismo, em consequência estaria dominada por satanás. A libertação dessas pessoas, para o caminho de Deus, seria a grande missão da Iurd no Brasil e no mundo. Na execução desse intento a tática ideal seria partir para o ataque, com os cristãos perseguindo o demônio de forma ativa e incessante (MARIANO, 2007).

A guerra santa promovida pela Iurd, direcionada principalmente contra as RMA, expressa-se diferentemente das outras denominações evangélicas, pois o interesse dela está focalizado em expulsar o demônio e seus auxiliares da vida dos não evangélicos e não entre aqueles que já vivenciaram o poder de Jesus Cristo, numa limpeza interna do seu próprio círculo. Assim sempre estará numa posição de ataque.

1.2.2 O credo e os rituais

De acordo com a liturgia da Iurd, o contato com Deus, para o qual ela é a mediadora, constitui-se num meio inquestionável do converso alcançar os benefícios materiais que almeja. O paraíso que seria atingido só após a sua morte fica para segundo plano (ORO, 2005).

A guerra iurdiana, permanente, contra satanás é a base principal do seu universo simbólico. Com esse pensamento ela estimula os seus fiéis a participarem da política como eleitores ativos, de modo a ajudarem na vitória contra o diabo. Este opera fomentando a corrupção, bem como os atos ilícitos e antiéticos. O voto para o crente iurdiano, é mais do que o exercício da cidadania, evidencia-se como uma prática de cunho religioso, um gesto de exorcismo dos demônios. Quando se purifica a tudo e a todos com o poder do Espírito Santo,

mobilizando-se a cosmovisão de todo um universo simbólico, dentro da perspectiva de guerra santa (CÁCERES, 2006).

Na Iurd o fiel estabelece uma relação contratual com Deus, na qual esse cumpre as suas obrigações, junto à igreja, entregando a sua oferta com amor e alegria. Quanto maior o sacrifício maior será a sua demonstração de fé. Dessa forma ele adquire o direito de cobrar do onipotente a execução da sua parte, isto é a concessão da graça divina, conforme tenha sido o pedido do crente.

O criador não quebra a sua palavra, ele é passível de ser coagido e manipulado para o atendimento dos desejos terrenos. Essa mediação entre Deus e o fiel é exercida pelos pastores da Igreja Universal nos seus cultos. Através do pagamento do dízimo, em diversos momentos durante as reuniões, com doações em dinheiro, o que acarretará no recebimento de um bem material muito maior (CÁCERES, 2006).

Assim que o crente cumpre o seu sacrifício, ele passa a viver como se já tivesse recebido a graça pretendida, obrigando-se Deus ao cumprimento da sua parte no acordo, criando uma agregação entre a divindade e o fiel, num ato de reciprocidade, que não pode ser rompido. A Iurd prega o princípio de que é dando que se recebe, os pedidos ao serem atendidos configuram derrotas dos espíritos demoníacos, que são os causadores de todos os males.

Em determinados dias de culto são executadas as correntes rituais: nas segundas-feiras são oferecidas soluções mágicas para aqueles que buscam a prosperidade; nas terças a cura física; nas quintas são apresentadas respostas aos problemas familiares e afetivos; nas sextas-feiras são promovidos os exorcismos; no sábado se repete o ritual da prosperidade. Nas quartas e nos domingos os rituais são direcionados para o Espírito Santo, com o objetivo de aproximar os fiéis de Deus, de modo a tornar o crente mais generoso em relação as suas ofertas. Essas correntes se repetem sequencialmente, as quais devem ser frequentadas de forma assídua pelo crente, de modo que os seus interesses consigam ser efetivamente alcançados. Cada corrente tem a sua finalidade específica, numa diversificação do repertório simbólico, com os seus modos peculiares de participação. Bem como qual o sacrifício, isto é, qual a quantia em dinheiro que o fiel terá que entregar ao templo para ficar habilitado a receber a benção desejada (CÁCERES, 2006).

Existe uma analogia dessas correntes com os ciclos mágicos das RMA. Nestes se pretende liberar a força vital e dinâmica, por meio de obrigações que são direcionadas a uma entidade sobrenatural, isso reforça os seus laços de união com o povo santo dessas denominações.

Os pastores justificam as similaridades, das suas práticas mágico-religiosas com esses aspectos da liturgia afro-brasileira, apresentando a ideia de que estas são formas de satanáis inverter o sentido dos fundamentos bíblicos. Assim a Iurd não nega as crenças das RMA, ela modifica o sentido das suas significações, submetendo-as à dualidade cristã do bem e do mal, visualizando as suas entidades como manifestações dos demônios. De acordo com a teologia iurdiana toda forma de manifestação espiritual, no corpo de uma pessoa representa a influência de um demônio sobre esse ser. Pode-se considerar que a Igreja Universal manipula de forma ilimitada o simbolismo religioso popular brasileiro, assimilando e utilizando em seus rituais processos empregados em outras denominações concorrentes. A distribuição de objetos sagrados, os quais são referenciados em passagens ou em personagens bíblicos, com os fiéis pagando as ofertas estipuladas para os adquirir: sal do Mar Morto, areia das praias da Galiléia, óleo do Monte das Oliveiras, água do Rio Jordão, espadas de plástico, cruzeiros e chaves. Todos creem com fé nos poderes mágicos desses objetos (SILVA, 2005).

A retirada de encostos, a rescisão do mal olhado, o fechamento de corpo visando uma proteção espiritual são atividades corriqueiras nos seus cultos. Na corrente de mesa branca a Iurd faz alusão às práticas espíritas kardecistas. No dia de Cosme e Damião é feita a distribuição das balas unguidas para as crianças. O acarajé, que é uma comida votiva do candomblé e vendido nas ruas por filhas de santo quituteiras, é substituído pelo acarajé do senhor, que é preparado por mulheres evangélicas.

Esse alimento, que se constitui de um bolinho de massa de feijão fradinho, com cebola e sal, frito no azeite de dendê, foi trazido para o Brasil pelos escravos africanos. Considerado um componente da identidade dos tabuleiros das baianas, sempre foi vendido nas ruas de Salvador, do Rio de Janeiro e do Recife, há uns 200 anos. Neste contexto histórico, essas mulheres eram conhecidas como ganhadeiras, algumas eram negras libérras. Mas na sua grande maioria escravas que eram colocadas na atividade comercial pelos seus proprietários visando o lucro das vendas. A quantia que fosse além do que elas deveriam entregar, diariamente, aos seus proprietários poderia ficar para elas. Assim muitas conseguiam juntar a importância necessária para comprar a sua alforria (ÉVORA, 2015).

Até a atualidade, muitos tabuleiros, durante a sua preparação passam por rituais de limpeza carregando símbolos das RMA, como jarros de cerâmica contendo folhas de plantas, as quais se atribuem poderes mágicos, com todo um sentido sagrado. Pela sua consagração como comida votiva ao orixá Oyá, este alimento quando é oferecido para a entidade tem que obedecer a uma quantidade de preceitos na sua preparação, que são realizados mediante a fala de certas palavras de encantamento, evocações e cantigas sagradas.

Com a chegada do neopentecostalismo iurdiano, muitas quituteiras se converteram ao neopentecostalismo, deixando de usar as vestimentas tradicionais. Algumas passaram a obedecer às liturgias da Igreja Universal, com o seu processo de demonização de todos os elementos de culto afro-brasileiro. De modo a poderem continuar com a sua fonte de renda, com a venda dos acarajés, essas mulheres promoveram uma ressignificação do quitute criando o acarajé de Jesus, desmembrando a sua ligação votiva com as RMA. Os tabuleiros passaram a ser enfeitados com bíblias e adesivos cristãos. Mas a memória mantém as relações do acarajé com a religiosidade afrodescendente (ÉVORA, 2015).

A herança cultural que se estabeleceu com o acarajé está amalgamada no imaginário religioso popular, pois foi configurado num processo de construção simbólica coletiva. A ressignificação empreendida pelas seguidoras da Igreja Universal dá origem a uma disputa pelo espaço mágico entre a tradição ancestral e a nova dinâmica cultural iurdiana que está sendo implantada. Há necessidade de que se faça uma reflexão aprofundada sobre esse contexto de busca a uma nova normalização cultural, indexada às vertentes religiosas antagônicas, no campo da disputa proselitista de monopólio da representação do sagrado na sociedade.

Às sextas-feiras, nos templos da Igreja Universal, é propiciado o ritual do descarrego, no qual o crente é aspergido com galhos de arruda molhados numa bacia de água fluidificada e sal, às vezes o fiel leva a rama da planta para a sua casa, onde os males são transferidos para ela e levados para o templo, onde a mesma é queimada (MARIANO, 1996).

Para que essas práticas surtam efeito, o crédulo tem por obrigação frequentar com assiduidade as correntes de oração, no período de tempo que for determinado, normalmente com uma duração de sete a nove dias. A quebra da corrente pelo não comparecimento causará o não recebimento da graça pretendida. Os pastores orientam os fiéis para que alguns objetos sagrados distribuídos nessas correntes sejam colocados nos alimentos, ou mantidos junto ao corpo. Também se faz uso de fotografias, as quais são benzidas todos os dias nas sessões de ritual. Ainda se queima a pólvora para a limpeza do corpo.

Na Quimbanda são realizados rituais em homenagem a Exu e a Pomba-Gira, esta, visualizada como uma versão feminina de Exu. Ela é uma entidade sensual e feminina, direcionada para o amor carnal e os relacionamentos conjugais. Na Iurd esses rituais também foram sincretizados, com a utilização de flores, perfumes, banhos com água fluidificada, sabonetes de limpeza espiritual e de limpeza das roupas (SILVA, 2005).

No Candomblé os pareceres espirituais são, normalmente, elaborados sob a mediação do Pai de Santo, com as respostas sendo proferidas através do jogo de búzios. Sem que se

tenha o transe, não se formulando nenhum contato entre o consulente e a entidade espiritual. Na Igreja Universal as consultas espirituais são realizadas, ao vivo, nos programas de televisão, com os pastores apresentadores se identificando como consultores espirituais, sendo os mesmos assessorados por ex Pais de Santo convertidos à denominação religiosa iurdiana, os telespectadores fazem contato por meio telefônico para buscar o auxílio as suas necessidades, o diagnóstico dado pelos pastores sempre envolve a presença dos demônios, ou tendo como causa trabalhos de bruxaria (ORO, 2005).

Nos templos iurdianos, as consultas espirituais ocorrem antes dos cultos, quando os ex Pais de Santo atendem os carentes de socorro, com uma semelhança muito grande ao que acontece nos terreiros de Candomblé. Nos cultos são estabelecidos corredores, de duas fileiras paralelas, formados por pastores e ex Pais de Santo, os quais ficam com os braços levantados e os fiéis atravessam pelo centro, de modo que estes sejam libertados dos encostos e dos trabalhos demoníacos que são vítimas.

No dia da corrente específica, nos templos da Iurd, em sessões muito concorridas pela sua importância litúrgica, os espíritos malignos são chamados e repelidos dos corpos de alguns presentes. Esse ritual de exorcismo é o principal instrumento empregado pelos pastores da Universal, nele estes demonstram, para a assistência, todo o poder que exercem sobre os demônios. Os espíritos impuros são invocados por gritos de ordem, até que se manifestem. Os mesmos são humilhados publicamente e expulsos dos corpos de suas vítimas, com o uso de orações pronunciadas pelos pastores que se revezam nessa atividade (MARIANO, 1996).

Enquanto os fiéis, de olhos fechados e de pé, oram acompanhando as palavras proferidas pelo pastor, os obreiros circulam pelo templo observando atentamente todos os presentes, procurando demônios escondidos, cujos indícios podem ser: um leve tremor, lágrimas, um mal estar, ou qualquer desconforto físico, nesse caso o obreiro se lança sobre a pessoa, segura-a pela nuca, impõe a outra mão sobre a sua cabeça, a qual é balançada freneticamente para os lados, ao mesmo tempo que grita no ouvido dessa para que o demônio se manifeste e que, em nome de Jesus, saia e queime, até a libertação do possesso.

Nos casos mais recalcitrantes o endemoninhado é conduzido até o púlpito, onde perante toda a assistência, com o espírito maligno já submetido ao poder divino, devidamente amarrado, isto é, com as mãos para trás do corpo, em forma de garra, numa imitação da posição das mãos durante o transe de Exu na Quimbanda. O pastor entrevista o espírito maligno, inicialmente procurando identificar o seu nome, este sempre se denomina como uma das entidades religiosas afro-brasileiras. Num segundo momento o pastor questiona a entidade sobre como ela se apossou da sua vítima, depois pergunta quais os males que ela está

provocando no possesso. Finalmente o demônio é humilhado e expulso do corpo da pessoa, em nome da glória de Cristo, nesse momento as religiões afro-brasileiras são desqualificadas, afirmando-se que satanás age no mundo através delas (MARIANO, 1996).

Em todos os rituais iurdianos a palavra falada possui uma grande significação mágico-religiosa, tanto nas sessões de exorcismo quanto nas de cura. Nas primeiras acontece uma verdadeira efervescência coletiva com a participação do público presente, que também ordena em altos brados, para que os demônios saiam e queimem. Nós podemos observar um duplo simbolismo: a presença das línguas de fogo do Espírito Santo e o poder das palavras ditas com fé, tendo como referência os escritos bíblicos da Gênese, pelos quais Deus criou o mundo com o poder do verbo. Nos atos de cura os pastores pedem para os crentes fecharem os olhos, com palavras carregadas de emoção e autoridade eles ordenam, em nome de Jesus, que os males saiam dos corpos dos doentes (CÁCERES, 2006).

As Escrituras Sagradas, visualizadas como a resultante de toda verdade revelada pelo divino, são pouco lidas, porém são utilizadas como uma ferramenta mágica nos rituais da Iurd, sendo empregadas na construção de um universo feiticeiro e mitológico, bem como a simbologia do fogo. Tudo isso beira as fronteiras das cosmovisões das RMA, dentro de um contexto de tradições orais, como instâncias transformadoras da realidade (SILVA, 2005).

Os rituais da Igreja Universal basicamente se resumem num bem elaborado e organizado sistema mágico, o qual procura, através do uso de poderes sobrenaturais, solucionar os problemas terrenos dos seus fiéis concedendo: prosperidade material, cura física e emocional, resolução das pendências familiares e afetivas, promoção de uma integração social e a libertação dos demônios. Com esta última se caracterizando como a bandeira principal da sua guerra santa contra todas as manifestações de satanás no mundo. Os seus templos são prontos socorros espirituais que atendem as necessidades diárias de uma população carente e sofrida.

As atividades diárias das casas de culto iurdianas se constituem, resumidamente, em ações de contrafeitiços, pela sua liturgia direcionada à prática exorcista e pelas suas correntes de oração, com a formulação de todo um universo mágico-religioso, o qual tem a sua origem nos meandros do imaginário da religiosidade popular. Vindo a solucionar problemas materiais, familiares, afetivos e físicos. Anulando todo o mal disseminado pelo diabo e pelas suas legiões de seguidores (MARIANO, 2007).

O termo codependência representa uma anomalia estudada na psicoterapia, ela significa uma condição emocional, psicológica e comportamental, que é causada pela exposição prolongada de um indivíduo a determinada prática, que pode ser o uso de uma

substância viciante por uma outra pessoa, com aquele indivíduo absorvendo os efeitos dessa prática. Essa relação pode ser justaposta à teologia para explicar a analogia ritualística do neopentecostalismo iurdiano com as RMA. Essa aproximação doutrinária entre denominações distintas é chamada de codependência religiosa. Como motivação interna os membros da Universal, realmente, creem que são o povo escolhido por Deus, que a salvação das suas almas já está garantida, pois são os legítimos evangélicos, seguidores das tradições da reforma protestante. Como motivação externa eles acreditam que as manifestações religiosas das RMA, nas quais o homem entra em contato com entidades espirituais, são manifestações dos demônios a serviço de satanás. Dessa forma muitos rituais das RMA são ressignificados e praticados nos templos da Iurd, principalmente nas suas sessões de exorcismo. Todas essas religiões seguem uma mesma cosmogonia. Mas que caracteriza a magia iurdiana como boa, provinda de Deus e a magia das RMA como diabólica. Assim a Universal teria condições de oferecer aos homens as soluções mágicas que as denominações religiosas afro descendentes, efetivamente, não podem, por causa da sua conotação maléfica. Essa condição faculta aos membros da Iurd a missão de salvar as almas daqueles que jazem na perdição, demovendo todos os esforços proselitistas para trazer os iníquos para a sua esfera salvífica, afastando-os das influências satânicas. Para a Universal não existe um meio termo, ou as pessoas estão libertas do jugo do diabo, ou continuam sob o seu controle. Para que o mal não retorne à pessoa, faz-se necessário que ela se converta à essa religião neopentecostal (NASCIMENTO, 2018).

Dessa forma a Iurd desenvolveu um sistema ritualístico pela apropriação e ressignificação dos elementos simbólicos de outras religiões: do Catolicismo ela incorporou as concepções milagrosas, pecado, inferno e o dualismo Deus e satanás; das RMA ela hibridou a sua cosmovisão feiticeira.

1.3 Os mecanismos que demonizam as religiões afro-brasileiras

No século XVI, com o advento das guerras religiosas, entre católicos e protestantes, os nascentes Estados Nacionais europeus procuraram estabelecer leis que promovessem a tolerância e a liberdade religiosas, bem como o seu fiel cumprimento, de modo que se pudesse manter um ambiente de paz nas suas sociedades (CARVALHO, 2011).

Historicamente, a tolerância revela a sua praticidade nas instâncias: religiosa e política, bem como nas relações com as minorias étnicas, linguísticas e raciais, assim como para todos os visualizados como diferentes. A tolerância de crenças e ideias se manifesta na

relação de compatibilidade entre verdades absolutas contrapostas. Quando a certeza de se afirmar uma verdade absoluta se configura como uma falácia, estabelece-se o preconceito. O questionamento fundamental que se faz, em relação à tolerância religiosa é: como se tornar compatíveis duas verdades opostas, de forma teórica e prática? (BOBBIO, 1992).

Ao se visualizar a tolerância como uma necessidade, parte-se do seguinte pressuposto: não se vai renunciar a sua própria convicção religiosa. Uma verdade absoluta terá a sua afirmação reforçada ao se suportar o erro alheio. Historicamente, uma atitude de intolerância iria evidenciar essa ideia contrária.

No estabelecimento de uma atitude tolerante, com a convicção de que a minha verdade é absoluta: se a minha posição social é mais forte, o ato de se aceitar o erro do outro, configura-se como uma decisão astuciosa, pois mediante uma atitude de perseguição intolerante, a verdade errada, na situação de vítima, poderia se propagar; se eu sou o lado fraco no embate entre duas verdades, o ato de se suportar o erro, do outro, torna-se uma necessidade, assim eu mantenho a esperança de existência da minha verdade, que no futuro ela pode ser aceita; se os dois lados defensores de verdades opostas são iguais, a tolerância se fundamenta numa convivência pacífica, como uma troca. Pois se me arrego o direito de perseguir, também atribuo aos outros o direito de me perseguirem. Em todas essas ocorrências, o estabelecimento da tolerância é a resultante de um cálculo circunstancial, não se prende ao juízo de fidedignidade de uma ou outra das verdades antagônicas (BOBBIO, 1992).

O ser humano sempre atende os seus interesses próprios à luz dos interesses do seu semelhante. Mas por um princípio moral, não se renuncia a própria verdade, porém se respeita a concepção do outro. Essa forma de pensar se estabelece no ambiente de um governo democrático, no qual todo o ser humano tem o direito de exercer a sua liberdade religiosa, de acordo com a sua consciência. Assim é facultado ao outro, a oportunidade de se acercar da minha verdade, através da sua própria convicção íntima e não por uma imposição.

A tolerância, no seu sentido positivo, representa a oposição a uma situação de exclusão, em relação ao diferente. A essência do pensamento tolerante se configura na existência do direito de convivência que se imputa à ideologias antagônicas, partindo-se do pressuposto de que aquele que se considera detentor da verdade absoluta, concede o direito ao erro às demais linhas de pensamento, respeitando as suas consciências e as expressões das suas interpretações da verdade (MARIANO, 2007).

No contexto de um Estado laico, uma transgressão à liberdade de religião é visualizada como um fato não justificado, contra a consciência religiosa. No Brasil procura-se manter

uma estabilização entre a liberdade de expressão e a inviolabilidade da liberdade. Isso se consegue com o uso do princípio da proporcionalidade e do direito fundamental. Aquele se configura pela aplicação da: adequação, da necessidade e da ponderação (CRUZ; MAGALHÃES; REZENDE, 2017).

Num ambiente de liberdade individual plena é muito difícil distinguir os atos de intolerância, nos quais não se aplicam o uso da força e da violência física. Uma forma de caracterizar essas ações seria verificar a sua capacidade de produzir ódio. Pode-se emitir o seguinte questionamento: a Igreja Universal, nas suas ações irrestritas de combate às religiões de matriz africana, inspira e dissemina o ódio?

O crime cometido contra o sentimento religioso tem os seus atos apensados pelo direito positivo de forma específica, mas o efetivo enquadramento de um ato como um crime dessa modalidade, depende da interpretação dos representantes legais do Poder Público. Existe uma resistência por parte destas autoridades em caracterizar as denúncias apresentadas pelos dirigentes das casas de culto afro-brasileiro como crimes, conforme a lei. Sendo as mesmas visualizadas como simples casos de concorrência religiosa (MARIANO, 2007).

Os termos intolerância e discriminação não tem o mesmo significado, o estabelecimento de um sistema de governo pautado no respeito às liberdades individuais, num contexto de tolerância religiosa, não avaliza que não venham a ocorrer atos de discriminação. As RMA, de acordo com a legislação laica do Estado Brasileiro, são oficialmente toleradas, porém elas são discriminadas por vários setores da nossa sociedade. Elas estão sempre buscando o reconhecimento e o respeito para a sua liturgia, mesmo sem possuírem as visibilidades social e política necessárias (SILVA, 2005).

O exercício pleno da liberdade religiosa, numa sociedade, implica que também estejam ativas as liberdades: de culto, de crença, de pensamento, de consciência e de expressão. Apenas num regime democrático, com o devido estabelecimento legalista das garantias individuais, esse contexto poderá ser configurado na sua plenitude. Nesse estado de direito podem ocorrer embates culturais e conflitos religiosos, pois não existe a certeza de uma coexistência igualitária entre as diferentes religiões, que competem pela hegemonia no mercado que demanda o sagrado.

A interpretação dos atos de intolerância religiosa, praticados por membros da Igreja Universal como crimes, quando esses consideram como manifestações do demônio a liturgia de outras religiões, que concorrem com ela pelo domínio das mentes de um público alvo, conforme a Constituição, podem ser visualizados como cerceamento da sua liberdade religiosa. Mas ao praticarem, com toda a intensidade, o seu direito de expressão, utilizando as

diversas mídias da comunicação de massa, os pastores da Iurd hostilizam de forma ostensiva, principalmente, as RMA, vindo a interpretar ações que desqualificam moralmente os líderes dessas denominações religiosas, configurando atos explícitos de violência simbólica. Os fieis iurdianos acreditam, com a plenitude dos seus corações, na necessidade da sua intervenção contra satanás e a sua legião de espíritos impuros (MARIANO, 2007).

A Iurd estabeleceu um parecer de oposição sistemática a todas as religiões de matriz africana, com a realização da sua cruzada contra o diabo, o qual é responsabilizado por todos os males que atingem os homens no mundo. As entidades espirituais afro-brasileiras são identificadas como espíritos malignos (SILVA, 2005).

A liderança da Igreja Universal assumiu a missão de acudir, curar e abençoar as vítimas das ações do diabo. Mas nessa contenda diária pela propriedade dos corpos e das mentes dos homens, satanás sempre está com a iniciativa. Assim as ações divinas são direcionadas de acordo com o desenlace das batalhas astrais que são combatidas pelos pastores da Iurd, independentemente do poder superior de Deus. A reação do Criador, perante a práxis demoníaca, está condicionada pelo livre arbítrio do ser humano. Surge a necessidade de se orientar este para o bom caminho cristão na dimensão material, através de atividades evangélicas, das orações e dos rituais exorcistas, que anulam o mal (MARIANO, 2007).

O processo de evangelização, bem como o aparato mágico-religioso ofertado pela Igreja Universal aos seus frequentadores, são disponibilizados para atrair e recrutar os chamados ímpios. Assim como resolver os problemas mundanos e espirituais dos seus fiéis seguidores. Todos acreditam cegamente que a passagem de Jesus Cristo pelo mundo dos homens se realizou para que estes pudessem usufruir de um oceano de prosperidade material, saúde e pleno êxito nas suas vidas. Esse ambiente favorável à existência humana, em todos os seus sentidos, só pode ser alcançado mediante as vitórias nos combates diários contra o demônio. Todas as ações iurdianas estão em franca oposição às obras de satanás no mundo. Esse embate se torna inevitável, pois ele está estabelecido na analogia, defendida pela Igreja Universal, entre a libertação do controle do diabo e a libertação dos males que afligem ao ser humano.

No combate contra as forças das trevas a Universal se tornou dependente delas, pois na sua liturgia dicotômica ela precisa da existência do seu inimigo principal para poder continuar empunhando a sua bandeira proselitista, dessa forma a Iurd vence batalhas consecutivas, mas não se configura um embate final e permanente, que pusesse fim à guerra santa (CÁCERES, 2006).

Dentro desse contexto, a cerimônia de exorcismo se configurou como a principal atividade litúrgica iurdiana, na qual o pastor interroga a entidade manifestada, conseguindo desta a confissão de que ela estava enganando a sua vítima, fazendo-se passar por uma entidade benévola, bem como prejudicando-a de alguma forma física. De acordo com essa percepção da Universal, as pessoas que frequentam os templos das RMA, acreditam realmente que estão servindo ao divino, o que seria inconcebível, pois para aquela denominação religiosa qualquer relação com espíritos é um pecado contra Deus. Os demônios precisam de corpos humanos para poderem se manifestar na matéria, quando o homem que está sob o seu poder morre, eles procuram um outro corpo, os entes queridos do falecido são preferencialmente os escolhidos (MARIANO, 1996).

Nas sessões de exorcismo da Universal as entidades afro-brasileiras que mais são identificadas, generalizadamente, são os Exus e as Pombas-Gira, ambos simbolizam de forma sincrética o demônio judaico-cristão. Essa analogia mágico religiosa aproximou o neopentecostalismo iurdiano das RMA. De acordo com os líderes espirituais destas as entidades que se manifestam nos cultos neopentecostais são os eguns, antepassados mortos, que no Candomblé também são chamados de encostos, os quais realmente causam perturbações na vida das pessoas, quando se manifestam nelas, devendo ser afastados para não atrapalharem o culto aos verdadeiros Orixás (SILVA, 2005).

Nos corpos e nos terreiros, em que se recebem os Orixás não se manifestam os eguns; os filhos de santo do Candomblé têm as suas cabeças protegidas das ações desses espíritos. Os integrantes do povo santo, nos períodos das cerimônias direcionadas aos Orixás, portam no braço uma fita mágica de palha, denominada de contra egun, a qual vai lhes dar a proteção necessária, enquanto realizam os trabalhos rituais.

Nos templos da Universal o transe das religiões afro-brasileiras, passou por um processo de ressignificação, como evento principal nos rituais de exorcismo. A Iurd combate uma dimensão que ela mesma fortalece como ideia, pois a essência desta está incutida no subconsciente mágico e imaginário da religiosidade popular brasileira. Mesmo com o transe do Espírito Santo sendo posicionado secundariamente, na realidade essa prática aproxima bem mais essas denominações religiosas, numa semelhança estrutural, ao invés de as diferenciar (CÁCERES, 2006).

No contexto da Igreja Universal isso é consequência da sua busca ao monopólio do mercado religioso, na prestação de serviços mágicos para se solucionar os problemas existenciais das camadas menos favorecidas economicamente da nossa sociedade. A liturgia da Iurd visualiza o corpo humano como o santuário sagrado do eu e de Deus, que o criou a

sua imagem e semelhança. As muitas tentativas dos demônios para tentar se apossar e destruir essa obra divina devem ser combatidas, com esse eu sendo fortalecimento pelo poder do Espírito Santo, com a devida mediação do pastor, como fiel depositário desse poder no mundo dos homens (MARIANO, 2008).

Na Iurd nós podemos observar a produção de uma religiosidade, cuja experiência vivificante se faz presente no próprio corpo do crente, o que já é uma característica tradicional das religiões afro-brasileiras. O combate destas por parte da Universal, além da finalidade proselitista e hegemônica, visa também atrair novos fiéis, os quais buscam soluções imediatas de forte apelo mágico, que também tenham uma legitimidade social (CÁCERES, 2006).

Toda essa oposição às RMA se justifica na interpretação de textos bíblicos, elaborada conforme a doutrina religiosa da Igreja Universal, porém, na sua vertente mundana, tem por finalidade implementar a conversão dos seguidores das denominações religiosas concorrentes, eliminando a ação dos cultos rivais, com o fechamento dos seus templos, que estejam próximos às igrejas iurdianas (MARIANO, 1996).

Apresentando a essência das ideias do universo iurdiano, a partir do momento em que a sociedade não pode tomar as medidas cabíveis contra as relações dos homens com os demônios, aquela denominação religiosa neopentecostal assume a iniciativa de levantar a sua voz fazendo uso do poder, que seus membros acreditam lhe ter sido conferido pelo Espírito Santo, para anular todas as obras de satanás.

As pessoas só estarão imunes aos ataques das entidades malignas, quando se renderem totalmente ao poder auferido por Jesus, o qual só é concedido efetivamente nos templos iurdianos. As igrejas precisam disseminar, de forma ostensiva, que só Cristo salva, pelo batismo do Espírito Santo, apenas assim as pessoas estarão livres do diabo. Todos os fiéis devem procurar atingir os frequentadores das religiões afro-brasileiras, sempre com compaixão, mas que estes saibam que se não abandonarem os seus rituais diabólicos serão condenados por Deus (MACEDO, 1990).

Dentro do universo das denominações evangélicas, nós podemos encontrar uma forte divergência, em relação ao pensamento teológico da Universal, bem como aos seus objetivos mercadológicos, os quais são considerados verdadeiras heresias e inaceitáveis para a tradição protestante (JUNGBLUT, 1997).

As religiões são sistemas constituídos por crenças e práticas simbólicas, que têm a finalidade de conectar os homens com a dimensão do sagrado, de modo que esses possam se relacionar com as entidades sobrenaturais que a habitam. Elas são expressões determinadas pelo arcabouço cultural do seu grupo de fiéis. O contexto histórico das denominações afro-

brasileiras foi formulado no conjunto das relações sociais que se desenvolveram entre os três principais grupos étnicos formadores do povo brasileiro: o negro, o branco e o índio.

Esse complexo processo de hibridação que se elaborou, com o encontro desses três tipos de religiosidade, apresentou imposições, contradições e justaposições, sempre sob a hegemonia do Catolicismo, que foi imposto pelo elemento branco colonizador sobre as demais matrizes étnicas envolvidas na relação. Mas haviam analogias fundamentais que aproximavam o catolicismo popular, as religiões indígenas e as africanas. Como todo o aspecto mágico e devocional, que se faz necessário para se estabelecer o diálogo com entidades mediadoras (SILVA, 2010).

As diferentes religiões africanas, que foram trazidas para o Brasil pelos escravos, tiveram que dialogar entre si, de modo a consolidar as suas semelhanças e contornar as suas diferenças, através de um processo de ressignificação. Como elementos comuns, todas praticavam o transe, a associação com as forças da Natureza, bem como a alimentação ritualística, com o intuito de estabelecer a sintonia dos homens entre si e com as divindades.

A necessidade do elemento negro em recompor uma identificação religiosa comum, mesmo submetido às condições desumanas do regime escravocrata, bem como, mais tarde, com a assinatura da Lei Áurea, entregue ao desamparo social, levou ao desenvolvimento das RMA. No Candomblé houve a centralização dos cultos aos diversos Orixás, que na África eram divindades regionais e familiares. Dessa forma, nos terreiros os clãs africanos foram reinventados, sob a égide dos Pais e das Mães de Santo, aos quais o povo santo, como são chamados os seus grupos de fiéis, deve irrestrita obediência. Porém não há uma homogeneidade litúrgica, cada centro de Candomblé tem em seu chefe a autoridade máxima dentro do seu território, onde exerce a sua devida autonomia, com as suas próprias peculiaridades ritualísticas (SILVA, 2010).

Com exceção da Umbanda, não existe uma literatura sagrada que unifique a doutrina, muito menos registros históricos escritos, nem uma institucionalização burocratizada. Os ensinamentos doutrinários são repassados oralmente. Líderes religiosos possuem cadernos de anotações como uma forma particular de memorial escrito. Outro aspecto a se destacar é que o sistema ético não segue a visualização cristã dualista do bem e do mal. Os devotos não têm os seus comportamentos, fora do terreiro, limitados por uma conduta moral codificada.

Os componentes litúrgicos das RMA, ao longo do contexto histórico brasileiro, sempre foram vítimas de uma forte intolerância religiosa e de discriminação social, principalmente o transe e o sacrifício cerimonial de animais do Candomblé, os quais foram identificados com rituais da magia negra e da feitiçaria, bem como das entidades Exus e

Pomba Giras que foram demonizadas, tudo assim interpretado, inicialmente, pela Igreja Católica.

Os integrantes da sociedade brasileira, na sua grande maioria, desconhecem o verdadeiro significado da cosmovisão afro-brasileira. Na forma de preconceitos continuam enraizados no imaginário popular como o mal. O que foi reforçado pelas acusações judiciais e pelas ações policiais, até meados do século XX, quando eram interpretados como manifestações de curandeirismo, prática ilegal da medicina e charlatanismo (MARIANO, 2007).

A tradição religiosa judaico-cristã concebe uma polarização entre o bem e o mal, normatizada por preceitos morais, que orientam o relacionamento interpessoal. Nas RMA essa cobrança de atitudes se estabelece entre os homens e as entidades espirituais, formando um sistema de moralidade, que se baseia em preceitos propiciatórios e sacrificiais. Para os princípios dessas religiões, nas relações entre os homens, a prática do bem ou do mal individual tem uma importância secundária (PRANDI, 2010).

Conforme esse contexto as denominações religiosas cristãs são identificadas como repressoras, elas impõem aos homens uma vida sob um constante sentimento de culpa e de pecado, visando a salvação. As RMA são, frequentemente, idealizadas como religiões libertadoras da personalidade. Elas não afirmam uma recompensa ou um castigo divinos após a morte, pois nelas não se concebe o pecado cristão. Para as RMA a vida tem que ser vivida com prazer e alegria, sem nenhum tipo de negação às paixões humanas.

A Umbanda tem uma vertente ritualística, chamada de direita, que atua com entidades espiritualmente desenvolvidas, que sempre praticam o bem para os homens, na cura dos males físicos e espirituais, bem como na defesa contra as ameaças de outras entidades astrais maléficas. Ela também possui uma linha de esquerda, chamada Quimbanda, a qual trabalha com feitiçaria e espíritos malignos, que são almas de mortos, que nas suas vidas terrenas tiveram uma existência socialmente marginal. Eles são anjos decaídos. Alguns líderes religiosos quimbandenses, nomearam diversas dessas entidades espirituais com os nomes de demônios bíblicos. Em consequência elas foram diretamente identificadas com o mal cristão (SERRA, 2001).

Na Quimbanda, as entidades invocadas podem ser masculinas ou femininas. A Pomba-Gira é o espírito de uma mulher, que na sua vida terrena teria sido uma meretriz, sem princípios morais. Possuidora de um forte poder de sedução sexual sobre os homens, vestindo-se escandalosamente nas cores vermelha e preta e com os seus cabelos negros longos. Na sua concepção mítica estão sempre presentes: o sexo, a dor, a desventura, a

infidelidade e a transgressão social. Os masculinos são espíritos de bandidos e de marginais, representados com as mãos na forma de garras e os pés como cascos de animais, vestindo uma longa capa negra forrada internamente de vermelho. Apresentam-se como entidades mal-educadas, despudoradas e agressivas, sempre emitindo gargalhadas ruidosas. São considerados espíritos não confiáveis, que sempre demonstram animosidade e desprezo por aqueles que buscam o seu auxílio e proteção (PRANDI, 2010).

A Pomba-Gira, na sua vida terrena, teria sido submetida às difíceis condições da prostituição, com essa sua existência tendo sido imposta pelas mazelas das necessidades cotidianas, não por prazer à luxúria. Ela foi vitimada pela violência até o momento da sua morte carnal. A sua coragem para enfrentar essa condição humana, pode ser interpretada como uma virtude. Pela qual as pessoas a procuram, na esperança de concretização dos seus anseios materiais mais íntimos, como a vida sexual e o relacionamento humano fora dos padrões de comportamento aceitos e recomendados socialmente. Sem que lhes seja imposta uma cobrança moral, ou uma reprovação social (IDEM).

No geral aqueles, que procuram o seu auxílio, pertencem ao grupo urbano menos favorecido economicamente e marginalizado. Eles buscam soluções para os seus problemas relacionados com fracassos sociais, vida amorosa e sexualidade. Uma análise detalhada dos cultos quimbandenses pode nos ajudar a identificar as aspirações desse segmento social. Com uma vertente menos nobre de concepção popular do mundo e do agir neste mundo, com códigos de ética e de moral aquém dos estipulados pela classe média (SERRA, 2001).

A Quimbanda aceita a realidade mundana. As aspirações das pessoas são todas moralmente possíveis, com o objetivo principal de se alcançar a felicidade, mesmo que isso signifique a desventura do outro. Para o seu código moral o importante é se manter a lealdade e a reciprocidade na relação entre o fiel e a entidade espiritual. A comunhão do homem com a sua coletividade é secundário (PRANDI, 2010).

Os templos das RMA são individualizados, não seguem uma padronização de ritos, cada um possui as suas peculiaridades próprias. Existe uma rivalidade entre alguns líderes religiosos, chegando mesmo a se acusarem, mutuamente, de prática de magia negra, de executarem trabalhos espirituais na seara da Quimbanda, relacionando-se com entidades de esquerda na busca da prática do mal (MARIANO, 2007).

Com esse comportamento eles se desqualificam mutuamente perante a opinião pública. Um chefe de terreiro, através de um diagnóstico mágico, revela a causa do problema enfrentado pelo consulente. Esse se configurando num ato de feitiçaria, realizado por um outro chefe de templo afro-brasileiro, a mando de uma terceira pessoa que é desafeta da

vítima. Quando se apresenta a necessidade de se fazer um trabalho de contrafeitiço para livrar o ser prejudicado das entidades malévolas que o estão afligindo.

A Igreja Universal ressignifica todo esse arcabouço de preconceitos e discriminação, que vem acompanhando as denominações religiosas afro-brasileiras, desde o seu estabelecimento no Brasil, e que estão aprofundados na cultura cristã e no imaginário popular. Isso aumenta o efeito das atividades de evangelização iurdiana, focada na sua guerra santa contra satanás e contra aqueles homens que são seus pretensos seguidores no mundo.

A satanização propagada pela Igreja Universal é totalmente diferente da que foi promovida no passado pela Igreja Católica, quando esta detinha poderes religiosos hegemônicos no Brasil. A demonização neopentecostal não tem o apoio jurídico e policial do Estado, bem como não possui os poderes da inquisição com a força do seu temido braço secular, nem mesmo a autoridade perante a sociedade para estabelecer uma perseguição contra os possíveis hereges, contrários as suas crenças. A atuação iurdiana se estabelece num contexto histórico de democracia, de liberdade religiosa, tolerância formal e de pluralismo religioso, no qual as disputas pela dominação do mercado do sagrado são cada vez mais competitivas (MARIANO, 2007).

Ao seguirem, de forma incontestável, as crenças iurdianas, os seus membros cometem ativamente atos de intolerância religiosa, com grande visibilidade social, contra os integrantes de todas as religiões de matriz africana.

Essas ações se evidenciam como: humilhações, perseguições, discriminação e a destruição de patrimônio, todas se configurando em crimes previstos no código penal. De acordo com a característica laica do Estado Brasileiro, oficialmente, as liberdades religiosa e de expressão são garantidas como um direito individual.

2 O IMAGINÁRIO SÓCIO CULTURAL E RELIGIOSO

Neste capítulo temos como proposta descrever os impactos da vivência da intolerância religiosa junto ao imaginário cultural e ao cotidiano das pessoas. Assim, não primamos por escolher o grupo religioso do qual a pessoa era adepta, mas descrever os seus entendimentos sobre: o valor da religião; a interpretação dos rituais das RMA; a forma como as pessoas das outras religiões visualizam as práticas religiosas das RMA; como é exercida a intolerância religiosa; como é interpretada a concepção religiosa Iurdiana; o pensamento sobre um diálogo inter-religioso; e a ideia sobre uma possível coexistência religiosa.

Optamos também por questões éticas, em utilizar nomes fictícios para que a identidade de nossos entrevistados fosse preservada.

2.1 Os casos

Nosso primeiro relato será de Ana, cujos pais biológicos são líderes religiosos do Candomblé denominado nagô. Ana, apesar de ter sido criada no entorno das religiões afro-brasileiras, junto com uma irmã, de auxiliar na realização das obrigações rituais internas ao terreiro dos seus genitores, declara-se como sem religião definida. Ela é solteira e dedica a sua vida aos cuidados desses, bem como dos filhos dos seus irmãos, quando estes estão nos seus horários de trabalho.

Afirma ter afinidade com o Candomblé, por causa da sua relação familiar, que a obriga a frequentar os cultos. Na sua opinião, os rituais são peculiares às necessidades de cada religião. No caso do Candomblé, eles são executados para agradar às entidades, num processo de troca com o fiel.

Para Ana, as pessoas de outras religiões percebem essas cerimônias de forma pejorativa, como coisas do demônio. Mesmo alguns seguidores ainda questionam a frequência dos ritos, que sempre se repetem anualmente.

De acordo com Ana:

[...] existem várias posições, né. Uns aceitam, outros acham aberração. Outros acham que o sacrifício é uma coisa desnecessária [...] eu vou te contar, um trequinho de um fato que aconteceu realmente em família. Minha mãe ofertou a minha tia, que ela gosta muito de perfume, uma colônia, que a gente sempre usa, após o banho diário em casa. Aí mãe pegou, essa colônia e mandou, pelo marido dela, para que desse a ela. Entregar, sem maldade nenhuma. Um presente. Então, chegando lá, ela não quis usar. E ela também era da religião, depois se afastou e foi para a Universal. Então ela falou que não iria usar, porque aquilo não era coisa de Deus, aquilo era do demônio.

Ignorância, né. [...] na minha concepção, são pessoas que não aceitam, no caso se você é do Candomblé, ele é evangélico, ela, como no caso, da Universal, são tudo religião, né. E não aceitam o que eles querem seguir, o que eles querem ser. Querem tentar mudar a cabeça. Que só a religião deles, para eles, na mente deles, tem valor [...] em casa, a gente se dá muito bem. Porque são evangélicos, nós gostamos de Umbanda, de Candomblé. Conheço outras pessoas de outras religiões e me dou bem. A mim não criticam, também não critico eles. Se tiver que frequentar a religião deles, eu também irei. Se tiver que ir para um culto eu vou, se tiver que ir para uma católica eu vou, para mim é normal. Não vejo diferença (ANA, 2018).

Na sua opinião, a intolerância religiosa é praticada por pessoas que não aceitam a liberdade religiosa do seu semelhante, para elas apenas a sua religião detém a verdade absoluta, em relação à salvação da alma humana. Acredita que as entidades santificadas em todas as religiões são iguais. Dentro da sua família todos são muito bem resolvidos, quanto a aceitar as diferentes crenças religiosas dos demais integrantes.

No caso de Anibal, que se declarou de religião Nagô, uma das nações do Candomblé, afirmou que: “antigamente as outras pessoas pré-julgavam os rituais do Candomblé como coisas de negro, de pobre, de marginal” (ANIBAL, 2018). No entanto, atualmente muita gente de bem, das classes sociais mais abastadas frequentam essa denominação religiosa.

Anibal, até a presente data, não teve qualquer tipo de relação com pessoas ligadas à Iurd. Quanto à intolerância religiosa, acredita que ela surge quando algumas pessoas consideram apenas a sua religião e condenam as dos outros, que apenas elas serão salvas, principalmente os evangélicos, que essa postura é um grande erro.

De acordo com Anibal:

[...] intolerância religiosa, eu acho que é quando a pessoa não quer aceitar. Quer somente falar da religião dos outros. Considerar a sua e condenar a dos outros. Pensa que a certa é só a dele. Os que se salvam são só eles e os outros não [...] eu acho isso aí um grande erro. Se eu sigo essa religião, não sou contra a religião dos outros, como até hoje eu não sou. Pronto, eu apoio tudo, para mim dizer, esse meu filho é pastor, do Rio Grande do Sul, foi para lá e se esticou. A esposa do meu filho mesmo, adora a gente, e é evangélica mesmo, batizada. Vem para a minha casa, eu vou para a deles, chego lá assisto o culto. Nessa, que mora aqui embaixo, é também evangélica, eu via culto na casa dela [...] eu e a esposa vivemos dentro do Candomblé, não é de hoje. Aliás, tem uma crente, que foi professora das minhas meninas. Vivia dentro do Xangô e depois passou para a crença, está vendo como é a história? [...] aquele que a gente segue aqui é ter a cabeça em pé e não baixar a cabeça para ninguém, só para Deus. E aquele que Deus permite que a gente aceite, como se diz, de um lado e de outro, é um pai só. É o cara ter respeito. Eu acho que isso é uma falta de respeito, como se diz, falar mal da religião dos outros. Eu não posso fazer isso. Não faço (ANIBAL,2018).

Em relação as outras religiões, assume um posicionamento de respeito e aceitação. Alguns dos seus filhos são evangélicos, mas a consideração e a convivência harmoniosa sempre foram estabelecidas entre todos os integrantes da sua família. Porém a recíproca a esse seu comportamento, por parte de outras pessoas evangélicas, de fora da sua família, nunca foi efetiva. Quanto a um diálogo inter-religioso, aceita a ideia como válida e certa.

Nossa entrevistada Ada afirma ser uma pessoa religiosa, com as suas crenças firmemente ancoradas no Candomblé, que é a religião do seu coração, há mais de 20 anos. A sua iniciação ocorreu quando ela tinha 13 ou 14 anos, como influência dos seus avós maternos. Atualmente ela é uma *yaô* (filha de santo recém iniciada) e faltam sete anos para passar a ser uma *yalaorixá*, ou Mãe de Santo. Dentro da sua convivência religiosa ela teve contato com pessoas que foram fundadoras de vários terreiros do Candomblé, nas comunidades do Recife.

Ada sobrepõe que: “Quando se segue o Candomblé, a Umbanda ou a Jurema, algumas pessoas preconceituosas generalizam chamando a todos os crentes dessas religiões de *catimbozeiros*” (ADA, 2018).

Acredita que, desde que seja em benefício próprio ou de outras pessoas, sem objetivar fazer maldade para ninguém, os sacrifícios e as obrigações do Candomblé são altamente positivos, mas são secretos, eles não podem ser divulgados, além do círculo dos iniciados.

Para ela, a intolerância religiosa tem a sua origem nas pessoas que acham que a religião deles é absoluta, as outras estão todas erradas. Assim pensam que os rituais do Candomblé não são coisa de Deus, mas sim de *satanás*. Na verdade, os mesmos estão pautados nos trabalhos de caridade.

Ada afirma que:

[...] se você está numa casa, que o que você faz ali é para benefício do seu próximo. Aí vem a caridade, em dar uma consulta, não cobra, não pede nada, entende? Então, pelo menos onde eu vivo, eu não vou dizer que... Eu nunca vi dizer assim: não, eu quero isso para fulano e isso para sicrano, nunca. Procura ter muita oração, corrente de oração. Passa aqueles banhos [...] eu penso assim: que a intolerância é quando: eu tenho a minha religião e você não suporta a minha religião. Você pode até ser de outra. Mas tem muita gente que não é, não tem religião nenhuma, mas não abraça a sua causa. Tem gente até que se torna indiferente por causa da sua religião. Eu já sofri muito preconceito por causa disso [...] eu conheço pessoas evangélicas, Assembleia de Deus, que diz para mim assim: o Deus é um só, você tem a sua religião, nem precisa deixar de ser minha amiga. Isso não é Deus que quer, isso vem na cabeça das pessoas. Essa intolerância, esse preconceito, essa rivalidade. Deus não quer isso. Porque Deus é um só, entende? [...] eu soube, não presenciei. Que uma pessoa da Universal, não sei por inveja, não sei por qual dos motivos. Ia ter uma festa grande e uma amiga minha participava, também do Candomblé. E essa pessoa passou a agredir ela verbalmente,

assim, no meio da rua. Porque ela seguia essa religião e essa religião não era coisa de Deus, era coisa do inimigo e começou. A minha amiga disse: você tem a sua boca, você diz o que você quer. Simplesmente a minha amiga por ser do Candomblé, não abriu a boca em momento nenhum, para desfazer da religião dela. E a gente sabia, que dentro da casa dela, tinha um culto de oração. E lá havia muita coisa errada. Então, para ela vir para a rua, para querer denegrir a religião de outra pessoa, ela devia primeiro observar mais onde ela estava vivendo. A religião que ela escolheu. Agora, o Deus, ele é um só. Testemunha de Jeová, Assembleia de Deus, Igreja Batista, para onde você for [...] olhe, eu digo uma coisa: julgar, só quem julga é Deus. Eu não gosto de julgar ninguém. Mas todo o dia eu digo dentro da minha casa: eu queria saber o porquê da Igreja Universal ter essa intolerância, esse preconceito, com o Candomblé [...] porque não é a igreja em si, é o pastor que está ali, passando para os fiéis dele, ser tudo contra, ter o preconceito, ter intolerância. Aí as pessoas abraçam a causa, só pelo fato de viver na igreja (ADA, 2018).

Interessante notar que Ada também nos revela que teve a oportunidade de participar de cultos da Iurd, numa época da sua vida em que havia se afastado do Candomblé. A percepção que ela teve foi de que: a palavra e a noção de Deus é vendida como mercadoria, com as pessoas pedindo e lhes sendo prometidos ganhos materiais. Ela não acreditou em nada do que viu naquele templo, a sua decepção foi muito grande. Os membros da Universal podem fazer tudo, pois eles já estão salvos, eles fumam, bebem e fazem outras coisas escondidas. As demais pessoas de fora não podem fazer nada, porque tudo é coisa do diabo.

Conforme Ada:

Eu acho muita coisa errada. Eu vejo pessoas que vivem na Universal, muitas delas, como se diz, não pode isso, não pode aquilo. Eu já presenciei muitas coisas, entende? E a minha decepção... Sempre me decepcionando. E eu não quis seguir, não continuei. [...] eu não me senti, assim: acolhida, recebida, abraçada. Eu fiquei só de ouvinte, para ver se aquilo ali me tocava. Para ver se aquilo ali fazia com que eu aceitasse aquelas palavras, que o pastor estava dizendo. Não tocou em mim [...] ninguém é obrigado a tolerar, ninguém é obrigado a aceitar. Muita gente não tem religião definida, mas também não tem nada contra. Muitas pessoas que eu conheço: eu não tenho religião, mas eu não tenho nada contra [...] o meu pai faleceu, vivia com a minha mãe, mas ele não aceitava. Mas eu tenho amizade mesmo, que não tem religião, nem católica, nem evangélica, nem da Universal, nem nada. Mas eles não tem nada contra. Se vier dizer alguma coisa, alguma coisa contra a minha religião, eles me defendem [...] é um direito seu, escolher a sua religião, a cor da roupa, a cor do seu cabelo, entende? Isso aí é particular, isso é seu. Ninguém tem o direito de chegar e criticar (ADA, 2018).

Como constatamos Ada tem várias amigas evangélicas, com as quais não existe nenhum problema de intolerância religiosa, segundo seu discurso, todas pensam como ela: “Deus é um só! ele não quer essa desunião preconceituosa” (ADA, 2018). Na sua opinião, são

os líderes religiosos da Iurd que pregam a intolerância, o mal é o que sai da boca deles, influenciando o povo crente.

Em relação a um diálogo inter-religioso, acredita que todos deveriam ter uma noção da religiosidade do seu semelhante, assim seria mantida uma atitude de respeito mútuo. Uma convivência religiosa faria com que vivêssemos em harmonia.

Amélia sofreu forte influência da religiosidade dos seus pais, ambos eram membros ativos do Candomblé. Ela afirma ser uma pessoa altamente religiosa que aos 15 anos, quando estava assistindo a um toque de Oxum, passou pela experiência do transe. A partir daí iniciou o desenvolvimento da sua mediunidade.

Segundo Amélia:

[...] eu estava assistindo o toque de Oxum. Aí eu recebi, pela primeira vez, Xangô. Aí foi quando eu comecei a frequentar, a casa onde mãe frequentava. Onde os meus pais iam. Quando descobriram que eu tinha as entidades também. E tinha que ser desenvolvida [...] é a gente sente que... É uma coisa que chega dentro da gente. E a gente não sabe, nem tem como explicar. A gente recebe. A entidade chega. A gente passa para o outro lado do mundo. Quando a gente retorna, a gente não... Aquilo que se passou, a gente não sabe mais de nada. É uma coisa que... A gente não sabe nem como explicar (AMÉLIA, 2018).

Na sua opinião, as pessoas de outras religiões pré-julgam, que o Candomblé é coisa de satanás. Mas ele também busca Deus, da sua maneira peculiar, assim os seguidores da sua religião também têm o direito de manifestar as suas crenças e a sua fé.

Declarou que já sofreu uma tentativa de cooptação, por parte de um homem ligado à Iurd. Este afirmou que ao entrar para a Universal a sua vida iria mudar completamente, que seria um caminho largo para ser percorrido, mas Amélia respondeu que preferia o caminho estreito, com todas as suas dificuldades e lutas inerentes a uma vida normal, esse seria o caminho certo.

Em relação à intolerância religiosa, acredita que o respeito pelas crenças das pessoas deve ser recíproco, pois todas as religiões levam a Deus, que ninguém tem o direito de mudar as outras pessoas. Um diálogo inter-religioso, bem como um estado de coexistência religiosa ajudariam numa aceitação generalizada.

Já Abel é uma pessoa que tem muita fé nas suas crenças religiosas, com uma participação muito efetiva nos rituais do Candomblé. Além de possuir grau de instrução superior, detém uma consciência social e política muito aguçada. Isso o fez perceber, com exatidão, a extensão do objeto de pesquisa, que estava sendo buscado na entrevista.

De acordo com Abel:

[...] é uma religião que ela tem como base, conceito... Justamente a matriz africana. Ela cultua os orixás, como também tem o lado que cultua os espíritos, né, da Umbanda [...] na época eu era muito jovem, era adolescente. E fui criado com certo preconceito em cima da religião. E tinha como algo do demônio, né. Que o pessoal sempre mostrava, que era isso. Então, após passar um tempo, né, foi que eu vim entendendo e procurando conhecer a religião a fundo e estudando também o que que era a religião [...] foi, exatamente, há 7 anos. Onde eu procurei o meu pai de santo, para colocar um jogo de búzios. E na festa de Bessem, eu fui suspenso por Bessem. E foi quando eu comecei a me interessar pela religião, e adentrar. Então, na verdade exatos 8 anos, então no ano posterior eu entrei de quarto, né. E fiz a minha obrigação. E estou a 7 anos, como raspado dentro da religião (ABEL, 2018).

Seus pais eram católicos, sendo esta a base religiosa de toda a família. Foi criado num ambiente de preconceito contra o Candomblé, visto como coisa do diabo. Na sua adolescência conheceu essa religião de matriz africana através de uma tia.

A sua posição na hierarquia religiosa do terreiro é a de ogan, um tipo de assistente do pai de santo no Candomblé, que tem como função principal realizar as obrigações necessárias ao axé, assessorando o pai de santo, porém que não incorpora Orixá. No seu caso, como ogan de corte, ele é responsável pelo cultivo, a matança e a limpeza dos animais que são sacrificados.

Para Abel, os rituais do Candomblé têm como finalidade manter o equilíbrio espiritual das pessoas, assim elas poderão ser mais felizes, em todos os aspectos da vida. Mas o preconceito existe em quem é de fora da religião, principalmente entre os evangélicos.

Esse pré-julgamento está arraigado culturalmente na sociedade como um todo, o que dificulta em muito um reconhecimento do Candomblé como uma denominação religiosa séria. Ainda existem pais de santo que praticam os rituais de forma errada, os quais são visualizados pela sociedade como atos censuráveis.

Quanto à intolerância religiosa, pensa que a sua origem está na não aceitação da doutrina religiosa do outro. Ao fazer a sua escolha religiosa ele foi vítima de críticas, dentro da sua própria família.

Abel afirma que:

[...] respeito demais a questão do ponto de vista de cada um. Como quando eu fui raspado, dentro da minha própria família houve... Críticas, como também houve elogios. Mas respeito demais o ponto de vista de cada um, desde que não queiram me atropelar. Não queiram me abominar, pela minha escolha. [...] é muito nítida a posição das pessoas, que tem essa intolerância, principalmente quando vem do evangélico. Existem muitas pessoas que são do Catolicismo, que se escondem nessa religião, porém são praticantes e

adeptos à religião do Candomblé. Então, eu acho que é um falso moralismo. Se você tem um ponto de vista, se você tem uma aceitação religiosa, uma doutrina a seguir, eu acho que você tem que ser fiel aquilo ali. No final das contas, acabam todos eles procurando a religião do Candomblé, ou o kardecista. Para terem o seu lado espiritual [...] a gente vê muito, principalmente os iaôs, depois de raspados, quando vão para a rua. Passarem por discriminação, serem motivo de chacotas, principalmente, pelo pessoal da igreja evangélica. Eu acho que o desrespeito acontece muito. A gente tem que passar a respeitar, a opção de cada um. E não apontar, não julgar. Muitos dos evangélicos, hoje são evangélicos por terem errado muito na vida, no passado. Não estou falando que a minha religião é errada. Mas quem são eles para julgarem, se já fizeram algo que não é da doutrina atual deles (ABEL, 2018).

Muitas pessoas que são do Candomblé escondem a sua verdadeira religiosidade por trás do Catolicismo, de modo a manter um posicionamento social com um falso moralismo. Abel afirma que o mais importante é: “nós respeitarmos as escolhas das pessoas que pensam diferente, acatando as liberdades individuais” (ABEL, 2018).

Acredita que, aos poucos, a sociedade está aumentando o nível de respeito mútuo entre os seus integrantes, de forma mais aberta no reconhecimento dos limites de cada um.

Em relação ao diálogo inter-religioso, pensa que ele é altamente válido para o conhecimento mútuo das várias doutrinas religiosas que gravitam na sociedade brasileira, que num futuro próximo deverá produzir dividendos altamente positivos. O que nos levará a uma situação de coexistência religiosa, a qual já existe, com tolerância, aceitação e respeito. Ela não se torna mais explícita por causa do preconceito ainda enraizado culturalmente nas pessoas. As novas gerações, do século XXI devem ser formadas para terem essa percepção, de escolherem o que acharem melhor para as suas vidas.

Já Átila é um líder religioso e comunitário, no Candomblé e na comunidade onde reside, o seu reconhecimento se estabelece em âmbito nacional. Ele é um homem de muita fé, também é um profundo conhecedor de toda a liturgia do Candomblé. Emanava uma grande energia religiosa, a qual foi se fortalecendo ao longo de sua vida e se consolidando como sua sabedoria.

Átila sempre se apresenta numa atitude: humilde, objetiva, digna e respeitosa. Todas essas virtudes são acompanhadas por uma imensa experiência de vida.

Foi criado dentro do Candomblé. De acordo com sua narrativa, chegou muito doente na casa da sua mãe de santo, aos dez anos de idade, lá encontrou a cura do seu mal físico mantendo a sua saúde até os dias atuais. Para Átila os rituais do Candomblé são formas de adoração da Natureza. Os problemas espirituais os Orixás resolvem. Se o problema é físico, o

próprio Orixá manda a pessoa procurar um médico. Mas os seguidores das outras religiões carregam o preconceito, de que o Candomblé é a mesma coisa que feitiço, coisa do mal.

Em relação à conduta dos membros da Iurd, Átila se absteve de falar, mesmo demonstrando que tinha uma opinião negativa formada. Num contexto de intolerância religiosa, as outras religiões assumem um posicionamento de detentoras da verdade absoluta, mas para ele, Deus é um só independentemente da denominação religiosa que se siga. No caso da Iurd, afirma que: “os seus adeptos são intolerantes com todas as religiões, que não é apenas contra o Candomblé. Na sua religião Exu é o diabo se alguém fizer dele o diabo, se o fizer um anjo de bondade, assim ele será” (ÁTILA, 2018).

Quanto a tolerância, pensa que ela se resume em cada um cuidar da sua própria vida, as dos outros não interessam, isso em todas as instâncias, não apenas na religião. Já participou de um diálogo inter-religioso, junto com um padre católico e de um pastor evangélico, no final da atividade todos concordaram que adoravam um mesmo Deus.

Átila afirma que:

[...] o pessoal de outra religião pensa que o Candomblé é macumba. Que é feitiço. Mas o Candomblé não tem nada com isso. O Candomblé adora só a Natureza. Não tem nada com feitiço [...] olhe, eu faço uma festa, no Paço do Terço. Que é segunda-feira de carnaval. E os crentes jogaram pedras, fizeram umas besteiras. A polícia levou eles. E eu tive que ir à polícia, fui chamado para ver esse problema que estava lá. Aí eles se comunicaram comigo, foi quando eu tive mais conversa com eles. Porque a gente adora a Natureza e eles acham que a gente é feiticeiro [...] aqui, o meu vizinho aqui é um crente. Do lado de cá é crente. Eu moro entre dois crentes. Nunca eles disseram nada, que eu era feio, nem bonito. E nem eu nunca falei deles. Uma época em que eu estive doente, eles fizeram uma oração na igreja a meu favor. Quando eu cheguei do hospital, eles vieram aqui dizer a mim que: tinham feito oração para mim. Eu disse: devo alguma coisa? Não, o senhor vai assistir um culto nosso. Fui assistir o culto, respeitei e vim embora. E são todos meus amigos. Porque eu acho que religião é um negócio muito sério, né. Cada um adora aquilo que sabe [...] eu acho que tudo que faz adorar Deus está certo (ÁTILA, 2018).

Bia também é adepta do Candomblé. A sua genitora sempre pertenceu a essa denominação religiosa e ela seguiu seus passos em 1972 junto com uma irmã.

Para Bia, os rituais de todas as religiões devem ser respeitados, os do Candomblé são sagrados para ela. Contudo as pessoas das outras religiões, particularmente os evangélicos, não respeitam e não admitem outras manifestações religiosas.

Conforme Bia:

[...] os evangélicos não respeitam nós. Agora, nós do Candomblé respeitamos os evangélicos [...] eu acho que é uma falta de respeito. Toda religião tem Deus primeiramente. Tem que ter respeito [...] é meio difícil

viu. Um evangélico respeitar uma pessoa espírita. Inclusive aqui na rua. Já aconteceu aqui, ter macumba, obrigação e o povo do evangélico, aqui ao lado, querer cantar, tocar, fazer zoada. Mas aqui tem santo (BIA, 2018).

Ela Afirma que a intolerância religiosa está associada ao racismo e à discriminação, que vitimam os negros e a sua origem se situa na falta de respeito ao ser humano. As outras religiões acreditam que todas as denominações espíritas têm ligação com o diabo, o que é caracterizado por uma falta de informação generalizada. Isso poderia ser sanado por um diálogo inter-religioso. Porém, acredita que seria muito difícil o estabelecimento de uma coexistência religiosa, por causa do posicionamento das denominações religiosas evangélicas em relação as outras religiões.

Beto é um líder religioso que demonstra possuir uma fé muito grande, bem como um conhecimento aprofundado dos meandros de toda a liturgia do Candomblé, o que se conjuga a sua postura séria e digna, facultando-lhe uma ascendência espiritual relevante sobre o povo santo seguidor dessa denominação religiosa. Tem muito orgulho da posição que ocupa na sua religião. Desde a sua infância auxiliou o seu avô, no cumprimento das obrigações rituais do Candomblé, dessa forma iniciou o seu aprendizado religioso.

Para Beto, os rituais devem ser tratados como um segredo esotérico, mas atualmente se pode observar que, em algumas casas religiosas, eles são manipulados de forma ostensiva e vulgar, inclusive sendo divulgados nas redes sociais.

De acordo com Beto:

[...] a minha religião é de matriz africana, a minha nação é nagô. Eu sou da família de Sítio de Pai Adão, não é, a primeira casa matriz daqui de Pernambuco. Já nasci e fui criado dentro do Candomblé. Eu sou neto do filho de Pai Adão, o qual me iniciou, em 1979 [...] o pessoal, principalmente da Igreja Universal, acha que todo o povo de Candomblé mexe com magia, que adora o demônio, não é assim. Nós, de matriz africana, Candomblé, a Umbanda, o Nagô, o Gêge, o Ketu, nós cultuamos os Orixás. Mas na nossa casa, em primeiro lugar, em qualquer ritual que seja feito, é elevado o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, é elevado o nome de Deus. E hoje o pessoal da Igreja Universal ele diz: a são um pessoal que adora o demônio. Nós adoramos a Natureza. Tudo o que Deus criou: rio, mar, estrela, trovão, relâmpago, folha, árvore, terra, nuvens. Tudo isso é a Natureza. É que cada Orixá tem esse elemento [...] os rituais hoje são muito vulneráveis. Principalmente com as redes sociais. Porque eu acho que um ritual do Candomblé, ele tem que ter segredo. E esse segredo está se perdendo. Por ele estar se perdendo, está dando mais espaço para a intolerância. Por exemplo: se você vai levar um ebó, tem que ter um lugar específico para colocar esse ebó. Até levar o ebó é um ritual. Mas tem pessoas, dentro do Candomblé mesmo, que estão colocando: na calçada, em beira de mar, em beira de rio, poluindo o rio. Onde tem mata, acho que você pode entrar na mata e colocar lá, cavar um buraco e colocar. Mas tudo isso, para mim, vem chamando intolerância, está dentro da intolerância. Dando cabimento a

peessoal dizer o que quer. Porque se você vê na beira de um rio desses, uma cabeça de bode, cabeça de carneiro, cabeça de boi. E não é isso. Tudo de levar o ebó é ritual, fazer um sacrifício é um ritual, fazer uma limpeza é um ritual. Então eu vou fazer uma limpeza na beira de um rio e deixando tudo lá. Está servindo de chacota, de ridicularidade e o pessoal malhando o pau em cima da gente. Cresce o que isso para mim? Intolerância (BETO, 2018).

Também afirma que em alguns terreiros, onde se cultua o Candomblé e a Jurema, também se dá espaço para a Quimbanda, que trabalha mais com magia negra, chamada de esquerda, onde realmente se chama o demônio. Mas nas verdadeiras casas de candomblé essa prática é totalmente excluída. O preconceito e a desinformação criam um olhar generalizado, no qual as denominações religiosas de matriz africana são todas pré-julgadas por causa do posicionamento errado de alguns. Esses falsos profetas são encontrados em todas as religiões.

Beto declara que:

[...] é a Quimbanda, onde mexe com... Que o pessoal está misturando muito: Jurema com Quimbanda. Jurema é uma ciência. A Quimbanda é uma coisa mais de esquerda, onde se trabalha mais com magia. E que realmente chama o camarada, que nós, dentro da nossa casa, esse nome nós abominamos. Aqui não se chama o nome. Dentro de casa de Candomblé... Principalmente na minha, em outros dos meus irmãos, não se admite chamar o nome do sujeito. A gente chama o nome de Deus. E aí, por ter alguns rituais dentro do Candomblé, que se chama obelé. Quando a pessoa vê, aí já olha para a gente de lado e diz assim: esse aí é um adorador do demônio. E o que é isso? Intolerância (BETO, 2018).

Beto ainda coloca que as pessoas das outras denominações religiosas focam muito nos sacrifícios de animais, que fazem parte da liturgia do Candomblé, com os mesmos sendo interpretados como rituais de magia negra, cujo objetivo é fazer o mal para outros seres. Esses sacrifícios existem desde que os homens iniciaram a sua busca pelo sagrado, na gênese de muitas religiões, inclusive as do livro.

Acredita que o desconhecimento sobre o real significado, dos preceitos das religiões de matriz africana é a grande causa da intolerância religiosa, principalmente a gerada pela Iurd, a qual generaliza todas essas denominações religiosas como adoradoras do diabo. Essa religião neopentecostal assimilou muitos rituais afro-brasileiros, dando-lhes um novo significado, de acordo com a sua luta contra o diabo. A falta da manutenção de um segredo esotérico em relação aos rituais do candomblé, como os sacrifícios que são deixados em lugares públicos de forma ostensiva, reforçam esse olhar de intolerância daqueles que não fazem parte do povo santo.

Beto vai além e analisa que a intolerância religiosa está intimamente ligada a uma falta de respeito ao próximo, a não aceitação do livre arbítrio e da liberdade de escolha, que devem

ser facultados a todos os homens. Se não forem tomadas medidas preventivas, a intolerância vai retornar aos seus níveis da primeira metade do século XX, quando a perseguição às religiões de matriz africana era oficial e generalizada.

Para Beto todos nós somos irmãos, o Deus é único, com os homens vivenciando a sua liberdade com responsabilidade. Mesmo dentro do Candomblé existe muita gente que tem vergonha de assumir o seu posicionamento religioso, exercendo a sua religiosidade de forma velada, por causa do preconceito, não só religioso, mas também social, que ainda prevalece culturalmente no Brasil. Assim essas pessoas afirmam, oficialmente, que são católicas.

Para ele, uma atividade de diálogo inter-religioso serviria para criar uma consciência coletiva de respeito mútuo e aceitação do diferente, em relação à busca do sagrado. Numa realidade de coexistência religiosa não existiriam mais rivalidades ou antagonismos entre grupos socioculturais. Não haveria verdades absolutas, cada um teria o direito de crer na sua verdade, desde que não prejudicasse ao seu próximo.

Célio venceu um sério problema de dependência ao álcool e ao crack, com a ajuda da espiritualidade que ele desenvolveu dentro do Candomblé. Foi levado para dentro da religião pelo seu irmão, que já era adepto. Através da fé, do respeito e da confiança muito acentuados nas suas crenças religiosas, sempre seguindo a seguinte máxima: “Deus está em primeiro lugar, com os orixás agindo na vida das pessoas, nada acontece diferente da vontade de Deus” (CÉLIO, 2018).

Para Célio, existe uma ancestralidade africana acentuada, inerente ao povo brasileiro como um todo. Por desconhecimento esse aspecto passa despercebido pela vida da grande maioria das pessoas. Muitos não o evidenciam por se sentirem intimidados por causa da intolerância e do preconceito, que sempre existiram na nossa sociedade, em relação a tudo que tem uma ascendência africana. Célio afirma que:

[...] eu sou do Candomblé. No Candomblé, a gente sempre coloca Deus em primeiro lugar, entendeu. Deus está sempre em primeiro lugar [...] a religião de matriz afro-brasileira, ela vem da África, né. Então a gente que é... Na verdade todos nós temos uma ancestralidade muito forte, da qual devemos cultuar, que são os Orixás, que muita gente não cultua, não sabe que tem, entendeu? E é difícil, né. Por causa da intolerância, por causa da ignorância do povo, que não se deixa levar. Há uma raiz que tem dentro de si, que não quer ser despertada, né (CÉLIO, 2018).

Na sua opinião, os rituais com o sacrifício de animais são interpretados, pelas pessoas de fora da religião, como coisas demoníacas para se fazer o mal. Mas na verdade partes do animal são oferecidas ao Orixá, o restante é preparado e servido como alimento para todos os participantes da cerimônia religiosa.

Célio também vivenciou a experiência de frequentar um culto evangélico, mas ele não se identificou com essas crenças, da mesma forma que ele se integrou no Candomblé. Para ele, a grande causa da intolerância religiosa é o desconhecimento da real liturgia da outra religião que é diferente. Por isso deve ser mantido um segredo sobre as práticas ritualísticas afro-brasileiras, o que não é seguido por alguns terreiros. Dentro do próprio Candomblé existem adeptos que se envergonham de evidenciar a sua religiosidade de forma ostensiva, perante a sociedade, por medo de ser vítima do preconceito.

O fato de se tolerar alguma coisa, já é uma forma de preconceito contra essa coisa. De acordo com Célio:

[...] eu na verdade, eu tolero. Aliás, eu não tolero. Porque eu acho que tolerar uma coisa, eu acho para mim que isso já é um preconceito. Porque isso aí não. Eu não tolero não, nenhuma religião não. Porque a gente já está sendo preconceituoso, no fato de tolerar uma coisa que não está me fazendo mal, entendeu? Aí eu fico perguntando: como é que a igreja, ela hoje é... Parte para esse preconceito. Por que? Eu quero saber por que? Eu quero que me expliquem, dê um motivo. Porque eles dão várias opções: é demônio, é satanás, é isso, é o que não presta, é magia negra. Isso não tem nada a ver (CÉLIO, 2018).

Por fim, acredita que a prática do diálogo inter-religioso iria gerar o respeito mútuo, para com as diferentes formas de se assumir a religiosidade, que deve ser uma escolha da liberdade de cada um.

Agora Carmem afirma ser católica, mas cultua o Candomblé. Esta sua escolha religiosa foi causada por influência familiar, ela sempre foi levada para participar das festas e rituais pelo seu avô. Na sua infância frequentava os cultos do Candomblé apenas para cantar e dançar, atualmente ela já fez a sua iniciação e é filha de santo. O filho de Carmem obteve a cura de um mal físico, através da sua religião, os médicos não conseguiram diagnosticar e tratar.

Sobre os rituais do Candomblé, ela afirma que servem para distribuir paz e tranquilidade ao povo santo, mas o crente tem que ter muita fé. Os evangélicos não aceitam, principalmente os rituais de sacrifícios de animais, eles afirmam que nós temos ligação com o diabo. Inclusive alguns evangélicos reagem com atos de violência.

Carmem declara o seguinte:

[...] eu acho, o Candomblé é uma coisa assim: para mim é muito normal, porque ali é um sacrifício, que faz ao santo, né? Para dar saúde a gente, entendeu? É paz, tranquilidade. Isso é o que ele dá a gente, entendeu? Então a gente pede muito, com muita fé. Tem que ter, primeiramente, a fé, para poder a gente ter sucesso naquilo que a gente deu: aquela cabra, aquele bode, aquela galinha, entendeu? Para poder ajudar a gente [...] bem, os evangélicos são as pessoas que não creditam, né? Diz que é coisa do diabo, que a gente

tem o diabo no corpo, certo. Ele acha errado que a gente mata os animais, que usa sangue. Então eles são contra essa religião da gente (CARMEM, 2018).

Sobre a tolerância, Carmem pensa ser uma questão de respeito mútuo, que em todas as religiões a interpretação dos homens pode ser certa ou errada. Ela trabalha para uma senhora evangélica, na função de acompanhante de idoso, mas se a sua patroa souber da sua escolha religiosa, com certeza vai despedi-la, então mantém segredo sobre as suas crenças e frequenta um templo evangélico junto com a sua patroa.

Em relação a um diálogo inter-religioso, acredita que poderia ser o caminho para se obter o conhecimento e o respeito mútuos. Quanto a uma coexistência religiosa, pensa que seria possível de ser implementada. Antes de se mudarem para o atual endereço, ela e seu irmão tinham vizinhos evangélicos, que sempre os convidavam para cultos e festas na sua igreja. Eles sempre participavam, porém os evangélicos nunca aceitaram um convite para virem no terreiro de Candomblé. Isso demonstra uma coexistência apenas de fachada, como uma forma de cooptar pessoas para a sua igreja.

Segundo Carmem:

[...] eu aceito outras religiões. Eu trabalho com uma pessoa que é evangélica. Apesar que ela não sabe que eu sou... Mas eu vou para o culto dela. Quando rezam e fazem amem, eu faço amem também, entendeu? Eu acho que Deus é um só. Então eu me sinto bem também. Porque, às vezes, o pastor fala coisas que tocam o meu coração, ele fala coisas certas. Mas têm coisas que, em referência ao Candomblé, ele fala coisas, que também a gente fala, que o Deus dele é diferente do da gente, né [...] é o meu trabalho. Eu sou acompanhante de idoso. Aí eu tenho que acompanhar ela. Mas só que ela não sabe. Porque se ela souber, ela vai me botar para fora. Porque lá eu vejo quando eles falam sobre a minha religião. Eles são contra quem mata os bichos, entendeu? Que faz sacrifício aos animais. Então para mim, eu escuto tudo aquilo, mas eu fico calada. Não posso nem me defender né? Que é o meu trabalho. Eu estou trabalhando com a senhora, eu tenho que ficar calada [...] o meu irmão já morou em Chão de Estrela. E a gente tinha um Candomblé, então no meio, ele era o do Candomblé e dois evangélicos de lado. Quando a gente chegou, eles ficaram meio assim com a gente, né. Mas depois a gente ficou todo mundo amigo. A gente ia para a igreja, a gente ia para culto, a gente era convidado para ir a casamento, para batizado. E vivia muito bem, esses evangélicos que viviam no meio da gente. Eles respeitavam a gente. A gente é que ia para as deles (CARMEM, 2018).

Para ela, todos são iguais, independente das suas crenças.

O caso de Débora é bem diferente. Mulher idosa, negra e pobre. Sempre teve que trabalhar pesado para conseguir o seu sustento. Ela contou como o seu casamento terminou de forma violenta, pelo fato do seu marido, que era um homem sem religião, ter se convertido à denominação religiosa, Testemunha de Jeová. Ele passou a não aceitar mais as suas amizades

dela com pessoas ligadas às religiões afro-brasileiras, mesmo sendo ela católica praticante. O nível de intolerância religiosa, praticada pelo seu marido, chegou ao limite da violência física, a qual não se concretizou porque Débora e a sua filha ficaram quase um mês fora do seu lar, morando na casa de uma amiga. A consequência final foi a separação do casal.

Débora, ao que parece, apresenta fortes indícios de ter sido vítima, ao longo da sua existência, de vários tipos de intolerância: racial, de gênero e religiosa. Isso a levou a estabelecer uma atitude defensiva em relação a todos os aspectos da sua vida, com acentuadas alienações originadas na timidez e na prudência, que sempre pautaram as suas escolhas e decisões, assim evitando ser magoada pelas outras pessoas.

Ela também desenvolveu um preconceito de intolerância, em relação a todas as denominações religiosas de matriz evangélica, por causa dos problemas conjugais que sofreu com o seu ex-marido.

De acordo com Débora:

[...] uma turma de testemunha de jeová, que andava pelas portas, conseguiu fazer ele aceitar; nós vivíamos juntos há 25 anos, ele era o pai da minha filha, aí não deu certo, nós tivemos que nos separar, uma separação violenta [...] ele dizia coisa, que era do demônio, da parte que eu gosto do espiritismo. Eu ia sim, se me convidava eu ia; eu ia para a católica, também ele falava, eu não podia nem falar com uma pessoa, que ele dizia que era espiritismo, aí ficava dizendo que eu era catimbozeira, não podia vir uma pessoa aqui em casa, que ele não conhecesse, aí ele dizia que estava tratando de assunto de catimbó [...] eu sempre vou no centro dela, dessa minha amiga. Ele até conhecia, quando ele soube que ela era espírita, pronto, passou a ser inimigo dela, deixou de falar até com a família [...] eu fui numa festa, de aniversário de 15 anos, fizemos um assustado, uma surpresa a uma neta dela. Quando chegamos em casa de volta, ele tinha trocado o cadeado, daí me recebeu com violência, eu e minha filha; ele não me atingiu, não me matou mesmo porque eu corri, eu não ia enfrentar um homem. Ele trocou o cadeado do portão, eu tinha levado a chave do outro cadeado que tinha, aí ele botou outro cadeado quando eu saí. Que foi uma coisa rápida, que eu estava até costurando, aí eu deixei as costuras na máquina e fui; que a minha amiga: vamos, é até 10 horas é só uma surpresa para não passar assim em branco; aí eu fui, troquei de roupa e disse a ele; aí ele começou a dizer coisa, aí eu fui [...] que quando eu voltei ele veio, já tinha botado um ferro aí, atrás do muro, para mim e a minha filha; quando ele veio, que eu notei, aí eu corri para um lado a minha menina correu para o outro, sabe, eu corri subindo o morro e ela correu descendo para a casa, a gente vinha até com uma filha da moça; aí a menina veio, aquela que mora ali em baixo, desceu com a minha filha e eu subi para encontrar com o filho dele para dizer o que estava acontecendo. Aí pronto, eu não voltei mais, passei quase um mês fora de casa, na casa dela, do pessoal que eu tinha ido, só com a roupa do couro; sorte que as meninas é tudo assim, do nosso tipo, do meu tipo, do tipo da minha filha, aí eu vestia a roupa das meninas, ia trabalhar e a minha filha ficava lá. Aí ele queimou os meus figurinos, que na época eu também costurava para fora, que era para gente fazer essa casa, eu fazia uma coisa e ele fazia outra, um ajudava o outro, né; aí quando eu chegava do trabalho, que eu trabalhava no SESI e no Vasco, aí eu fazia todo o serviço de casa a ainda ia para a máquina e ficava

às vezes até amanhecer o dia, fazendo costura para prestar conta, né, à freguesia. A gente estava se preparando para comemorar as bodas de prata, eu e ele, a gente tinha combinado; ele falava: esse ano a gente cumpre, faz essa festinha, se não puder fazer na data, depois faz; eu disse: tá certo. Aí aconteceu isso, por causa de Testemunha de Jeová, que anda pelas portas, né; aí por conta disso eu não suporto, aí acabou o meu lar (DÉBORA, 2018).

Débora é muito religiosa e procura seguir fielmente o seu código ético e moral. Administra a sua vida de forma disciplinada, sempre preocupada com o julgamento alheio sobre os seus atos. Essa cobrança, ética e moral, também se estende sobre o comportamento dos seus filhos.

O nível de escolaridade da entrevistada é fundamental I, mas ela procura se manter sempre bem informada, através da televisão, bem como pelo senso comum, o qual é assimilado nas conversas que estabelece com diferentes pessoas do seu círculo de amizade. Ela demonstra ser muito inteligente e bem articulada, produzindo falas coerentes.

É muito bem aceita e respeitada onde reside, há muitos anos. Se sentiu prestigiada, ao receber o convite para participar da atividade de pesquisa, pois as suas falas seriam ouvidas com respeito e valorizadas uma vez que se interessa muito por assuntos que se relacionam com a religiosidade popular.

Interessante notar que afirma frequentar festas do Candomblé, porque gosta das atividades e tem fé nos rituais, bem como por causa dos laços de amizade com pessoas adeptas a essa denominação religiosa, mas não abre mão da sua fé católica.

Débora acrescentou que:

[...] eu vou para a Igreja Católica, assisto missa, vou para a procissão, faço as minhas promessas, alcanço as minhas graças, como também vou para a espírita, esse mês mesmo tem e eu vou; para o mês eu vou para uma festa espírita. Cada um deve respeitar a religião de cada pessoa né, entendeu? O crente respeitar quem é católico, o católico respeitar quem é evangélico, quem é do Candomblé; cada um deve respeitar a religião do outro (DÉBORA, 2018).

Ela acredita que a intolerância religiosa que se manifesta nas pessoas, que não pertencem às RMA, é originada da falta de informação a respeito dos rituais dessas, causando o medo pelo desconhecido.

Na sua opinião, os seguidores da Iurd, seguem as orientações dadas pelos seus pastores, o que os leva a abominar qualquer relação com as denominações religiosas de origem afro-brasileira, mesmo sem ter um conhecimento de causa mais apurado sobre elas, as quais são desqualificadas de forma pejorativa. Essa intolerância religiosa praticada por eles também se estende a outras religiões, inclusive ao Catolicismo.

Débora afirma que:

[...] quando a pessoa está lá na Igreja Universal, eu não sei como é isso, eles recebem o espírito, aí eles ficam dizendo aquilo para a gente tirar, falando, dizendo umas palavras lá, não devia ser assim né. Falam contra, aí chamam que é macumbeira. Né, é macumbeiro, não sei o que. Não, não vai não, não deixa o menino receber cosme e damião porque é de macumba. [...] eu acho que deveria respeitar, a religião e respeitar quem é da Universal, como também do Candomblé, do Xangô, como eles dizem, a macumba. Eu mesmo respeito todas, respeito católica, respeito quem é da Universal, respeito quem é da macumba, respeito todas (DÉBORA, 2018).

Quanto a uma possível realidade religiosa baseada no diálogo e na coexistência, após uma devida explicação sobre a significação desses termos, a entrevistada afirmou que são ideias válidas para uma vida em comunidade.

Débora expressou, nas suas falas, a importância de uma pessoa possuir uma religião, de ter o seu contato com Deus, seja qual for, pelo aspecto ético e moral que passa a orientar a sua vida, pelo fato de se manter um compromisso pautando a sua existência. E se ter a exata noção que todos nós temos que nos ajudar mutuamente, abolindo a maldade do pensamento.

Claudia é católica com uma religiosidade muito evidenciada, a qual se consolidou por causa da sua educação familiar. Ela reside na sua comunidade há muitos anos, onde atuam várias denominações religiosas. Sempre observou o desenvolvimento das mesmas no local onde mora.

Acredita fielmente que o único caminho para a salvação está no Catolicismo. Ela já teve a oportunidade de frequentar cultos das RMA, mas não se sentiu à vontade, não acreditou em nada que vivenciou. O seu conhecimento sobre as RMA se resume ao que as pessoas falam:

Claudia afirma o seguinte:

[...] porque eu sempre aprendi assim. Desde que eu nasci. A minha mãe me ensinou que a religião certa é a católica. Porque quando surgiu o mundo, que surgiu Jesus, o primeiro que houve foi a primeira missa, então missa é Catolicismo. Então eu aprendi assim, depois eu vi outras religiões, participei até, e sempre achei que a certa era a católica mesmo. Uma amiga me convidou para ir a uma festa, entendeu. Que ia acontecer nesse, como é que diz, centro, né? Aí eu fui, tudinho, mas eu achei aquilo muito esquisito. Eu achei esquisito, eu não vou dizer que eu acreditei naquilo. Eu não participei de reuniões não, eu só fui aquela festa, que tinha aquele povo manifestado, que vinha falar com a gente. E eu ouvi, vi e não acreditei em nada, eu não acreditei não (CLÁUDIA, 2018).

Ela não entende, e não quer entender, a finalidade das danças, dos sacrifícios de animais, tudo isso para ela é muito estranho. A entrevistada acha que a grande maioria das

peessoas, que não seguem as religiões de matriz afro-brasileira, pensam como ela. É devota fervorosa de Santo Expedito e de Nossa Senhora da Conceição.

Claudia complementa que:

[...] eu penso que não é uma coisa boa não. Eu acho uma coisa muito estranha, muito estranha mesmo. Matar bicho, ritual, aquelas danças. Eu acho uma coisa muito estranha, eu não gosto não. Eu já vi, até já vi, mas não gosto não. O bichinho, meu Deus do céu, fica ali morrendo. Para botar o sangue para aqueles Orixás, né. Eu não gosto não, eu acho uma coisa muito estranha. Eu jamais ia fazer um serviço, que me dissessem assim: ó tem que matar um boi, tem que matar um porco, tem que matar uma galinha, não. Eu vou para a minha missa de Santo Expedito, isso na igreja, eu não interfiro em nada lá, dá tudo certo, eu saio satisfeita, com o meu santo. A minha devoção é Santo Expedito e Nossa Senhora da Conceição (CLÁUDIA, 2018).

A sua crítica, em relação à Igreja Universal, está na iconoclastia exacerbada, que é pregada por essa denominação religiosa, a qual trata da mesma forma, qualquer culto às imagens, independente da expressão religiosa. Que os membros da Universal apregoam que apenas eles estão certos.

É contra a intolerância religiosa, pois ninguém sabe o que está no coração das pessoas, independentemente da sua religião. Assim não é certo se ter uma postura preconceituosa, cada um pode afirmar as suas crenças pessoais, pois Deus é um só. Ela acredita que não se deve discutir religião, cada um tem a sua, nunca se conseguirá atingir um consenso.

Claudia é a favor de um diálogo inter-religioso, assim as pessoas poderiam conhecer as diferentes religiões, não haveria mais um preconceito por desconhecimento. Mas ela não deseja aprofundar o seu conhecimento sobre outras religiões, o que ela sabe sobre o Catolicismo já é suficiente para a sua vida. Porém, não acredita numa possível coexistência religiosa, ela pensa que nunca daria certo, a tentativa de reunir pessoas de diferentes religiões, pois elas sempre vão achar que a sua fé é a certa.

Conforme Claudia:

[...] seria bom, agora eu acho difícil juntar esse povo todinho para viver junto, sempre iria haver atrito. Eu acho que não seria uma coisa tão maravilhosa assim não. Eu acho que não dá certo, não dá certo não. Eu não gosto muito de entrar em atrito com as pessoas, eu prefiro, se a pessoa falar: vamos passar uma semana, agora tem muita, cada uma religião, tem muita. Eu não quero não, vai lá, fique lá com a sua casa, com os seus encontros, que eu não quero não, deixa eu na minha casa. Eu acho que é por isso que eu tenho muitos amigos, porque se eu fosse fazer, assim, questão de que aquela pessoa me entendesse ia ser muito difícil, viu. Eu tenho amizades que para entender... Eu é que tenho que entender, a pessoa nunca entende aquilo que a gente diz, ou que a gente faz. Aí é preferível a gente ficar na da gente, né. Se um dia a gente conversar, sair, mas para conviver mesmo assim, não dá não, não dá de jeito nenhum (CLÁUDIA, 2018).

Laura não é adepta de uma religião definida. Se identifica com peculiaridades de algumas denominações religiosas e afirma acreditar numa força superior.

Ela é formada em pedagogia e exerce a atividade docente, numa escola municipal de referência como concursada. É engajada na resolução dos problemas sociais da comunidade onde mora, bem como está sempre conectada com os meandros da política nacional, em todos os seus níveis.

Durante a sua infância era amiga de uma menina, cujos pais eram líderes religiosos de um terreiro de Umbanda, dessa forma, teve a oportunidade de frequentar uma casa dessa denominação religiosa. Laura conta que na época, tinha muito medo das manifestações espirituais que ocorriam.

Laura acrescenta que:

[...] a irmã de uma grande amiga minha, ela é mãe de santo. Ela já é falecida, os pais dela também eram Mãe e Pai de Santo. Como eu era muito amiga da filha dela, então eu frequentava a casa e sabia que ela tinha essa religião. Fazia festas, oferendas. Mas isso na infância. E eu tinha muito medo, quando estava lá, de ver aquilo. Ficava na imaginação, na realidade eu não via nada, mas o que ficava na minha imaginação né, quando criança. Depois de adulto, já crescendo, convivendo com aquela situação, eu vi que não era nada daquilo que eu imaginava, que não era ruim, que não era pesado, como o pessoal falava (LAURA, 2018).

Na sua adolescência frequentou um templo da Iurd. A princípio afirmou que gostava bastante dos hinos e das orações, porém as invocações de espíritos malignos e os exorcismos, uma vez que lá se acreditava que todas as pessoas de fora daquele grupo religioso tinham um demônio incorporado, tudo isso a incomodava muito. Bem como as cobranças constantes por ofertas financeiras. Não era o que ela gostaria de encontrar na Universal, mas sim um culto evangélico.

De acordo com Laura:

[...] eu frequentei e visitei na adolescência. E eu até gostava, assim, das músicas, dos hinos, das orações que eles faziam. Só que em dado momento eles começam a invocar, como se tivesse, como eles falavam, invocando o demônio, satanás, né? Isso chegou a me incomodar. Que todos os visitantes, eles não excluíam ninguém, tinham um demônio. E que se um obreiro daquele tocasse no visitante, certamente, ele iria baixar, ia sair aquela obsessão, aquele espírito. Então isso me incomodou. Eu achei ruim. Quando a pessoa procura uma determinada religião é sobre aquilo que a gente quer aprender. Eu fui a uma Universal, eu achava que seria um culto evangélico, então era aquilo que eu estava procurando, aquilo que eu queria encontrar. Não que falasse sobre o demônio, sobre satanás. Eu acho que estava havendo uma confusão e eu não aceitei. Sem falar que toda a graça que você teria que alcançar era paga. Eu lembro que eles me deram uma vassourinha de

brinquedo e disseram que eu passasse nos móveis da minha casa, que estivessem quebrados e que depois devolvesse essa vassourinha com um envelope com dinheiro dentro. Que quando chegasse aquela vassourinha com o dinheiro, de volta na igreja, eu certamente conseguiria, do objeto quebrado, um objeto novo, em bom estado. Então eu não acho que é por aí, a situação (LAURA, 2018).

Foi a partir dessa experiência que Laura procurou fazer leituras esclarecedoras a respeito das RMA, de modo a aprofundar o seu conhecimento sobre essas denominações religiosas, na qual as entidades espirituais são forças da Natureza ou antepassados já falecidos. Ela desenvolveu a opinião de que o sincretismo religioso estabelece uma imagem distorcida sobre o mundo afro-religioso.

Ela acredita que a desinformação faz com que as pessoas das outras religiões confundam os rituais das RMA com atos de magia negra, mas que nesses não existe nada de mal.

Para Laura a intolerância religiosa está ligada ao desconhecimento dando origem ao preconceito. Quando direcionada contra as religiões de matriz africana, pelos membros da Iurd, chega ao patamar do fanatismo. Mas algumas denominações religiosas evangélicas também são vítimas de intolerância preconceituosa, por outras denominações igualmente cristãs. As consequências da intolerância são muito severas para as pessoas atingidas, elas se sentem discriminadas e odiadas. A justificativa de quem pratica a intolerância está sempre baseada num pretense direito à liberdade de discordar daquilo que não gosta.

Quanto a um diálogo inter-religioso, pensa que ele seria muito importante para disseminar o conhecimento religioso entre as diversas religiões, de modo que todos se conhecessem e se respeitassem. Esse posicionamento nos levaria facilmente a uma coexistência religiosa, com uma reciprocidade de aceitação, assim todos viveriam melhor em sociedade.

Júnior é uma pessoa com uma religiosidade muito desenvolvida, mantendo uma frequência dominical regular, como católico praticante. Não teve contato com pessoas adeptas das RMA, com as quais pudesse discutir assuntos de maior profundidade, sobre crenças e fé. Não detém muito conhecimento acerca do mundo afro-religioso inclusive desconhece a diferença do Candomblé para a Umbanda. Para ele:

[...] o senso comum das pessoas, de outras religiões, estabelece um enorme preconceito, com uma visão de que os mesmos são destinados para fazer mal aos outros, que são primitivos e realizados por pessoas sem cultura (JUNIOR, 2018).

Em relação aos membros da Igreja Universal, percebe fanatismo. Parecem pessoas que passaram por uma espécie de lavagem cerebral, ao ponto de aceitarem ser exploradas financeiramente em nome da fé.

Para Júnior a intolerância religiosa seria definida como a incapacidade de alguém acolher o que fosse diferente da sua religiosidade, conjugado à noção de que só a sua religião é a verdade absoluta. Não aceitando a existência de outras formas de expressão religiosa, que também poderiam levar a Deus e a uma salvação espiritual.

Júnior também percebeu que:

[...] as ações de intolerância são mais praticadas entre pessoas menos afortunadas culturalmente. No círculo das lideranças religiosas ela não se manifesta de uma maneira tão evidente, mas sim num caráter mais velado, porém sem perder a sua força formadora de opinião entre os fiéis (JÚNIOR, 2018).

E dessa forma que acredita que a intolerância, independente da instância em que é praticada, sempre representa uma limitação intelectual, daquele que a executa. Assim, uma atitude de tolerância e de respeito, poderia ser construída a partir dos bancos escolares, através do ensino religioso.

Em relação ao diálogo inter-religioso, Júnior acredita que esse é o caminho inverso da intolerância, um canal de abertura, a criação de um espaço para se conversar, ouvir e falar sobre religião. Quanto a uma coexistência religiosa, acredita ser um desafio a ser suplantado pela sociedade, pois as pessoas são muito mais estimuladas a perceber as diferenças. O meio termo, é o caminho que deve ser seguido, sem extremismos, respeitando-se as convicções individuais. Nesse contexto se deve buscar as semelhanças que unem e não as diferenças que afastam, mas essa busca ainda é um desafio.

Flávia foi educada com bases religiosas no Catolicismo. Não acumula um conhecimento apurado sobre as RMA. Ela apenas tem a noção do senso comum. Na sua opinião, existe muito preconceito sobre essas denominações religiosas, as quais são concebidas de forma pejorativa, pois estão direcionadas para se fazer o mal em rituais macabros. No seu meio social não tem contato com pessoas dessas denominações, ela ouve falar muito do Catolicismo e do Protestantismo. Relaciona-se com uma pessoa da sua família que é integrante da Igreja Universal do Reino de Deus e afirma que a mesma é muito intolerante e inflexível, julga todas as atitudes e os procedimentos dos outros como errados, apenas os seus preceitos religiosos são os certos.

Flávia pensa que nessa denominação religiosa, as pessoas são intolerantes por só conhecerem suas próprias concepções.

Flávia afirma que:

[...] assim, é... Até dentro da nossa família mesmo. Tem pessoas que são. E eles por ser... Assim, essa pessoa, por ser intolerante, em relação a atitude das outras. É a experiência que eu tive. Foi de muito julgamento, sabe. De muito julgamento à atitude das outras pessoas. Tipo, até mesmo de roupa. Fala em relação à roupa, fala às atitudes pessoais que não influenciam tanto assim, sabe. Mas para ela influencia demais. São coisas mínimas que... A intolerância é tanta que nem isso aceita, sabe. Em relação à roupa, em relação a certos comportamentos, que também não são nada demais. É mais isso assim, muita intolerância, a coisas que, realmente, não tem tanta importância, mas que dentro eles alimentam demais isso (FLÁVIA, 2018).

Dessa forma, Flávia entende como intolerância religiosa a atitude de não aceitar as outras religiões diferentes da sua. Como exemplo ela citou uma experiência própria, a qual vivenciou na sua escola quando muitos outros alunos a julgavam e perseguiam, por ela ser uma pessoa religiosa e não aceitar certas formas de proceder, praticadas pela maioria dos seus colegas adolescentes, as quais não se ajustavam aos seus padrões morais e éticos. A grande causa da intolerância seria a falta de amor na sociedade, esse amor ao próximo que é pregado em todas as religiões.

Para Flávia, um diálogo inter-religioso tem a finalidade de fazer a ligação entre as diversas religiões e o mundo, havendo uma segregação muito grande entre todas, de modo a se mostrar abertamente o que cada uma tem de bom e de ruim. Depende de uma escolha pessoal sobre o que se acreditar e seguir, na instância religiosa.

Em relação à coexistência religiosa, Flávia pensa que:

[...] hoje em dia, eu acho que é o ideal, todas as religiões serem adeptas a isso. Porque é assim, é... Nós estamos vivendo uma época de globalização, que as pessoas estão muito superficiais, muito relativas. E a religião ajuda muito nisso. A você ver a essência realmente. Não ver só as coisas superficiais, mas ver o que realmente importa. E essa coexistência iria ajudar muito. Não só as pessoas de dentro da religião, mas as de fora também, a terem um rumo melhor para as suas vidas, sabe. Iriam melhorar, sem dúvidas o mundo, essa coisa: diminuir guerras, diminuir muitas coisas (FLÁVIA, 2018).

Assim, para Flávia a religião ajuda as pessoas a serem mais felizes, formando-as como cidadãos para uma sociedade mais saudável.

Sofia também professa o catolicismo seguindo os mesmos passos de toda a sua família. Ela é doutora em biotecnologia. Na sua infância teve contato com as religiões afro-brasileiras, levada na busca de cura a males do corpo para alguém da sua família. Na sua fala ela está sempre preocupada em afirmar que foi um contato muito breve. Não sabe precisar especificamente se foi no Candomblé ou na Umbanda uma vez que para ela tudo é macumba.

De acordo com Sofia:

[...] já na minha infância, por algum momento de busca de cura. Que nós fomos levados, assim, para um terreiro de macumba, que era a característica daquele local. Onde se faziam trabalhos, é... De oferenda, de despacho, assim. Mas que foi uma experiência breve. Desse momento. E que durante o... A infância nós tivemos em vários locais desse tipo. Que era muito... Que isso marcou muito, assim. Aí depois disso nós fomos para outros locais de... Eu diria de um nível mais simples, que não tinha esses ritos, mas que também cultuava, essa questão da... Bem pesado mesmo, da macumba (SOFIA, 2018).

Na sua concepção, nesses locais, não se busca a cura interior, neles nós encontramos maldades, sacrifícios e destruição de famílias, com rituais que podem levar alguém à morte. No senso comum essa visualidade do lado mal é que é evidenciada, mesmo havendo uma relação com os santos católicos.

Conforme Sofia:

[...] o contato foi feito em um momento que uma pessoa da minha família precisou. Que alguém diagnosticou que ela encontraria a cura do seu problema nesse local. E aí foi orientado de levar até lá. Só que a gente observa que, normalmente, não se trabalha muito com cura interior, com essas coisas, mas com trabalhos pesados de maldades, de sacrifícios, de destruição de famílias, de... É... Até acham que são capazes de matar outra pessoa, fazendo aquelas... Aqueles ritos. Então a gente percebe que é uma coisa muito forte, muito negativa. Eu vejo que, geralmente, é um trabalho muito negativo, de uma forma muito negativa. E... Daí é que você fica com essa impressão, que não é algo que... Eu acho que existe uma mistura muito grande de religiões, de seitas. Que na verdade é, por um lado poderia ser uma coisa mais leve, mais de cultura, de tudo. Mas não, só é mesmo... Você só tem uma visão, que segue o lado ruim, dos trabalhos (SOFIA, 2018).

Na perspectiva de Sofia as pessoas ligadas às RMA sofrem muito preconceito da sociedade, sendo apontadas por fazerem parte da macumba. De um modo geral todos, que não são integrantes dessas religiões, discriminam os seus rituais.

Quanto a Iurd, Sofia afirma que os seus fiéis são muito negativos. Que eles acreditam muito no pastor, deixando até de comer para doar à igreja, mas são incapazes de ajudar ao próximo, que eles só estão preocupados com a sua própria salvação, por isso fazem tudo que o pastor ordena.

Sofia declara o seguinte:

[...] são pessoas que... É... Em Deus, vislumbram e acreditam muito naquela pessoa, no pastor, na igreja. Que doam, assim: deixam até de comer, às vezes, para doar para essas igrejas. E que são incapazes de ajudar ao próximo. São incapazes, muitas vezes, até um familiar, alguém que precisa deles e eles se negam. Mas que tem uma adoração, um fanatismo por aquilo ali. E acreditam naqueles rituais que eles fazem. Que, aquilo ali, muitas vezes pode não ser verdade. Não é uma verdade que... As pessoas possam

chegar a acreditar que... Naquela capacidade que eles têm. Porque são pessoas que usam o dinheiro da igreja como... É... Vaidades com suas riquezas, com tudo. E muitas vezes a pessoa só tem aquilo ali e doa para essas igrejas. E passam por miséria, fome. E tem... É uma cegueira que tem. Que aquilo ali vai salvar, vai curar que... E que eles, só eles são salvos. Só eles vão ter o direito à salvação. O meu contato foi muito negativo com essas pessoas, essa igreja (SOFIA, 2018).

Em relação à intolerância religiosa, define como uma falta de respeito pelas crenças das outras pessoas, como a não aceitação da liberdade de ir e vir do semelhante, de se escolher a religião que se quer seguir. Esse outro passa a ser rotulado por ela de forma pejorativa. Isso se constitui numa falta de caridade, sem se preocupar com o próximo.

Sofia pensa que:

[...] é quando você não tem o respeito, nem é... Nem aceita que outras pessoas de outras religiões. De conviver, de... Até mesmo frequentar outros templos, outros locais. E que não aceitam de forma nenhuma os ensinamentos... Podem ser até mesmo do Cristianismo, que as pessoas tem uma forma de não aceitar que o outro tenha a liberdade e a capacidade de ir e vir, de frequentar onde querem. Que na verdade o coração dessas pessoas é que dizem tudo, né. Sua bondade, sua afetividade. Por exemplo. Posso citar o exemplo do espírita, né. Que tem a caridade como ponto fundamental de vida. Mas que se você disser que é espírita, aí diz logo que é xangozeiro, catimbozeiro. Já liga para outra situação. Mas que são pessoas extremamente caridosas, que realmente se preocupam com o próximo (SOFIA, 2018).

De acordo com Sofia, o exercício do diálogo só traz benefícios a todos, representa a distribuição de amor, da caridade e da prosperidade para todas as pessoas.

Quanto a intolerância religiosa praticada pelos membros da Igreja Universal, pensa que: a salvação não é uma verdade absoluta de uma única denominação religiosa. Que uma religião não salva ninguém, mas sim o conteúdo do coração. Sofia acredita que uma prática de diálogo inter-religioso é altamente saudável, porque permite que cada religião evidencie as suas singularidades.

Leila se define como católica praticante, o seu conhecimento, a respeito das RMA e sobre a Iurd, situa-se no nível do senso comum generalizado na sociedade. Acredita que cada pessoa, ao se deparar com uma outra religião, reflete a forma que a sua religião olha para as demais, assim, esse tipo de percepção tem a sua origem no arcabouço cultural da pessoa. Isso perpetua com que seja admirável se compreender o que faz uma religião ser tão importante para o outro.

Leila argumenta que:

[...] eu acho que cada um, dentro da sua área religiosa, tem uma concepção. Sobre a outra religião. Por isso que eu considero importante... A disciplina

teologia. Porque a teologia, quando ela é trabalhada num processo de ensino aprendizagem, dentro de uma escolarização, durante uma formação, ela apresenta e desmistifica o que o outro pensa a respeito da outra religião. Porque aqui nós temos essas, mas têm N outras formas de se expressar fé. E pouca gente sabe. Então quando as pessoas falam é só a partir de um olhar. O olhar da sua religião. Então por isso que eu considero importante, que as pessoas ampliem o leque de percepção e de entendimento. Compreender o que representa aquela religião para o outro. Porque você tem a sua, mas o outro também tem a dele. Então é... Para ter essa inter-religiosidade, que a gente está vendo surgir aí (LEILA, 2018).

Dentro desse contexto, ser intolerante significa não aceitar a religiosidade do outro, bem como a sua forma de pensar e as suas manifestações culturais. Para Leila essa questão é mais visível no exterior, no Brasil as manifestações de intolerância são praticadas numa forma de violência velada e implícita.

Leila pensa que:

[...] ser intolerante é você não aceitar, o que o outro apresenta, né. Então se já era religiosa, qualquer outra característica, ou forma de pensar. Então intolerância é a forma que você apresenta de não compreender o outro. O que a gente vê é mais externo, né. Fora do Brasil, que é mais veiculado. Aqui no Brasil, eu... Só com relação a uma santa, que também não sei bem o detalhe, sabe. O que ocorreu com a santa, mas foi um caso que teve, realmente... tiraram a santa, alguma coisa assim. e foi assim um ato intolerante, contra o Catolicismo. Nós precisamos nos trabalhar, certo. O processo de formação, escolarização, os espaços que a gente puder, é... Para que as pessoas compreendam e entendam que tem uma diversidade, de uma universalidade de coisas, que ela precisa aceitar, assim: ela não vai assumir a religião do outro, mas tem que compreender que o outro tem direito a fazer as suas opções, sejam elas religiosas, ou de qualquer outro âmbito, certo? Então eu acho que a gente precisa criar é... Espaços para discutir e para desmistificar, essa questão de que só a religião da pessoa é que é certa. Manifesta a sua fé. Isso é que eu acho importante. Pessoas manifestarem a fé (LEILA, 2018).

Leila também afirma que: “ser religiosamente tolerante significa acolher a religião dos outros, sem abandonar as suas crenças pessoais, apenas aceitar que existem vários caminhos que podem ser seguidos” (LEILA, 2018). Para ela, essas diferenças, podem ser melhor compreendidas na prática do diálogo inter-religioso, com o qual se construirá um caminho de diálogo, tendo como instrumento principal a educação das novas gerações.

Isso poderá ser desenvolvido, com mais facilidade, num ambiente de pluralismo religioso e de forma pacífica.

Joana não se considera uma pessoa religiosa, fazendo parte do grupo dos que se intitulam sem religião definida. Na sua juventude ela frequentou o catimbó, pois achava bonito ver as pessoas incorporadas, a sua mãe e a sua irmã mais nova também incorporavam

entidades. Ela também já foi evangélica, da Igreja Assembleia de Deus. Atualmente ela vai ao culto de qualquer religião, pois gosta de conhecer os diferentes rituais que existem.

É uma mulher humilde, pode ser considerada analfabeta funcional. Desde a sua infância ela sempre cuidou dos seus irmãos mais novos e trabalhou para ajudar a gerir o sustento da sua família. É muito inteligente, conversa sobre qualquer assunto, pois detém uma gama de conhecimentos muito grande, os quais adquire pelos meios de comunicação e pelas conversas com outras pessoas.

Joana afirma que:

[...] cada um tem a sua religião, gosta dela. Aqui perto de casa também tem um bocado de macumbeiro [...] o que o povo está fazendo ali. Frequentando aquilo ali. Tem muitos que acham que vai só para fazer maldade, né [...] uma vizinha lá perto de casa já frequentou lá. Várias vezes. Ela é evangélica lá do Reino de Deus. Ela mesma disse para mim, que ela adquire muitas bênçãos lá, né. Bênçãos, muitas coisas boas para ela e os filhos dela. Mas eu nunca notei coisas boas não. Sei lá, porque a mulher não sai daquilo. Não sai daquilo. Não sai da vida dela, o que era. Se vai para uma igreja, seguir uma religião, tem que ver a diferença, né. Ela não tem... Eu não vejo diferença nenhuma (JOANA, 2018).

Para ela, a prática da intolerância religiosa é errada, pois as pessoas têm que respeitar as religiões dos outros, uma vez que todos somos iguais, independente da religião. Em relação a um diálogo inter-religioso, acredita que é uma coisa muito boa, porque nos dá a oportunidade de conhecermos a religião do outro. Assim como uma coexistência religiosa nos daria a chance de se viver junto em paz.

Pedro se considera uma pessoa religiosa, mas as suas falas o descrevem como católico não praticante. Teve contato com uma RMA, o Xangô, na sua juventude. Frequentou algumas vezes por curiosidade, no entanto, nunca buscou maiores informações, mantendo-se no nível de conhecimento do senso comum da comunidade em que vive. Ele afirma ser contra o sacrifício de animais, que ocorre nessas religiões.

Pedro acha que as pessoas das outras religiões procuram vivenciar as suas crenças, desacreditando nas que são diferentes das suas. Para ele, a intolerância religiosa significa não se respeitar a fé e a verdade de outra pessoa e se constitui na ausência de conhecimento, sobre os diversos caminhos que o outro pode escolher para chegar a Deus. Dessa forma, torna-se mais fácil rejeitar o que lhe é desconhecido.

No Brasil existe uma diversidade religiosa muito grande e não uma polarização. Dessa forma, acredita que o sentimento de intolerância religiosa não é tão intenso na nossa sociedade, mas existe sim, um preconceito cultural e social.

Sobre um diálogo inter-religioso Pedro pensa o seguinte:

[...] seria interessante. Como em qualquer debate, em qualquer tema, sempre tem que ter o diálogo de alguma coisa. Principalmente, com a gama que tem de religiões. Seria proveitoso, até que cada um pudesse sintetizar e se aprofundar mais, na religião do outro, interessante. Principalmente na democracia que a gente vive (PEDRO, 2018).

Para concluir sua fala, afirma que a opção religiosa de uma pessoa está fortemente relacionada com o seu ambiente familiar.

Rubens pertence à denominação religiosa evangélica batista, bem como à classe média recifense. É engenheiro, também concluiu uma pós-graduação lato sensu em ciência da religião, isto fez com que o seu interesse fosse despertado pela metodologia empregada na elaboração desta pesquisa. A sua formação superior lhe confere um entendimento a respeito do objetivo da entrevista.

O conhecimento de Rubens acerca das religiões de matriz africana é o mesmo do senso comum que se estabeleceu na sociedade de uma forma geral. Que elas são coisas do diabo, com as quais não se deve ter contato. Esse imaginário criado pelo desconhecido gera medo nas pessoas.

Rubens declara que:

[...] sobre as RMA eu conheço muito pouco, quase nada. Eu sei que são de origem africana, que tem uma certa miscigenação com os santos católicos. Enfim, muito pouco. Em geral, eu acho que as outras pessoas pensam o mesmo que eu pensava na minha infância. A princípio que era uma coisa demoníaca, que é algo que é melhor não se aproximar. Enfim, tem medo e fica muito mais no imaginário, aquela coisa do imaginário mesmo (RUBENS, 2018).

Em relação à Igreja Universal, afirma que:

[...] já tive contato, não tão próximo, nunca me relacionei. Contato assim, saber que a pessoa é da igreja. Conversar com ela, mas não criar uma amizade com alguém que... Em geral, as conversas que eu tive com pessoas da Universal, mostravam da parte delas uma certa alienação. Eles vivem um falso cristianismo, um cristianismo de modismo. Sei lá, eu não consigo explicar muito bem. E que faz com que eles se sintam privilegiados em relação à grande maioria e demonizam absolutamente tudo [...] olha, eu tenho uma opinião, eu acho que diverge da maioria dos religiosos protestantes que eu conheço. É o seguinte, eu percebo na prática religiosa dos membros da Iurd muito das religiões africanas. E essa similaridade traz uma necessidade de ser intolerante para tentar ser... Pelo menos se mostrar diferente. Ou seja, naquilo que ele é igual, ele não quer admitir que é igual e para dizer que é diferente ele rejeita o outro. É dessa forma que eu resumo o que eu vejo de rejeição, de intolerância da Igreja Universal com os seguidores das RMA (RUBENS, 2018).

No passado Rubens foi vítima de intolerância religiosa, dentro do seio da sua família, pelo fato de ter se convertido à Assembleia de Deus. Ele também a exerceu, contra a sua irmã mais nova, que era seguidora das religiões afro-brasileiras.

Para Rubens, todas as religiões praticam intolerância religiosa em diferentes níveis de intensidade, isso acontece por causa do orgulho coletivo gerado pela religiosidade no seu grupo de adeptos. Essa intolerância se configura como uma forma de afirmação da própria instituição, perante as outras denominações religiosas.

De acordo com Rubens:

[...] hoje em dia eu penso... Bom, que é algo que a sociedade, ou nós já percebemos como ruim, mas que é intrínseco a própria religião. Eu acho que, independente de qual seja a religião. Raras religiões, raríssimas, não são intolerantes. Ou mesmo aquelas, que em sua doutrina, de forma pura, não é intolerante, mas de forma prática ela traz algum nível de intolerância, por menos que seja. Porque, a partir do princípio que... A partir do momento que ela perde um pouco dessa questão de preciosismo... De orgulho da sua própria religiosidade, a partir do momento que a comunidade perde esse orgulho, que a religião tende a mudar, a se desfazer... Então eu acho que isso acaba que mantendo a própria religião. Toda a religião é em certo grau intolerante (RUBENS, 2018).

Interessante notar que Rubens acredita que no Brasil, a grande maioria das pessoas não se preocupa com a temática da intolerância. Isso só acontece quando algum fato chocante é noticiado pela mídia, mas que este logo cai no esquecimento coletivo

Conforme Rubens:

[...] eu acho que a maioria das pessoas, pelo menos no Brasil, não estão nem aí para esse tema. A não ser quando acontecem situações drásticas, situações chocantes, que a mídia noticia. Aí faz aquele levante, algumas pessoas defendem, outras acusam, mas logo passa. No final das contas, as pessoas não têm consciência que elas também exercitam algum tipo de intolerância religiosa. Porque, no meu entender, como eu falei a pouco, a intolerância religiosa não é só nesse nível da violência, ela é muito mais sutil e está aí a todo o momento, todo o instante. Eu sou de uma denominação batista. Na denominação batista, um dos princípios é a liberdade de consciência e de culto. E eu sou batista a mais de dez anos, tenho lido, tenho estudado, desde a história, de como surgiu isso, de onde vem esse princípio historicamente. Mas eu admito que, mesmo sendo um princípio, ele é extremamente difícil de ser exercitado. Por conta do que eu falei agora a pouco. Qualquer religião, seja ela qual for, qualquer grupo religioso, a meu ver, ele só existe, se em algum nível, ele é um pouco intolerante. Toda religião que tem uma ação evangelizadora, nós já questionamos daí, se ela não está sendo intolerante. Eu sou praticante, sou atuante na igreja. E uma das coisas que as igrejas batistas mais fazem é investir em missões de evangelismo. Mas é uma linha difícil, principalmente quando você começa a ler a respeito, refletir a respeito, você às vezes... O que é que eu de fato estou fazendo? Até onde eu posso ir? Onde é esse meu limite? Onde eu devo parar? (RUBENS, 2018).

Acredita também que o diálogo religioso é difícil de ser exercitado, pois as religiões são intolerantes num determinado grau de intensidade, como forma de defesa aos seus princípios religiosos. Assim toda religião que desenvolve uma atividade evangelizadora pratica alguma forma de intolerância religiosa.

Rubens defende a ideia de que a prática do diálogo inter-religioso deveria ser estimulada, não apenas entre os líderes religiosos, mas numa discussão ampla que abrangesse toda a sociedade. Os grandes representantes religiosos não evoluem de uma conversa a respeito, não se desenvolvem medidas práticas. Principalmente porque esses líderes são formadores de opinião, junto as suas comunidades religiosas.

Um diálogo inter-religioso tem, como finalidade principal, evidenciar os pontos comuns entre as diversas religiões, desprezando as diferenças, pois são estas que produzem a intolerância. Rubens concebe uma relação de coexistência religiosa de uma forma muito simples, como uma harmonização entre as diversas comunidades religiosas.

3 ANÁLISE DE TODOS OS DADOS COLETADOS

Para a elaboração deste capítulo foi estabelecido o seguinte objetivo específico: analisar o problema da intolerância religiosa, de acordo com todo o conteúdo pesquisado, enfocando: as raízes da intolerância e a semente da coexistência. Para que ele fosse escrito foram considerados os dados reunidos nos dois primeiros capítulos.

3.1 As resultantes das análises das ideias coletadas

3.1.1 A religião

A sociedade brasileira passa por um período de modificações históricas, políticas e econômicas. O campo religioso está acompanhando esse processo de mudanças, podendo ser considerado como o mais fértil em termos de complexidade. Ocorre uma competição entre as denominações religiosas para garantir o controle do mercado religioso, da mediação entre os homens e o sagrado. Observa-se um incremento na preocupação das pessoas para com o aspecto religioso das relações humanas. Esse interesse pela dimensão transcendental não se materializa como uma valorização das instituições religiosas, pelo contrário a denominação religiosa ainda considerada como hegemônica continua em declínio, em relação ao seu número de seguidores (SANCHEZ, 2006).

Na atualidade, no Brasil ocorreram muitas transformações no campo religioso. Encontra-se uma diversidade de denominações religiosas e seitas. Tendo por causas várias condicionantes sociais e históricas, elas apresentam uma variação no seu grau de inserção social. Todas essas configurações de mediação com o sagrado interagem, de alguma forma, com o Catolicismo que continua sendo a religião com um elevado grau de dominância. Pode-se mapear essa articulação da diversidade religiosa brasileira, estabelecida na contemporaneidade, visualizando-se o lugar ocupado pelas chamadas religiões periféricas, as quais tem uma conotação espírita, que são discriminadas e marginalizadas. Porém elas se identificam com o imaginário religioso do povo brasileiro (CARVALHO, 1999).

Assim o sujeito se apresenta como o fator principal para a definição das instâncias primordiais da busca pelo sagrado, com a religião se colocando como ressignificadora da identidade individual, com uma forte denotação subjetiva. A complexidade do campo religioso proporciona a geração de diversos modelos, os quais poderão ser adotados, conforme a realidade social que se configurar. Isso acontece com uma rapidez muito grande.

O sentido para a vida humana pode ser encontrado na religião, o qual se expressa pela comunhão dos diversos aspectos culturais como: a arte, o mito e as formas de espiritualidade. A consequência é a criação de diversos universos religiosos, que podem ser oferecidos para a escolha do homem, de acordo com a sua consciência.

A evolução da espiritualidade pode ser encontrada nas RMA, no espiritismo kardecista, bem como nas igrejas neopentecostais. Todas essas denominações religiosas constituem hierarquias sociais e políticas, com uma abrangência que depende da leitura social e religiosa que se faz da sua doutrina. Essa diversificação religiosa se desenvolveu concomitantemente a outras transformações culturais. Algumas delas se apresentam, de forma espetacular, no intuito de cooptar novos adeptos. Porém a elevação espiritual do ser humano não se estabelece com a frequência a um templo religioso, ela está diretamente relacionada com o incremento da sua existência, a qual deve estar indexada aos preceitos morais e éticos inerentes a sua sociedade, que prescrevem a sua conduta para com o seu semelhante e a natureza (CARVALHO, 1999).

Nem todas as denominações religiosas aceitam uma crítica aos meandros internos da sua doutrina, muito menos os seus fiéis estariam propensos a executar esse exercício de autoconsciência. As que mais crescem em número de adeptos são aquelas que seguem uma linha esotérica, que oferecem um aparelhamento mágico, para que os seus crentes consigam resolver as suas angústias materiais e existenciais, como um produto à disposição no mercado religioso. Assim a religiosidade brasileira se configura num molde fecundo, mas disseminado em complexidades e contradições.

A religião, que no passado era recebida como herança familiar, na atualidade é demandada pelo brasileiro, como mais um produto de consumo, dentro de um contexto de pluralidade cultural, bem como ainda sob a influência do imaginário mágico da religiosidade popular (CARVALHO, 1999).

O ethos contém os valores morais de uma cultura, que são elaborados em função de dois conceitos: natureza e sociedade, vindo a expressar a visão de mundo do grupo humano em questão. O universo simbólico de uma religião mantém a fidedignidade prática dos valores morais e sociais, com a elaboração de uma visão de mundo. Assim o estudo das religiões deve priorizar o conjunto de crenças e valores culturais dos seus seguidores. Pois o homem é o único ser, que de forma consciente, tem a capacidade de definir as suas práticas, evidenciando as suas reais intensões, pela linguagem, que é a representação ostensiva do seu pensamento, colocando sentimento em todas as suas realizações (Aquino; et al, 2009).

Na doutrina de todas as denominações religiosas, a organização dos princípios está relacionada com a arcabouço valorativo do seu grupo de fiéis. O simbolismo religioso proporciona uma normatização de caráter coercitivo, que disciplina os aspectos da vida profana. Dessa forma as religiões possuem uma característica comum, de guiar os homens, com a produção de valores que orientam a sua existência.

3.1.2 A liberdade religiosa

A liberdade religiosa é mais uma componente da grande resultante que compõe a liberdade individual, dentro do contexto de um Estado democrático e laico. Onde todos os direitos e deveres estão resguardados pela prática da cidadania. Quando o homem tem a oportunidade de perceber a verdade pela sua própria consciência, sem imposições.

No Brasil, com a fiança da liberdade religiosa regulada na Constituição Federal, existem denominações religiosas que defendem os seus direitos constitucionais com veemência, porém não respeitam o mesmo posicionamento para com o diferente. A cidadania garante o direito, ao indivíduo, do livre pensamento, esse pode se manifestar, pensar e imaginar, de acordo com as suas escolhas, bem como decidir sobre a sua consciência religiosa, de forma intransferível, sem imposições alheias a sua vontade. A liberdade de expressão também é um direito amparado por lei, dentro do contexto democrático estabelecido na nossa realidade social e política. Todos podem exteriorizar as suas ideias, opiniões e sentimentos da forma que quiserem. Assim um homem, com uma determinada crença, ao tentar impor as suas ideias ao outro, está incorrendo em crime (ALMEIDA, 2017).

A liberdade religiosa não é ilimitada, se o ato litúrgico de uma pessoa se configura como a realização de um delito, esse será devidamente penalizado, mesmo que a sua alegação de defesa seja que agiu movido pela sua fé. Se uma religião prega o ódio, a prática da violência e a feitura do mal para com o seu semelhante, essas ações criminosas serão devidamente julgadas e punidas, conforme a lei.

A liberdade religiosa, como um direito fundamental, é sustentada por três pilares: a liberdade de crença, a liberdade de culto e a liberdade de organização religiosa. A liberdade de crença é a não vinculação a qualquer tipo de atrelamento ou imposição, desde que as suas aspirações não venham a atingir de forma negativa ao outro. A liberdade de culto estabelece o livre direito de orar e de praticar os rituais inerentes à denominação religiosa, da qual se é filiado, tanto no ambiente íntimo do lar, quanto em público. A liberdade de organização

religiosa faculta a possibilidade de se estabelecer uma igreja, bem como as suas relações com o poder público e com a sociedade (ALMEIDA, 2017).

A liberdade religiosa foi efetivamente reconhecida no Brasil, como uma componente necessária à prática da cidadania. Com a proclamação da república e a separação entre governo e Igreja, configurou-se a laicidade do Estado Nacional. O direito de se exercer essa liberdade se tornou fundamental para a relação dialética, que se desenvolve entre o culto, a crença e a consciência individual. Quando algum desses quesitos não é devidamente preservado, compromete-se o poder de normatização da Constituição Brasileira (FILHO; ALVES, 2009).

As liberdades de opinião e de expressão facultam a manifestação crítica às práticas litúrgicas e aos dogmas de uma outra denominação religiosa, sem que isso possa ser interpretado, pela legislação vigente, como um ato de intolerância religiosa. Porém esse posicionamento deve ser evidenciado sem atitudes de desrespeito e de violência, contra as escolhas do semelhante. Ao se tecer opiniões ou se expressar contra ideias contrárias, deve-se sempre manter essas atitudes dentro de um contexto moral e ético.

3.1.3 A tolerância religiosa

Numa sociedade complexa, quando uma verdade religiosa absoluta assume uma posição hegemônica em relação as outras, a tolerância religiosa se configura como uma necessidade. O grupo humano dominante tem que flexibilizar as suas convicções, desse modo a sua verdade absoluta se reafirmará, com maior facilidade, quando ela suportar a existência do erro do outro.

Nesse sentido a consignação da tolerância religiosa será a consequência de um cálculo de política contingencial. Pois numa visualização pessimista, o homem sempre procura satisfazer os seus interesses, ainda quando aceita os interesses do seu semelhante. Não se recusa a própria verdade, apenas se respeita, aparentemente, as escolhas do outro. Conforme Teixeira:

[...] segundo os dados mais recentes baseados no Censo Demográfico de 2000, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), não se pode negar a presença hoje no Brasil de uma diversidade religiosa, mas os dados do Censo apontam para uma grande hegemonia do cristianismo [...] o campo cristão se diversifica, sobretudo com a presença imponente dos evangélicos pentecostais, que densificam no país a novidade de um regime forte de intensidade religiosa, onde a dinâmica de exclusividade é bem acentuada (TEIXEIRA, 2005, p. 27).

A tolerância religiosa pode ser visualizada como: a prática do respeito recíproco para com as escolhas individuais das pessoas, mesmo que, em relação a verdade de outras, ela seja interpretada como seguidora de uma opção errada. Essa defesa de opinião é muito relativa, ela depende do olhar de quem avalia. Os homens têm o direito de fazer prevalecer o seu livre arbítrio, desde que eles assumam as responsabilidades pelos seus atos, bem como as suas decisões não venham a prejudicar aos outros (MACHADO, 1997).

Porém o fato de se tolerar alguma coisa pode ser considerado como um sentimento de preconceito e de discriminação, esse comportamento pode ser interpretado como um exercício de intolerância, segundo Oliveira:

[...] esse sentido da tolerância na modernidade relaciona-se então ao projeto de dominação universal do colonizador europeu, no qual a ideologia da ciência moderna, em sua busca de uma verdade absoluta e no uso de uma razão instrumental ansiosa por dominar a natureza, foi utilizada como elemento legitimador que possibilitou/possibilita o desenvolvimento de atitudes de intolerância. No âmbito das relações religiosas faz-se pertinente observar até onde esse conceito de tolerância moderno pode predispor ao preconceito para com membros de credos diferentes. Todavia, ao se trabalhar com esta temática, é interessante questionar até que ponto o preconceito é apenas um elemento constitutivo da formação das identidades, entre elas as religiosas, ou até que ponto ele pode se caracterizar num estigma que pode conduzir à intolerância religiosa (Oliveira, 2007, p. 220).

A república de Platão elegeu a justiça como a principal virtude; as monarquias absolutistas cultuavam a fidelidade ao rei como a virtude fundamental; os burocratas priorizam a eficiência; o liberalismo e o socialismo amparam as suas ideologias, respectivamente, nos ideais de liberdade e de igualdade; os Estados Democráticos Modernos defendem o estabelecimento da tolerância em todas as instâncias da sociedade, inclusive na religiosa.

A tolerância se estabelece quando se reconhece a existência do diferente, este princípio está implícito no mandamento cristão: ama o próximo como a ti mesmo. Porém esse termo, numa concepção negativa, pode significar uma relação de simetria do eu com o outro, o que vem a limitar o seu entendimento, por desconhecimento do outro, gerando a intolerância (MACHADO, 1997).

Para o efetivo estabelecimento da tolerância, a assimetria é indispensável, respeitando e legitimando o adverso, numa atitude positiva para se comunicar com a verdade do outro, sem abandonar a sua. Esse reconhecimento do diferente não se estabelece numa relação de comparação, o que resultaria numa desigualdade. Uma identificação entre os termos diferença

e desigualdade nos levaria a um relativismo radical, no qual ao se tolerar o intolerante se estabelece a eliminação do próprio tolerante (IDEM).

O simples reconhecimento do próximo não é suficiente para ser tolerante, quando se perpetua a relação do eu sujeito e do outro objeto. Faz-se necessário perceber o outro através de um olhar de empatia para com as suas verdades. Pela assimilação e pelo respeito a esse referencial diferente.

Mesmo no contexto atual de diversidade relativa, em que se vive, os homens apresentam um arcabouço de aspectos comuns, constituído por valores morais e éticos, direitos e deveres reconhecidos universalmente, que em diferentes culturas, foram normatizados em textos religiosos, como em algumas encíclicas da Igreja Católica. Seria como uma essência que daria sentido à existência do homem. Torna-se mais fácil, a um grupo humano, em qualquer instância da vida, particularmente a religiosa, ser tolerante, quando a ação tolerada não atinge áreas do interesse desse grupo, ele só tem que se alienar em relação a essa ação. Mas existem limites para a amplitude da prática da tolerância (MACHADO, 1997).

O reconhecimento da diversidade, o respeito pelas diferenças, a aceitação de instâncias da vida humana que não podem ser comparadas ou julgadas, em relação a uma verdade interpretada como absoluta, estabelecem a materialidade da tolerância numa vertente positiva.

Para a manutenção dos direitos fundamentais do homem se faz necessário: o fomento do sentimento de pertença, o estabelecimento de leis que promovam o bem comum e a solidariedade. Dentro desse contexto, para a construção de um ambiente social pacífico, a tolerância seria o primeiro degrau a ser galgado. Mas se faz imprescindível se privilegiar o desenvolvimento da civilidade, através do diálogo (Elvas; Moniz, 2010).

No século XVIII, com o advento do Iluminismo, o conceito de tolerância foi evidenciado. Voltaire o apresentou, em 1763, no seu “Tratado sobre a Intolerância”, no qual ele expõe que a intolerância não é propagada pelas tradições judaica e cristã. Na atualidade a tolerância se tornou fundamental para se dar início à construção de uma conjuntura de paz social, que venha a abranger toda a civilização humana (MACHADO, 1997).

A diferença principal entre a pessoa tolerante e a cética é que: para a tolerante a veracidade da fé é primordial, para a cética não é importante o advento da fé verdadeira. O fato de se tolerar não fomenta a civilidade, não se gera empatia para o que é diferente e estranho. Para essa se desenvolver, deve se dialogar e conhecer o outro. O diálogo pode ser efetivamente promovido com o auxílio de três instituições de cunho social: a escola, onde podem ser transmitidos, às novas gerações, os preceitos da civilidade; a mídia, na qual pode

ser apresentado, sem deformações, o conhecimento do diferente; e o direito positivo, que garante a aplicação das leis reguladoras de uma coexistência religiosa legítima.

3.1.4 A intolerância religiosa

A intolerância religiosa sempre se instala num contexto, em que duas, ou mais, verdades, que por algum motivo se tornaram antagônicas, têm que conviver juntas, num mesmo ambiente social. Elas repartem as preferências dos homens, com estes buscando respostas para as suas necessidades, sejam elas materiais ou espirituais.

As ideias para se afirmarem são confrontadas umas com outras, numa relação de aproximação ou de afastamento. Quando o afastamento se caracteriza como uma oposição deliberada, numa total recusa ao direito do outro de ser diferente, aí se estabelece a intolerância. Na relação entre denominações religiosas, o conceito de tolerância pode fomentar o preconceito contra aquele que é rotulado como diferente. Esse pode ser interpretado como mais uma instância componente da identidade religiosa do ser humano, ou como o fator negativo que está na gênese da intolerância religiosa (OLIVEIRA, 2007).

Podemos considerar que o sentimento de preconceito, que os membros de algumas denominações religiosas, desenvolvem em relação aos seguidores de outras religiões, na realidade, é a aceitação da desigualdade social, como se fosse mais uma instância do relacionamento humano, que julga a não validação da liberdade cultural daquele que segue o diferente. Nesse contexto nós observamos o estabelecimento do preconceito estigmatizante, quando este fomenta a exclusão das doutrinas religiosas aversas aquilo em que o grupo humano, que faz o julgamento de mérito, acredita, recusando o direito de escolha de uma verdade, de uma fé distinta, vindo a gerar a intolerância religiosa (IDEM).

Fica difícil visualizar um cometimento como um ato de intolerância religiosa, quando não se prova o emprego da violência física. Para o direito positivo, o enquadramento da prática do crime contra o sentimento religioso, depende da interpretação dada, à ação praticada, pelos representantes do poder público. Entre estes se pode identificar uma resistência, quanto a aceitação de denúncias que sejam apresentadas por líderes religiosos afro-brasileiros, como vítimas.

Os termos intolerância e discriminação têm diferentes significados. Mesmo numa sociedade, na qual são respeitadas as liberdades individuais. Com a prática da tolerância religiosa, pode vir a incidir atos de discriminação, pois esta está incutida no aspecto cultural de um grupo humano majoritário. Dessa forma, um contexto democrático, não garante uma

coexistência religiosa imparcial. Especialmente se há uma disputa entre denominações religiosas pelo mercado religioso (SANTOS, 2008).

No Brasil, o preconceito e o racismo direcionados para todas as manifestações culturais e para os aspectos físicos inerentes ao grupo étnico negro, particularmente as manifestações religiosas, são praticados de forma velada, como paradigmas implícitos no trato social. A característica de invisibilidade desses sentimentos se configura numa intenção de não os discutir, não os tornar evidentes, como se não existissem.

A discriminação não pode ser confundida com o preconceito ou com o racismo. O preconceito é uma ação antecipada e antagônica tomada contra o outro, ou contra um fato, ou uma ideia, sempre baseada na comparação a uma referência. O racismo tem uma abrangência mais ampla, ele se distingue por ser a ação de se atribuir aspectos negativos a um grupo humano, em decorrência de suas características físicas ou culturais. Para o senso comum preconceito e racismo tem o mesmo significado. Quando um sentimento preconceituoso ou racista se materializa em ações práticas, tem-se o estabelecimento da discriminação (SANTOS, 2008).

Alguns segmentos da sociedade brasileira, nessa forma velada, assumem uma postura racista e discriminatória, contra toda manifestação cultural afro-brasileira, inclusive contra as RMA. Uma das causas principais é o completo desconhecimento, do verdadeiro significado da cosmovisão dessas denominações religiosas, o que cria um sentimento de medo pelo desconhecido e pelo que é disseminado no senso comum, potencializado pelo imaginário popular, de que elas tem como finalidade principal a feitura do mal. Esse pensamento está difundido na opinião geral dos seguidores das religiões evangélicas. Estas também podem ser consideradas como vítimas da intolerância religiosa de outras denominações, particularmente do Catolicismo (MORAIS, 2012).

A prática do preconceito e da intolerância se justifica no interesse de se perpetuar uma realidade social. Quando não se admitem as diferenças entre os grupos humanos, sejam elas componentes de uma resultante cultural: ideológicas ou religiosas. Essa modalidade de intolerância abona a permanência de uma situação, mesmo com o emprego da violência, nos seus diversos níveis de intensidade, desde a simbólica até a física. Mas o ódio é o verdadeiro protagonista que se apresenta (SANTOS, 2008).

Muitas denominações religiosas praticam a intolerância religiosa, cada uma num grau de magnitude, desde a sua forma mais velada até a mais ostensivamente exercida. Pelo fato de se arvorarem como detentoras de uma verdade absoluta, como único caminho salvífico. Isso é mais comum nas religiões que desenvolvem atividades doutrinadoras (MORAIS, 2012).

A grande maioria das pessoas que são intolerantes, em relação às religiões dos outros, são pessoas que possuem uma formação intelectual menos favorecida. A ignorância para com a diversidade existente, dos caminhos que levam a Deus, conforme a imensa diferenciação cultural existente entre os homens, motiva a prática da intolerância religiosa. O ser humano teme e rejeita aquilo que ele desconhece, bem como aquilo que venha a se contrapor as suas crenças.

3.1.5 O pluralismo religioso

O pluralismo religioso é gerado pela diversidade cultural e religiosa, que na atualidade se instalou na sociedade, fruto das liberdades auferidas aos homens com a implantação do Estado Democrático pleno, permitindo a manifestação pública do relativismo existente de denominações religiosas.

Ele determina as condições necessárias para que a autonomia do homem seja gerada nesse campo. A capacidade das religiões de viverem num ambiente plural, pode ser auferida pela forma como elas administram os conflitos e a concorrência mútua, pelo choque entre as suas fronteiras doutrinárias. Nesse contexto existem instituições religiosas, que ao depararem com uma situação de pluralismo religioso, assumem uma posição de intransigência, isolando-se dentro do seu interior dogmático, não aceitando, radicalmente, o diálogo, a coexistência e as concepções de realidade diferentes da sua própria. No contexto brasileiro, nós temos exemplos dessas denominações religiosas, dentro dos grupos neopentecostais e de alguns segmentos católicos (SANCHEZ, 2006).

No Brasil a separação entre Estado e religião ocorreu com a proclamação da república, porém os privilégios hegemônicos da Igreja Católica não foram abolidos, mantendo-se a estreita ligação entre o Catolicismo e a sociedade brasileira. Na atualidade, o advento do neopentecostalismo, ao buscar a satisfação dos seus seguidores, com uma finalidade proselitista, exerceu um papel muito importante na consolidação do pluralismo religioso nacional, com a sua componente intrínseca de liberdade religiosa, mesmo num contexto de competição pelo controle do mercado de mediação com o sagrado (MARIANO, 2011).

No exercício das religiões alternativas acomoda-se uma religiosidade plural. Muitos adeptos do Cristianismo também frequentam cultos místicos, esotéricos e da Nova Era, praticando processos de meditação, bem como manipulando diversos tipos de energia espiritual. Assim as pessoas buscam a solução para os seus problemas de saúde, de relacionamentos interpessoais e amorosos, bem como um apoio espiritual que auxilie nos seus

recônditos existenciais. Para conseguir esse contato com o sobrenatural, os cristãos também recorrem às RMA. É nessa busca transcendental que a pluralidade religiosa se desenvolve, com um simbolismo que se manifesta de maneira interna e externa à consciência do homem. É nesse contexto que o aspecto atual da questão da religiosidade brasileira se evidencia, porém mesclado com a concepção antiga (SANCHEZ, 2006).

Com a atual facilidade de difusão das informações que atinge, simultaneamente, grandes efetivos populacionais, uma religião universal se configurou como acessível a todos, com a sua constituição sendo forjada a partir de uma síntese das doutrinas das diversas denominações religiosas, levando-se em conta as variações culturais existentes. Essa resultante religiosa propicia um novo paradigma de relacionamento, com diversos grupos humanos, diferenciados culturalmente, convivendo em conjunto numa religiosidade plural, mas com pontos comuns, que seriam evidenciados. Com cada uma mantendo a sua verdade própria. Assim as denominações religiosas não se situam mais como ilhas isoladas, sendo facultado a todos o livre trânsito inter-religioso (VIGIL, 2006).

Essa nova visualização, baseada no pluralismo religioso, tem como consequência o questionamento inter-religioso, sobre as diversas doutrinas religiosas existentes, em relação aos seus pontos negativos. Sem gerar a intolerância e a discriminação, buscando novos caminhos de mediação com o sagrado. Essa avaliação da essência doutrinária das denominações religiosas, gera o confronto da religiosidade com o princípio da humanidade, pressupondo a liberdade de escolha à mobilidade da pessoa dentro do leque de diversidade religiosa atual, com as revelações intrínsecas as mesmas influenciando aproximações e distanciamentos, entre as lideranças, bem como entre essas e os fiéis (MORAIS, 2012).

No passado, se uma pessoa trocasse de religião, isso tinha como sentido uma ruptura na sua integração social e cultural. Como consequência se assimilava uma nova cosmovisão, bem como uma mudança de comportamento, em relação ao contato interpessoal. Na atualidade a experimentação de outros caminhos de contato com o sagrado, não tem um significado de mudança religiosa, isso permite ao ser humano poder frequentar a casa mística que lhe aprouver, de acordo com os seus interesses momentâneos, podendo se locomover livremente pelo leque de crenças, que o pluralismo religioso oferece (VIGIL, 2006).

O conceito de pluralismo assimétrico dá o seguinte significado para essa circunstância: como as religiões não são absolutas, uma não tem como afirmar que está mais próxima do sagrado do que as outras. Assim elas podem se complementar, criando uma resultante mútua da interpretação dos mistérios de Deus, pelo somatório de todos os seus aspectos positivos. Para o desenvolvimento dessa atitude basta que ocorra um diálogo inter-religioso sincero e

humilde, despido de qualquer tipo de presunção, preconceito e discriminação. Como consequência, os seres humanos podem viver num estado pleno de coexistência religiosa (IDEM).

Não se concebe uma denominação religiosa absoluta, que detenha toda a verdade, em relação à mediação com o sagrado. As doutrinas religiosas podem ter sido elaboradas por inspiração divina, porém elas são criadas pelos homens, estes são, historicamente: limitados, falíveis, imperfeitos e ambíguos. Além de difundir as intervenções do sagrado de acordo com os seus interesses mundanos. Não se pode afirmar a existência de uma religião totalmente pura, nas suas doutrinas, todas têm princípios que levam à incredulidade, às superstições e a uma fé em aparecimentos que não podem ser comprovados pelo pensamento racional. Mas essa subjetividade das denominações religiosas não é simétrica para todas, algumas têm uma sensibilidade maior à vida humana, dependendo do meio cultural e do contexto histórico, onde elas se desenvolveram.

3.1.6 A Igreja Universal do Reino de Deus

A Iurd permanece na sua luta contra, tudo o que acredita ser, a atuação de satanás no mundo dos homens. Ela identifica a liturgia das RMA, como ações de entidades demoníacas. Nesse contexto os seus integrantes praticam atos de violência simbólica, desqualificando moralmente os seguidores de todas as outras religiões. Essas ações se concretizam como: humilhações, perseguições, discriminação e mesmo a destruição de patrimônio.

A Igreja Universal sedimenta as justificativas para a sua prática religiosa, principalmente, no combate à doutrina das RMA, bem como do espiritismo kardecista. Para isso ela se apropria e dá um novo significado às linguagens simbólicas dessas denominações religiosas, reformulando as suas cosmovisões. Assim a Iurd atinge o imaginário religioso brasileiro. As representações coletivas deste são transmitidas de uma geração para a subsequente (CARVALHO, 1999).

A Iurd, faz uso de um forte apelo emocional, com muito barulho, manifestações de: revolta, desespero, alegria e esperança, num êxtase coletivo. Fazendo uso das práticas de se abençoar objetos, pessoais, jejuns, exorcismos e imposição das mãos. Dessa forma a Universal é considerada uma denominação religiosa inescrupulosa, que detém um poder imenso sobre as massas populares menos esclarecidas. Identifica-se que o maior interesse da Iurd é controlar o mercado mágico de mediação com o sagrado, de uma grande parcela da

população brasileira, com um menor poder aquisitivo e menos aquinhoadas de uma formação intelectual (CAMPOS; GUSMÃO, 2013).

Na atualidade, a confrontação mais ostensiva, que se apresenta no meio religioso brasileiro, é a guerra santa promovida pela Igreja Universal do Reino de Deus contra as religiões de matriz africana. A retórica disseminada pelos pastores da Iurd assume um nível de beligerância que tem como comparação a Inquisição da Igreja Católica do passado. Com os seus rituais de exorcismo, a Universal, busca desqualificar as entidades orgânicas das RMA, taxando-as de demônios a serviço de satanás, que apenas tem a finalidade de levar a raça humana à perdição, afastando-a dos desígnios da representação do Deus cristão. Esse posicionamento dos seus líderes religiosos fomenta a prática da violência, praticada pelos seus membros, contra os integrantes das RMA, bem como contra as instalações religiosas destas. A Iurd assimilou as práticas mágicas das suas principais contendoras, entre elas o transe. Fazendo uso delas numa ressignificação das entidades sobrenaturais de origem africana para um escopo de finalidade maléfica. Demonstrando o poder dos seus pastores na expulsão desse mal, da vida das pessoas (CARVALHO, 1999).

Uma interpretação positiva desse procedimento da Iurd, é visualizada como a prática da livre expressão da liberdade religiosa, o que fortalece o exercício da democracia nacional. No passado essa perseguição intolerante era executada pela Igreja Católica, que verticalizava as suas ações, geradas de uma elite econômica, política e religiosa. Com a intervenção discriminatória da Universal essa disputa se ampliou por uma dimensão horizontalizada, evidenciando-se pelos diversos segmentos sociais (CAMPOS; GUSMÃO, 2013).

Uma segunda vertente de pensamento interpreta esses ataques intolerantes como um expediente que tem por finalidade monopolizar o mercado de oferta da mediação com o sagrado e fomentar um aumento do poder político dessa denominação religiosa neopentecostal.

3.1.7 As religiões de matriz africana

Os templos das RMA são independentes entre si. Alguns líderes religiosos também atuam na Quimbanda, com a prática de magia negra, visando acolher os desejos dos seus clientes. Desde o atendimento de anseios materiais, até para se fazer o mal contra desafetos. Chefes religiosos de outros terreiros, para a defesa dessas pretendidas vítimas, executam trabalhos de contrafeitiços, de modo a libertá-las desses ataques espirituais. Esses conflitos

entre pais de santo reforçam a desqualificação dos mesmos empreendida pela Iurd, perante a sociedade, gerando atos de intolerância religiosa.

Mesmo que alguns templos estejam ligados por laços de solidariedade e de parentesco ritual, cada um deles possui a sua autonomia litúrgica peculiar. Não existe uma estruturação nos moldes empresariais, nem uma normatização ritualística comum a todos, cada um tem as suas particularidades específicas. Existe uma competição entre alguns terreiros, uns praticando o mal e outros defendendo as vítimas desse mal (PRANDI, 2004).

A vida religiosa das RMA está firmada num personagem sacerdotal que atua como líder de um grupo. Algumas cerimônias não são ostensivas a todos os membros do terreiro, apenas aos que ocupam um determinado nível religioso, como iniciados. Esses rituais também não podem ser difundidos pelos meios de comunicação.

Normalmente, os terreiros deixam de existir, com o falecimento do seu líder religioso. Isso ocorre quando: acontecem disputas de sucessão, quanto a chefia religiosa; assim como quando os bens materiais do terreiro, que eram de propriedade particular do seu chefe, são disputados pelos herdeiros, os quais não querem dar continuidade às atividades religiosas. São exceções, aquelas casas religiosas que atingiram um nível de importância simbólica regional (PRANDI, 2004).

O preconceito racial, que atinge todas as instâncias da cultura afro-brasileira, faz como suas vítimas principais as RMA. Estas não conseguem se situar, em nível de igualdade com as outras denominações religiosas cristãs, quando todas competem pelo controle da demanda da procura pelo sagrado (ZILLES, 2007).

Muitos líderes religiosos das RMA possuem um baixo nível de escolaridade, eles estão mais interessados em manter o funcionamento dos seus terreiros, cumprindo as obrigações impostas. Na atualidade, o Candomblé está passando por um processo de universalização, com uma parcela da classe média, de origem não africana, já integrando o seu corpo de fiéis. Isso representa uma modificação na sua estrutura social. Antes a imensa maioria dos seus membros era composta por pessoas de baixo poder aquisitivo, as quais não detinham os recursos financeiros, que são necessários para cobrir os altos custos que são imprescindíveis para pagar as despesas dos seus ritos de iniciação. O elemento de descendência branca, de classe média, escolarizado e possuidor de poder aquisitivo, já disputa posições iniciáticas, na complexa malha de poder, do interior dos terreiros. Ele traz consigo costumes e desejos do seu segmento social (PRANDI, 2004).

A legitimidade social das suas interpretações do mundo é imprescindível para a articulação de uma denominação religiosa, junto à opinião pública. A falta desse atributo gera

o preconceito religioso e racial. Até a primeira metade do século XX, a Igreja Católica apresentava uma versão histórica brasileira, de uma ascendência portuguesa, branca e civilizada, de mediação com o sagrado. Na formação da Umbanda foi negada a africanidade, com um afastamento do Candomblé, e uma aproximação junto ao espiritismo kardecista. A literatura pertinente e essa denominação religiosa, não só afastou a sua doutrina das influências do grupo étnico negro, como apresentou uma versão da sua gênese nos ensinamentos hindus, os quais foram deturpados e apropriados à África negra (ZILLES, 2007).

As RMA são religiões mágicas, os seus iniciados manipulam forças espirituais para intervir nos assuntos profanos, esse aspecto valoriza os seus rituais e os seus segredos esotéricos. A prática da magia é direcionada para o atendimento de clientes, que não fazem parte do universo de crentes, eles procuram os chefes religiosos apenas para solucionar os seus problemas particulares. Não se considerando a polarização cristã entre o bem e o mal. Assim não há uma cobrança moral e ética sobre os que pedem ajuda (PRANDI, 2004).

Também pode ser observado um movimento de africanização, que está em curso no Candomblé, o qual busca os seguintes predicados: o reaprendizado das línguas africanas, que, no Brasil, foram esquecidas no tempo; a recuperação da verdadeira mitologia das entidades espirituais africanas, que foi deturpada pelos anos de escravidão e pelo advento do sincretismo religioso com o Catolicismo; o resgate da originalidade dos rituais; o afastamento das práticas litúrgicas oriundas da hibridação religiosa com o Catolicismo, com o conseqüente abandono dos símbolos e das crenças católicas. Esse aspecto encontra resistência das gerações mais idosas, estas visualizam os rituais mesclados com a liturgia católica como plenamente integrados a sua tradição religiosa. Já não se faz mais necessário se declarar católico para enaltecer os Orixás (LÉPINE, 2002).

Esse fator se torna importante para a sua constituição como uma religião autônoma conectada ao mercado religioso, de oferta da mediação com o sagrado, de modo a competir com as outras denominações religiosas na disputa pelos devotos. Segundo Lépine:

[...] o Candomblé segmenta-se assim em nações e linhagens que se esforçam para afirmar a sua identidade e surgem no seu seio tendências diversificadas. Destaca-se, em particular, uma corrente de pensamento que preconiza a africanização do culto e se caracteriza pela intenção de apagar o sincretismo e a influência do Catolicismo, associados à escravidão. Vários estudiosos, aliás, concordam num ponto: o sincretismo não faz a menor falta na liturgia do Candomblé, e os terreiros funcionam normalmente sem qualquer rito católico. O sincretismo não passaria de um hábito fossilizado, de uma sobrevivência do tempo da escravidão, que já perdeu a sua função (LÉPINE, 2002, p. 174).

Os defensores, do resgate dos antigos mistérios litúrgicos do Candomblé, acreditam que os registros do conhecimento esquecido estão preservados na África, ou, parte deles, ainda nas memórias dos mais velhos. Muito conteúdo dessa ciência mágica foi levada para o túmulo por Pais e Mães de Santo. Esses segredos esotéricos não foram registrados por escrito, eles eram transmitidos oralmente para as novas gerações de líderes religiosos, o aprendizado ocorria com a observação das suas práticas. Essa recuperação do passado, esquecido no tempo, está acontecendo conforme a interpretação pessoal e o interesse de cada condutor místico, com a relativização de um terreiro para o outro (Prandi, 2004).

As RMA têm uma grande relevância na configuração do arcabouço cultural brasileiro, no qual se observa as suas influências: na cosmovisão popular, na estética, nos aromas, nos sabores e nos ritmos. O seu reconhecimento e a sua visibilidade auxiliam o desenvolvimento do respeito à diferença cultural e ao pluralismo religioso.

3.2 Sinopses das leituras temáticas das entrevistas orais

As sinopses das leituras temáticas foram elaboradas, sobre os conteúdos das entrevistas orais, divididas em dois grupos: as pessoas seguidoras das RMA e as de outras religiões. Foram observados os seguintes aspectos: o valor da religião; a interpretação dos rituais das RMA; a forma como as pessoas das outras religiões visualizam as práticas religiosas das RMA; como é exercida a intolerância religiosa; como é interpretada a concepção religiosa Iurdiana; o pensamento sobre um diálogo inter-religioso; a ideia sobre uma possível coexistência religiosa. Após foi sintetizada a resultante das ideias comuns, que aproximam os dois grupos.

3.2.1 Pessoas que integram as RMA

A família, especialmente os pais, têm uma influência muito forte sobre a escolha religiosa da pessoa, com a influência do ambiente cultural onde este ser humano é formado.

Dentro desse contexto, algumas pessoas, mesmo acreditando na existência de um ser divino, não possuem uma religião definida, não frequentando uma denominação religiosa para se congregarem no seu interior.

Os homens buscam na religião a cura dos seus males materiais, isso acontece direto nas RMA, mesmo com seguidores de outras religiões. Culturalmente, nós podemos afirmar

que existe uma ancestralidade africana muito marcante, na gênese do povo brasileiro, mas ela é preconceituosamente negada.

Por desconhecimento da liturgia das RMA, a grande maioria das pessoas de outras religiões, visualizam que as mesmas têm a finalidade de se fazer o mal para outros seres humanos. Esse pensamento está amalgamado na sociedade como um senso comum pré-julgado. Os rituais das RMA continuam sendo interpretados como coisas de negro e de pobre sem escolaridade. Porém muitos integrantes das classes mais abastadas economicamente já frequentam os seus templos, mesmo que de forma discreta e velada. Eles mascaram a sua verdadeira religiosidade, quando se intitulam oficialmente como católicos, assim essas pessoas mantêm a sua posição social, com um falso moralismo.

O preconceito generaliza, pejorativamente, a todos os seguidores das RMA como macumbeiros. Essa concepção, que está culturalmente enraizada na sociedade brasileira, causa grandes dificuldades para que a sua religiosidade seja reconhecida, de forma séria.

As atividades ritualísticas, que sofrem mais com o preconceito, pela desinformação, são os sacrifícios de animais do Candomblé. Esses existem desde que os homens iniciaram a sua busca pelo sagrado, na gênese de muitas religiões. Na sua realidade, algumas partes do animal são oferecidas ao Orixá, o restante é preparado, de forma ritualística, e servido como alimento para os participantes da cerimônia.

Todas essas práticas religiosas devem ser mantidas em segredo, apenas podendo ser divulgadas entre os iniciados. Essas praxes também buscam o bem, nas suas formas peculiares de se ligar a Deus.

Os rituais têm por finalidade estabilizar o equilíbrio espiritual dos seus seguidores, desde que tenham fé, bem como estabilizar a ordem da natureza, em todos os aspectos ligados à vida.

O Candomblé se resume numa religião de adoração às forças da natureza, as quais estão representadas nos Orixás, tendo sido estes criados por Deus.

A forma como essas forças da natureza serão manipuladas, que é uma prerrogativa do livre arbítrio dos homens, irá enfatizar a sua vertente para o bem ou para o mal.

A Umbanda trabalha com entidades espirituais superiores. Em alguns templos também se pratica a Quimbanda, a qual manipula magia negra, nela realmente se invocam espíritos malignos.

Alguns religiosos, que são definidos como falsos profetas, os quais podem ser identificados em todas as religiões, manipulam essas forças negativas de modo ostensivo, até como uma demonstração de poder, inclusive divulgando nas redes sociais, um assunto que

deveria ser esotérico. Isso vulgariza e alimenta o fortalecimento do preconceito religioso e social. Gerando a intolerância religiosa, naqueles que não fazem parte das RMA e são destituídos de um conhecimento básico sobre as significações que são realmente estabelecidas.

A intolerância religiosa se institui quando: várias pessoas não aceitam a liberdade de escolha religiosa do seu semelhante, com base na afirmação que a sua verdade espiritual é absoluta, que todas as outras são caminhos falsos. Assim o respeito pelas escolhas é apenas uma via de mão única, não é recíproco. Ela pode ser encontrada em diversos segmentos sociais brasileiros.

A intolerância religiosa atinge, particularmente, os negros. A sua origem se situa na falta de respeito ao ser humano, bem como num sentimento racista velado.

Essa situação nos evoca ao princípio ético de que: o posicionamento que realmente importa é o de acatamento às liberdades individuais e ao direito de escolha do ser humano, de acordo com o seu livre arbítrio. Na contemporaneidade, nós já podemos observar um maior respeito mútuo entre as pessoas, com uma reciprocidade no reconhecimento dos limites individuais.

A causa principal da intolerância religiosa praticada contra as RMA, pode ser encontrada no desconhecimento dos reais significados dos preceitos litúrgicos dessas denominações religiosas.

A tolerância religiosa se configura como o exercício do respeito mútuo às escolhas individuais. Essas podem estar certas ou erradas, dependendo do posicionamento de quem julga o seu mérito. Porém o ser humano tem o direito de fazer valer o seu livre arbítrio, desde que não venha a prejudicar aos seus semelhantes e também admita todas as responsabilidades que lhes sejam conseqüentemente impostas.

Mas a tolerância também pode ser visualizada como uma prática de intolerância, pois o fato de se tolerar alguma coisa já estabelece um sentimento de preconceito e discriminação contra essa coisa.

A intolerância religiosa, praticada por membros da Igreja Universal, é fomentada pelos seus líderes religiosos, ao divulgarem a sua crença de combate eterno à atuação do demônio entre os seres humanos. Quando rotulam as outras denominações religiosas como seguidoras de satanás, particularmente as RMA.

A Iurd vende a palavra de Deus como uma mercadoria, a um público consumidor que busca a cura para as suas angústias existenciais e para as suas necessidades materiais. A

demanda desse mercado consumidor é disputado com outras religiões, também de cunho popular.

Essa igreja neopentecostal assimilou muitos rituais das RMA, moldando-os numa nova ressignificação. Dessa forma ela obtém a cooptação de muitas pessoas que eram seguidoras daquelas denominações religiosas.

Na concepção dos entrevistados: uma atividade de diálogo inter-religioso possibilita o conhecimento recíproco da doutrina e das liturgias das diferentes religiões. Isso faria com que as pessoas, realmente, viessem a respeitar as escolhas religiosas do seu semelhante.

Ao se observar as aproximações e os afastamentos doutrinários das diferentes religiões, os homens chegariam a um consenso comum de que Deus é um só, que existem vários caminhos para se acercar a ele. Iria se criar uma consciência coletiva de aceitação recíproca do diferente, com o devido respeito mútuo às escolhas individuais.

Essa forma de se visualizar as religiões propiciaria às RMA, uma solução em relação ao desconhecimento dos seus meandros pela sociedade.

Um estado social de coexistência religiosa, com as pessoas sendo respeitadas, na escolha das suas crenças, facultaria aos homens um vivenciamento mais harmonioso das suas liberdades. Com estas sendo exercidas junto aos seus semelhantes, de forma ética e saudável. Essa postura terminaria com todos os conflitos sociais.

De acordo com alguns entrevistados: já existe essa modalidade de vida, entre muitas pessoas. Mas ela não se torna mais evidente por causa do preconceito que, culturalmente, ainda existe na sociedade. Isso pode ser sanado com a educação das novas gerações sendo direcionada para o respeito aos seus semelhantes, em todos os sentidos.

Nesse ambiente social não existiriam verdades absolutas, cada um poderia crer nas suas escolhas, desde que não violentasse, materialmente, as crenças do seu semelhante.

Algumas pessoas acreditam que seria muito difícil o estabelecimento de uma coexistência religiosa. Por causa do posicionamento radical de algumas denominações religiosas evangélicas, em relação as outras religiões. Algumas dessas praticam uma forma de coexistência religiosa, direcionada para o seu interior. Elas procuram trazer as pessoas, das outras religiões, para frequentarem os seus templos, mas a recíproca não é verdadeira, elas se recusam a ir nos cultos dos outros.

3.2.2 Pessoas seguidoras de outras religiões

Segundo os entrevistados: nós podemos destacar a enorme importância, que tem para o ser humano, acreditar numa vertente do sagrado, de ter uma ligação com o seu Deus, que é o mesmo para todos, independentemente de como ele é representado materialmente pelos homens. Em consequência do arcabouço ético e moral que a religião transmite como orientação e manutenção de um compromisso com a vida, o qual passa a dirigir a existência humana, pautada no respeito ao próximo.

Dentro do contexto histórico atual, no qual nós sofremos todas as influências culturais inerentes à globalização, onde as coisas são superficiais e relativas. A fé inquebrantável, que assegura as bases da religiosidade, é forjada na consolidação da personalidade e do caráter pela educação familiar.

Muitas pessoas afirmam que acreditam numa força superior, mas que não possuem uma religião definida. Elas apenas se identificam com alguns aspectos litúrgicos de denominações religiosas diferentes.

Entre os seguidores do Catolicismo, bem como entre a grande maioria dos evangélicos, existe um senso comum de que as RMA são religiões direcionadas para fazer o mal as outras pessoas. Conforme essa maneira de pensar elas não são caminhos que levam a Deus, mas resíduos culturais da selvageria ancestral do homem, principalmente quando se visualizam os rituais de sacrifícios de animais do Candomblé.

Uma religião auxilia as pessoas a serem mais felizes, formando-as como cidadãos para uma sociedade mais saudável. Porque dá a esperança, de que Deus nos reserva algo melhor. Fazendo-nos interpretar as visões do mundo de maneira moral e ética. Dessa forma nós teríamos uma noção mais exata do outro, ao qual devemos auxiliar de todas as formas, pois todos nós somos irmãos e filhos de Deus.

Com o processo de sincretismo religioso, que se estabeleceu entre a religiosidade africana e o Catolicismo, essa começou a ser visualizada de forma distorcida, pois as entidades espirituais africanas passaram a ser representadas pelas imagens dos santos católicos, com aparências brancas europeias.

O preconceito e a discriminação continuam a prevalecer, mesmo com essa hibridação representativa com o Catolicismo. Muitos católicos frequentam terreiros, mas de forma velada, sempre com a preocupação de afirmar a sua fé católica oficialmente. Eles têm receio de serem apontados, pejorativamente, como macumbeiros.

A intolerância religiosa pode ser definida como a incapacidade de uma pessoa em aceitar a manifestação religiosa do seu semelhante, quando esta é diferente da sua. Pois ela parte do pressuposto de que a sua verdade religiosa é absoluta, que as demais são falsas, isso gera a negação do diferente e da salvação espiritual que poderia ser alcançada por um outro caminho, que não o seu.

A gênese principal da intolerância religiosa pode ser identificada na falta de conhecimento sobre a cultura e a religiosidade do outro, particularmente dos seguidores das religiões evangélicas em relação às RMA.

No relacionamento entre as lideranças religiosas, a intolerância não é manifestada de forma muito explícita, mas veladamente, pois existe um posicionamento ético entre elas. Com exceção das denominações neopentecostais, nas quais a intolerância religiosa é exercida de maneira explícita. Essas lideranças exercem um poder formador de opinião no seio das comunidades dos seus membros.

Assim a intolerância religiosa, generalizadamente, é mais praticada pelos seguidores de algumas religiões, na sua grande maioria pessoas menos afortunadas de uma formação cultural. O desconhecimento sobre a diversidade do sagrado, de acordo com as diferentes instâncias culturais existentes no mundo, gera intolerância. Torna-se mais fácil rejeitar aquilo que não se conhece e que pode intervir nas escolhas já alicerçadas pelo tempo.

Quase todas as religiões praticam algum tipo de intolerância religiosa, em diferentes níveis de intensidade, isso se estabelece quando elas se afirmam como instituições mediadoras entre o homem e o sagrado, em detrimento das outras denominações religiosas.

Dessa forma a tolerância seria muito difícil de ser exercida, principalmente por aquelas religiões que desenvolvem atividades evangelizadoras, pois elas praticam alguma modalidade de intolerância religiosa.

Um comportamento tolerante e respeitoso, em relação as escolhas dos homens que pensam de forma diferente, seria mais facilmente desenvolvido se todos fossem educados, desde a infância, de modo a desenvolverem esse posicionamento ético para com o seu semelhante. Essa construção social ainda está sendo estabelecida muito lentamente no contexto social brasileiro.

Assim intolerância religiosa pode ser definida como uma falta de respeito pelas crenças das outras pessoas, como a não aceitação da liberdade e da capacidade de ir e vir do outro, de se escolher a religião que se quer seguir. A pessoa de uma religião diferente passa a ser visualizada de forma pejorativa. Isso se constitui numa falta de caridade, sem se preocupar com o semelhante.

Ser religiosamente tolerante significa acolher a religião dos outros, sem abandonar as suas crenças pessoais, apenas aceitar que existem vários caminhos que podem ser seguidos.

No Brasil a intolerância religiosa é praticada ostensivamente pelos membros da Iurd, estes também são vítimas da intolerância daqueles que não aceitam a sua doutrina. Entre os fatores que geram essa rejeição contra os membros da Igreja Universal, nós podemos identificar: as invocações de espíritos malignos e os exorcismos.

Muitos integrantes da nossa sociedade a praticam de maneira discreta, como uma forma de violência sutil, associada à discriminação e ao preconceito cultural.

Os membros da Igreja Universal têm uma postura disciplinada e obediente em relação as orientações proferidas pelos seus pastores. Estes pregam a intolerância contra todas as outras religiões, inclusive contra o Catolicismo e contra outras denominações religiosas evangélicas. Mas o grande alvo das suas perseguições são as RMA, as quais são desqualificadas como demoníacas.

De acordo com as entrevistas analisadas: os seguidores da Iurd estão alienados num cristianismo aparente, voltado para a consecução de ganhos materiais. Essa denominação religiosa assimilou muitos rituais das RMA, os quais foram ressignificados para serem utilizados no combate ao demônio, em todas as instâncias da vida humana. Essa aproximação, que busca cooptar a demanda social pelo sagrado, leva as suas lideranças religiosas a pregarem a intolerância religiosa, de modo a se afirmar como diferente.

Os seus seguidores acreditam, com toda a fé, que compõem o povo escolhido por Deus, que a sua verdade é absoluta. Isso justifica as suas ações intolerantes de violência simbólica, causando danos morais e psicológicos nas suas vítimas. Eles não conhecem a essência de uma religiosidade relativa, só aceitam as suas próprias concepções. O seu objetivo principal é a própria salvação, a qual é conseguida através da obediência cega aos seus pastores.

Mas uma religião não salva ninguém, o que aproxima um homem de Deus são as suas ações, desde que estejam fundamentadas nos aspectos éticos e morais da vida.

Segundo os entrevistados: um diálogo inter-religioso tem, como finalidade principal, evidenciar os pontos comuns entre as diversas religiões, desprezando as diferenças, pois são estas que produzem a intolerância.

A sua prática deveria ser exercida, não apenas entre os líderes religiosos, mas com uma abrangência a toda a sociedade. O encontro entre esses representantes das diversas denominações religiosas se mantém no âmbito da conversação, não chega a níveis de uma

práxis de fato. Esses líderes são formadores de opinião entre os seus seguidores, na sua grande maioria, eles sempre procuram defender as suas verdades, como absolutas.

Com a implementação de um diálogo inter-religioso, todos teriam acesso ao conhecimento sobre as diversas religiões. As suas diferenças e, principalmente, as suas semelhanças. Isso acabaria com a intolerância religiosa, o preconceito e a segregação, gerados pela ignorância. Nós teríamos um canal para se falar e se ouvir, de forma desarmada e respeitosa, onde seriam discutidas as verdades relativas, sem que ninguém abrisse mão das suas crenças.

Na sociedade brasileira seria evidenciada a sua diversidade cultural e religiosa, numa conjuntura democrática, na qual seria construída uma mentalidade tolerante, em todos os seus aspectos.

Esse contexto histórico seria ideal para que fosse estabelecida uma coexistência religiosa. Resumindo as definições dos entrevistados: ela seria uma harmonização entre as diversas comunidades religiosas.

Atualmente a caminhada, para se alcançar esse objetivo social, ainda se faz longa e lenta, por causa das diferenças culturais, que se evidenciam, bem como ao se acreditar nas verdades absolutas. Com o fomento do preconceito e da discriminação, que se fazem presentes, no nosso ambiente social, as pessoas são, culturalmente, condicionadas a visualizar apenas as diferenças.

Um verdadeiro caminho para Deus, só é percorrido com paz, harmonia, amor e união, isso pode ser conseguido quando se interage, entende, respeita e aceita o diferente, numa situação de reciprocidade, com a implantação de uma coexistência religiosa.

3.2.3 Síntese de todos os aspectos comuns observados

O homem possui uma necessidade psíquica de crer em algo sagrado, uma ligação com Deus, seja qual for a forma de representação que este tenha no seu imaginário.

A religião se configura como uma estrutura cultural que: auxilia os grupos humanos a construir a sua identidade, legitimando a sua existência coletiva. Ela estabelece uma cosmovisão específica, que afirma uma visualização da realidade, de acordo com os seus valores éticos e morais, inerentes a sua cultura social. Assim ela regula as linhas comportamentais de um povo (SCHIAVO, 2007).

Essa mediação entre os seres humanos e a dimensão espiritual superior é feita, pela religião, com a transmissão desse conteúdo cultural e religioso de uma geração para a outra no

seio da família, ou do clã do indivíduo, particularmente pelos seus pais. Na falta destes pela pessoa responsável da criação desse novo ser.

Uma religião dá a esperança de uma situação de vida melhor, seja para depois da morte ou nessa vida terrena mesmo. Isso faz as pessoas mais felizes, pois estão acreditando em alguma coisa.

Dessa maneira a sociedade se torna mais saudável, com cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres.

Um parcela de pessoas se declara sem uma religião definida, não se coligam com nenhuma congregação de comunhão de fé. Elas acreditam em um ser superior, mas apenas se identificam com alguns aspectos litúrgicos de diferentes religiões. No geral, todos buscam no contato com o sagrado a solução para algum mal terreno.

Existe uma ancestralidade africana muito evidente na raiz formadora do povo brasileiro, porém ela é negada de forma ostensiva, pelo preconceito e pela discriminação, os quais estão culturalmente presentes nas relações sociais, contra tudo que se relaciona com a origem negra, pobre e sem instrução.

Muitos elementos da classe média branca frequentam as RMA de forma discreta, sempre demonstrando a preocupação de afirmarem ostensivamente para todos a sua fé católica.

O desconhecimento da cosmovisão das RMA faz os membros da sociedade criarem um senso comum imaginário preconceituoso. De que os rituais dessas têm por finalidade fazer o mal para as outras pessoas, que elas não são religiões que conduzam os seres humanos a Deus. Quando se evidenciam os rituais de sacrifício de animais, essa concepção de selvageria ancestral do homem se superdimensiona no arcabouço psicológico das pessoas. O pré-julgamento, que está culturalmente enraizado no imaginário da nossa sociedade, dificulta em muito o reconhecimento das RMA.

O livre arbítrio humano é que estabelece de que forma as energias espirituais são conduzidas nas RMA. Em alguns templos são reverenciados os rituais da Quimbanda, nesta se cultua a magia negra, com a presença de entidades demoníacas. Alguns líderes religiosos, dessas denominações, manipulam forças negativas, como demonstrações de poder. Esses trabalhos nefastos, que objetivam fazer o mal para outras pessoas, acabam sendo anulados pela interferência de outros religiosos, pertencentes a outros terreiros, com o auxílio das suas entidades afins, quando as suas vítimas os procuram, em busca de socorro.

Essa atitude vulgariza as práticas ritualísticas das RMA, incrementando o senso comum do imaginário social, que tem medo do desconhecido diferente. Vindo a motivar,

psicologicamente, o aparecimento da intolerância religiosa, de forma generalizada, contra essas denominações.

Então nós podemos identificar como a gênese principal da intolerância religiosa, a falta de conhecimento sobre a cultura e a religiosidade do outro, o que é praticado entre os seguidores das religiões evangélicas em relação às RMA. Essa atitude, é mais exacerbada entre os crentes iurdianos, na sua luta contra o demônio em todas as instâncias das atividades humanas.

A prática ostensiva da intolerância religiosa, somada ao preconceito, ao racismo velado, à discriminação de todas as coisas de genealogia negra e africana, incrementa o imaginário psicológico cultural e social para uma visualização pejorativa das RMA.

3.3 O diálogo inter-religioso e a coexistência religiosa

Nós podemos afirmar que são ideias que se justapõem consecutivamente, com a primeira se configurando como condição necessária para o estabelecimento da segunda.

3.3.1 O diálogo inter-religioso

O diálogo inter-religioso pode ser considerado um desafio, pois quando nele se discute as verdades das denominações religiosas, ele desequilibra as bases dessas, pelo reconhecimento do diferente. Ele também pode ser interpretado como uma possibilidade, nesse caso uma tradição religiosa tem a oportunidade de reavaliar a sua identidade, quando esta é comparada com outras. Essa modalidade de diálogo amplia a apreensão de Deus, uma vez que este está presente em todas as religiões, com diversas representações, conforme o contexto cultural em que ele é visualizado, mas o mistério divino sempre se faz presente. O diálogo instituído entre as denominações religiosas, também tem uma finalidade social, pois ele estabelece um arcabouço ético, o qual propicia uma melhoria relacional da vida das pessoas (PANASIEWICZ, 2003).

Ele não pode ser utilizado com a finalidade de agenciar um proselitismo, em favor de uma religião hegemônica perante as outras, fomentando pretensas conversões. Os participantes devem identificar a sua representação de Deus na concepção divina do outro. Se vier a acontecer alguma mudança de religião, isso ocorrerá no foro íntimo do fiel, se por acaso este visualizar uma outra linguagem religiosa que lhe apresente uma revelação mais completa

do mistério de Deus. O diferente deixa de ser interpretado como uma ameaça e se configura como um parceiro na busca de uma mediação comum com o sagrado (TEIXEIRA, 2002).

De acordo com uma das concepções católicas, considera-se quatro níveis de debates para se desenvolver um diálogo inter-religioso.

O primeiro é denominado de nível existencial: presença e testemunho. Ele privilegia o relacionamento interpessoal, dentro do contexto da vida cotidiana, onde as pessoas expressam as suas convicções. Uma denominação religiosa que não se amolda com as instâncias da vida, necessita ser questionada em relação as suas bases teológicas. Nesse nível busca-se identificar os valores evidenciados pelos membros de uma religião, enaltecendo-se a tradição cultural, a identidade pessoal, a atenção, o acolhimento e o respeito (PANASIEWICZ, 2003).

O segundo é chamado de nível místico: oração e contemplação. Nele os seres humanos compartilham as suas experiências com o divino: oração, contemplação, fé e compromisso. A pessoa mística é aquela que percorreu a sua caminhada introspectiva, de modo a poder enxergar no mundo as manifestações de Deus. Essa visão tem que ser compartilhada, para o desenvolvimento espiritual dos seus semelhantes. A consciência humana possui a percepção de duas dimensões: uma superficial, direcionada para as relações horizontais mundanas e uma de profundidade, verticalizada, conduzida para as manifestações do sagrado. Os limites da consciência humana delimitam a experiência de se conectar com Deus. O místico, após uma vida de preparação moral e espiritual, às vezes consegue transcender o horizonte visualizado pelo homem comum. Passa a ser sua obrigação guiar os seus semelhantes na aproximação com o sagrado. Essa orientação permite uma maior integração entre as duas dimensões da consciência humana, desenvolvendo uma espiritualidade libertadora. Assim o debate sobre a mística se configura numa das formas para se promover o diálogo entre denominações religiosas diferentes, pois vai se compartilhar as experiências contemplativas e de fé (IDEM).

De acordo com Manganaro:

[...] como é sabido, os místicos do todo cósmico se “ek-stasiam”, dilatam-se além de si mesmos, além do espaço e do tempo, até sentirem-se ontologicamente idênticos à universalidade da existência (nela se dissolvendo ou sendo absorvidos): trata-se de abolição dos limites entre o eu e o mundo, por acompanhar uma espécie de unidade-identidade substancial, obtida através da anulação de qualquer distinção; ou então eles a acolhem como imersão no reino do não-temporal e como imediato contato com a imensidade (MANGANARO, 2004, p.7).

Segundo Massih:

[...] vislumbra-se a necessidade humana de refletir e disseminar a experiência de Deus, o que faz pensá-la como um modo próprio de estar no mundo. Partilhar parece ser central no amadurecimento humano e – mais

particularmente central – na construção da representação de Deus. Não é possível amadurecer na transcendência, no conhecimento de Deus, sem ter acesso a testemunhos, a histórias, a estados emocionais gerados nos próprios grupos de vivência (formação, pastoral, ensino religioso, grupos de apoio), ao estabelecimento de vínculos entre os participantes e à organização destas vivências com vistas a um projeto de vida (MASSIH, 2017, p. 105).

Existem duas modalidades de experiência divina: a interpessoal e a transpessoal. Na primeira o sagrado é percebido de forma pessoal, a relação se estabelece pela palavra. A espiritualidade assume uma responsabilidade social, pois o contato interpessoal com o divino fomenta o relacionamento das pessoas no interior de uma comunidade religiosa. As religiões do livro privilegiam essa experiência divina. Na modalidade transpessoal o sagrado é percebido como o mistério absoluto, através do silêncio contemplativo, com um mergulho na totalidade da realidade cósmica. Isso proporciona a harmonia e a integração entre os seres viventes. O hinduísmo e o budismo seguem essa vertente da espiritualidade. A integração dessas duas abordagens, com a prática da oração conjunta de várias denominações religiosas, orienta o desenvolvimento do diálogo inter-religioso (MANGANARO, 2004).

O terceiro é o nível ético: libertação e promoção do ser humano. Nesse nível se procura a consecução de objetivos humanitários, nas perspectivas: social, econômica e política, visando a libertação e o bem estar das pessoas. As tradições religiosas vão dialogar com a finalidade de estabelecer uma realidade mais fraterna, na qual a justiça é a grande origem da paz entre as comunidades culturais diferentes. Essa construção é de responsabilidade individual e coletiva, com a integração de todas as denominações religiosas, constituindo uma nova ordem, alicerçada num arcabouço ético global (PANASIEWICZ, 2003).

Nesse contexto, os líderes religiosos irão dialogar entre si, buscando o consenso de uma representação da verdade, que seja comum a todos, com a interação das semelhanças. Sem abandonar as essências das suas verdades relativas. Delineando a semelhança de significações, que avizinha as denominações religiosas. Essa aproximação é imprescindível para a manutenção da paz e da harmonia planetária. A concepção dessa nova ordem mundial tem como os seus principais pilares de sustentação: o respeito e a justiça. Fazendo-se necessário o total engajamento da estrutura política. É um grande desafio ético, com a compreensão da realidade sendo realizada através da visualização das manifestações de Deus no mundo (MANGANARO, 2004).

O quarto nível é o teológico: enriquecimento e aplicação dos patrimônios religiosos. Esse é o diálogo dos líderes religiosos, ele tem por finalidade a confrontação e o

aprofundamento dos patrimônios religiosos. Com a aplicação da resultante, proveniente da comunhão das essências, na solução dos problemas históricos que afligem a humanidade. Essa relativização das verdades, sem se perder o foco do discernimento crítico, é fundamental para evitar a discriminação das revelações divinas. Esse é o grande desafio a ser ultrapassado, nessa modalidade do diálogo inter-religioso. Nem todas as denominações religiosas estão no mesmo patamar de espiritualidade e de sensibilidade para a condução desse debate abstrato (PANASIEWICZ, 2003).

Todo diálogo inter-religioso, independentemente do nível em que estiver sendo efetivado, tem que assumir dois aspectos primordiais: um direcionado para a evolução conjunta das religiões, pelo compartilhamento das experiências religiosas e dos valores espirituais intrínsecos de cada denominação religiosa. O segundo atinge a dimensão humanitária, de modo a fomentar o engrandecimento da vida numa amplitude planetária, através da disseminação do amor fraternal (MANGANARO, 2004).

De acordo com Teixeira:

[...] a acolhida da diversidade religiosa e o imperativo dialogal são desafios fundamentais que se apresentam ao século XXI. Não há como desconhecer o enigma que preside a diferença religiosa e os misteriosos caminhos que levam os seres humanos a buscar um novo entendimento e compreensão em sua trajetória de vida. O outro está aí, cada vez mais disponibilizado para uma nova interlocução criadora, provocando os seus parceiros a uma ampliação de olhar e ao enriquecimento de si com novas possibilidades. Uma nova conversação entre as religiões, apesar de complexa e difícil, revela-se hoje providencial (Teixeira, 2012, p. 181).

Assim um diálogo inter-religioso pode ser concebido como a coparticipação do conhecimento doutrinário e litúrgico das diversas denominações religiosas. Uma conversa de coração aberto, que evidencie os pontos comuns e as diferenças. Esses devem ser trabalhados de forma a serem divulgados, em detrimento das diferenças que afastam e que produzem a intolerância religiosa. Desse modo estaria aberta uma porta para se falar e se ouvir, com respeito, sobre as verdades inerentes ao mistério (MANGANARO, 2004).

O entendimento, entre os membros das diferentes denominações religiosas, constitui-se como um importante fator para a manutenção de uma vida de paz e harmonia entre os homens. Porém o estabelecimento dessa situação encontra muitos impedimentos. Nos diversos contextos históricos da civilização humana, pode-se identificar o emprego da violência, desde a simbólica até as guerras, bem como a instauração do mal. Como justificativa para a implantação de uma verdade religiosa absoluta, com a finalidade de se

orientar a vida dos homens para uma pretensa representação de Deus, que seria a única fidedigna (VIGIL, 2006).

A intolerância religiosa e a discriminação estão alicerçadas num sentimento de superioridade e arrogância, daquele que pretende obrigar todos a seguirem a sua verdade, que é exclusiva. Isso impossibilita a instauração de uma fraternidade mútua. O instrumento para ser utilizado na reversão desse quadro é o diálogo inter-religioso. Pois as religiões sempre reafirmam o respeito ao outro. Quando esse contato, relativizado, faz despertar uma coragem inabalável para se estabelecer mais humanidade, em todas as instâncias da sociedade, sem se perder o foco das crenças pessoais (TEIXEIRA, 2002).

Dessa forma, o diálogo inter-religioso se ampara na percepção da alteridade, sendo um dos princípios fundamentais dessa: que o homem, na sua vertente social, sempre tem uma relação de dependência e interação com o seu semelhante. Assim, o eu, na sua individualidade, só pode existir interagindo com o outro. Uma religião pode estar numa condição de isolamento, dentro do universo próprio do seu dogmatismo. Mas nela sempre será encontrada: a solidariedade recíproca, a harmonia, a paz e a humanidade. O grande empecilho são as interpretações dos homens leigos (VIGIL, 2006).

A atitude de se ter um olhar flexível para a diversidade não é suficiente. É necessário reconhecer a liberdade do semelhante, procurando entender a sua verdade. Tem que existir a disposição para se assimilar as semelhanças, sem restrições de pensamento. O diálogo inter-religioso também pressupõe uma convicção nas próprias verdades religiosas, integrando a própria fé, de forma honesta e sincera. Pois as certezas que irão se conhecer estão fundamentadas numa experiência de revelação religiosa, também predispostas para o aprendizado da diferença (MANGANARO, 2004).

Esse formato de diálogo promoveria um desenvolvimento cultural mútuo, num contexto de reciprocidade, abordando a dinâmica relacional das semelhanças e das diferenças. Ele estabelece a comunicação e a aproximação, entre membros de denominações religiosas diferentes, em consequência se fomenta um compartilhamento de conhecimentos, de experiências e de sabedoria da vida religiosa. Para que isso ocorra, faz-se imprescindível uma atitude de humildade recíproca, porque os limites da percepção do mistério serão atingidos, na simples comunhão das verdades, mesmo que representadas por figuras culturais diferentes, numa relação de escuta e de interpelação (TEIXEIRA, 2002).

O exercício do diálogo inter-religioso pressupõe o livramento, de todas as denominações religiosas, das ações de intolerância e de discriminação. Não aquele que se realiza preliminarmente a uma tentativa de conversão de novos fiéis, mas o diálogo que busca

as respostas para a transformação histórica, de união dos seres humanos para o fomento da vida, com o estabelecimento de ações efetivas. Essa tarefa não deverá ocorrer, apenas entre os líderes religiosos, que se mantêm estanques nos seus arcabouços institucionais, mas, principalmente, entre a diversidade de comunidades de fiéis, que vivenciam, em termos práticos, a vertente profana da relação com o sagrado (VIGIL, 2006).

Com a implementação de um diálogo inter-religioso, todos teriam acesso ao conhecimento sobre as diversas religiões. As suas diferenças e, principalmente, as suas semelhanças. Isso acabaria com a intolerância religiosa, com a segregação e com o preconceito, gerados pela ignorância. Nós teríamos um canal para se falar e se ouvir, de forma desarmada e respeitosa, onde seriam discutidas as verdades relativas.

3.3.2 A coexistência religiosa

A coexistência multinacional ou multiétnica é encontrada, praticamente, em todos os países do mundo. O questionamento a ser feito é: como se garantir um relacionamento pacífico e harmonioso entre grupos culturais diferentes, muitas vezes com religiões antagônicas, num mesmo espaço geográfico?

O isolamento de grupos humanos distintos se configura numa solução pouco prática e mesmo socialmente perigosa. Pouco prática pelo fato desses grupos não ocuparem um espaço territorial contínuo. O perigo seria a criação de um Estado sectário, com desejos de separação política, no interior de um outro Estado. Isso pode gerar ações e reações violentas. Os defensores do multiculturalismo elegem a prática da tolerância, como a melhor ação para proteger um grupo humano minoritário, inserido no interior de uma sociedade complexa e organizada, que tenha uma outra linha cultural e religiosa. Porém, no contexto globalizante atual, o exercício da tolerância apresenta limitações para promover uma efetiva interação entre grupos majoritários e minoritários diferentes (MILOT, 2012).

O multiculturalismo, também conhecido como pluralismo cultural, proporciona o respeito e o reconhecimento da diversidade cultural e religiosa, que na atualidade se configura, com a desordenação do nacionalismo, causada pela globalização. A interculturalidade se diferencia do multiculturalismo: a primeira pressupõe que a interação entre culturas e religiões diferentes é imprescindível para se manter a harmonia e uma convivência pacífica, dentro de uma sociedade complexa atual. O grande instrumento para se alcançar essa meta é o diálogo. O segundo acolhe a ideia da coexistência, dentro de um

mesmo espaço social, de culturas e religiões diferentes, com o respaldo do princípio da tolerância, mas sem o processo de comunhão cultural e religiosa (LOPES, 2012).

As principais características da interculturalidade podem ser enumeradas: esta representa um conceito dinâmico, que suplanta o multiculturalismo, ao oferecer uma interação permanente aos grupos culturais e religiosos distintos; ela abona o respeito à diversidade cultural e fomenta a convivência, com a troca recíproca das experiências religiosas e culturais; busca a ressignificação das culturas, que estão em contato, compreendendo que elas também sofrem um processo de transformação; apoia a elaboração de uma síntese cultural, com a regulação de um novo modelo comum a todos (MILOT, 2012).

O poder público tem a obrigação de instituir estruturas, que mantenham o respeito recíproco entre os grupos humanos, com diferentes identidades culturais e religiosas, inseridos no seu tecido social. Conforme a linha de pensamento da interculturalidade, o Estado Democrático deve criar um ambiente de interação, sem imposições, que promova: o diálogo, o reconhecimento mútuo, a cooperação e a coexistência, entre as pessoas, sob todos os aspectos culturais e religiosos (LOPES, 2012).

Um amplo contexto de diálogo inter-religioso, se fosse estabelecido na sociedade brasileira, de modo a levar o conhecimento sobre as diversas denominações religiosas para o maior número possível de pessoas, levaria todos a uma relação interpessoal de coexistência religiosa, que no seu entendimento mais simples, configurar-se-ia na harmonização entre as diversas comunidades de crenças diferentes. A intolerância religiosa, o preconceito e a discriminação estariam banidos do nosso convívio social (MILOT, 2012).

A relativização da vida humana, causada pela diversidade cultural, dificulta a consignação de um paradigma ético, com mais aprofundamento, e que se configure como um senso comum a todos. O ethos é o conjunto de hábitos e costumes primordiais, dentro das instâncias comportamental e cultural da consciência do homem, que caracteriza uma coletividade, numa determinada época e espaço geográfico (ZILLES, 2007).

Um ethos planetário poderia conectar toda a raça humana, com valores éticos fundamentais à vida em sociedade. Esse arcabouço de civilidade resolveria os problemas das diferenças ideológicas, culturais e religiosas, que afligem os homens. Um projeto de ethos globalizado associa três afirmações importantes: para a perpetuação da raça humana, se faz necessário o estabelecimento de uma ética planetária, abrangente a todos; só se pode alcançar a paz mundial, com a harmonização entre as diversas religiões existentes; e a paz entre as religiões só será atingida com o diálogo e a coexistência (ZILLES, 2007).

Segundo Boff:

[...] qual deve ser o ethos que permite conviver todos juntos, vindos das mais diferentes regiões da Terra, com suas culturas, tradições, religiões e valores éticos? Que opções assumir, que coalizão de valores favorecer para que a comunidade/sociedade humana, a vasta comunidade de vida e a inteira comunidade terrenal possam conviver com um mínimo de paz e de justiça? O que se faz necessário e urgente é construir uma base comum, a partir da qual possamos articular um consenso mínimo que salvguarde e regenere a casa comum, hoje crucificada pela devastação ecológica e pela injustiça social internacional, e também que garanta um futuro comum Terra-Humanidade [...] faz-se mister tomarmos consciência de que vivemos uma etapa nova da história da humanidade e da própria Terra: a etapa planetária. Por ela fica claro que todos temos um destino e um futuro comuns (BOFF, 2008, p 166).

Numa interpretação histórica, os valores que privilegiam a vida humana foram desenvolvidos em processos sociais dinâmicos, porém foram efetivados praticamente nas doutrinas e nos mandamentos religiosos. O comportamento ético se inspirou na relação do homem com o divino, este como uma antiga tradição, um livro sagrado, ou uma personalidade santificada, sempre no formato de uma revelação, que não é demonstrada empiricamente, porém a sua existência pode ser comprovada por um exercício do pensamento racional. Todas as religiões, ao interagirem com o transcendente, procuram responder ao questionamento, que sempre angustiou ao ser humano, tendo como fronteiras materiais observáveis o nascimento e a morte: de onde vim e para onde vou? (VIGIL, 2006).

As denominações religiosas precisam comungar as suas semelhanças, para a criação de uma vivência relacional responsável, de modo a se instituir uma ética global, que venha a harmonizar os atos do agir humano. É necessário que sejam superadas as diferenças entre as verdades defendidas como absolutas, com a conscientização de que todas são fidedignas para os seus grupos de fiéis, numa mesma condição de igualdade. Existe uma relação dialética entre a religião e a humanização, uma será válida se a outra também for. O estabelecimento do ethos mundial proporcionaria o relacionamento dos diferentes, nos aspectos culturais, religiosos e étnicos. Assim o processo de globalização estaria efetivamente condicionado com o bem comum, a harmonia e a paz (ZILLES, 2007).

As diferentes religiões sempre se apresentaram, aos seus seguidores, como as únicas detentoras da verdade absoluta, em relação à mediação com o sagrado. Num ambiente de coexistência, os crentes podem reconhecer que todas as religiões são caminhos que levam a Deus, por estradas e representações distintas, onde cada um escolhe a sua. A tentativa de alguns líderes religiosos em preservar o pensamento exclusivista, tem por finalidade o

monopólio da demanda do mercado religioso, com interesses econômicos e de manutenção do poder político (VIGIL, 2006).

Hoje a instância religiosa tem despertado um grande interesse no meio acadêmico, com as pesquisas, nos inúmeros campos do conhecimento humano, sendo direcionadas às consequências, que são geradas pela interferência da religião nos diversos fenômenos sociais. Mesmo na mais humilde comunidade humana, desde que se tenha acesso a algum tipo de meio de comunicação de massa, não se pode afirmar categoricamente na existência de uma inocência religiosa. A partir desse escopo pode ser promovida a coexistência religiosa, o que vai levar a uma transformação, lenta e gradual, na consciência religiosa individual e coletiva (IDEM).

Um estado de coexistência religiosa, com as pessoas sendo respeitadas, na escolha das suas crenças, facultaria aos homens um desfrute mais harmonioso das suas liberdades. Estas sendo exercidas junto aos seus semelhantes, de forma ética e saudável. Uma postura assim, perante a vida, terminaria com todos os conflitos sociais.

CONCLUSÃO

Considerando todo o conteúdo pesquisado e devidamente analisado, do decorrer da presente pesquisa, chegou-se a seguinte conclusão, abaixo especificada.

Os fatores culturais estabelecem todo o sistema de vida do ser humano, nos seus aspectos individuais e, principalmente, quando ele está integrado na coletividade, configurando-se como uma célula do corpo social. A religião, como uma das componentes mais importantes do arcabouço cultural da sociedade, tem como sua finalidade primeira a mediação do contato do homem com o sagrado. Ela estabelece uma cosmovisão, a qual orienta o elemento humano na sua percepção da realidade, dando-lhe um sentido para a sua existência, a qual se desenvolve durante o seu percurso entre o nascimento e a morte. Sendo que essa obra de formação individual fica inacabada, interrompe-se com o desenlace corporal, mas ela só se efetiva no ambiente social, com o estabelecimento de uma relação dialética recíproca, o individual só se forma no contato social e a sociedade se configura com o somatório das constituições individuais.

Como finalidade segunda da religião, pode-se apresentar que: ela afirma os valores morais e éticos que regem o comportamento humano no convívio com o seu semelhante. Esses valores foram se configurando aos poucos nas culturas, pela necessidade de

normatização do contrato social, que se estabeleceu quando os homens decidiram viver em sociedade. Na gênese dessa regulamentação da vida, inserida na sua modalidade coletiva no âmbito do grupo humano, encontram-se os mitos e as limitações impostas aos homens pelas divindades da dimensão misteriosa.

Uma característica comum a todas as religiões é a consagração de pessoas ou objetos, aos quais é atribuída uma condição mística, que assume uma significação simbólica no imaginário do ser humano, sob influência da resultante cultural e do contexto histórico que está sendo experienciado. O homem busca um sentido para todos os aspectos da sua existência, de forma simbólica, isso lhe é tão imperativo quanto as suas necessidades biológicas. A conduta humana é permeada por uma relação entre os aspectos metafísico e ético, que estão situados muito além da dimensão profana da vida.

Na realidade o ser humano busca a compreensão da sua espiritualidade, não da sua religião. Esse aspecto comum a todos os homens proporciona um sentido para a sua caminhada no mundo. Pode-se afirmar que essa atitude é consequência da atuação do gene da criação, que está presente na constituição de todos os seres humanos, independentemente do seu posicionamento diante do sagrado. O contexto histórico atual causa angústia e frustração nos homens, por causa do não oferecimento de um sentido para a sua vida, esse vazio existencial provoca um retorno à religiosidade, de modo a se encontrar as respostas necessárias (SILVA; SILVA, 2014).

O homem é um ente histórico-social, que constrói a sua existência com a práxis interpessoal. Ele é ético para com a sociedade que o absorve. Esta se materializa no mundo através das instituições, das ações coletivas, das ideologias e dos comportamentos que tenham uma repercussão pública. As estruturas sociais são configuradas pelas instâncias: histórica, cultural, política e religiosa. A ética verifica analiticamente essas estruturas, de como elas se evidenciam na realidade cotidiana.

O ser humano se desenvolveu psiquicamente para o contato com o seu semelhante, bem como para buscar o sagrado, ele só existe e se descobre na presença do outro. O homem que se isola no seu próprio eu não se humaniza. A interação interpessoal garante a sua permanência dentro dos parâmetros constitutivos da humanidade, afastando-o da indiferença. A sua salvação espiritual, junto à representação divina só será efetiva através da sua interação com o outro (GASDA, 2018).

Existe uma relação histórica intrínseca entre a liberdade de expressão religiosa e a democracia, de modo que elas se legitimam reciprocamente. As denominações religiosas devem respeitar a norma constitucional democrata da inclusão de todos num contexto de

igualdade, bem como aceitar todas as manifestações ostensivas de liberdade religiosa. Se a tolerância não se configurar dessa maneira, ela se resumirá a uma expressão de benevolência para com o diferente (HABERMAS, 2013).

A liberdade individual, que é fervorosamente defendida em todos os Estados democráticos e laicos, como imprescindível à vida humana, tem como uma das suas componentes a liberdade religiosa. Esta é subdividida em três instâncias: a liberdade de crença, que deve ser exercida sem nenhum tipo de imposição; a liberdade de culto, que concede o direito da livre expressão dos rituais da religião que se segue, mesmo publicamente; e a liberdade de organização religiosa, que faculta o direito de estabelecimento de denominações religiosas, bem como os seus templos. Um Estado laico apresenta três características relativas ao aspecto religioso da sociedade: não existem proibições às manifestações religiosas públicas; garante a todos os homens, o direito de seguir a crença religiosa que escolher, de acordo com o seu livre arbítrio; e nenhuma denominação religiosa pode intervir nas áreas de atuação estatais, ou as utilizar para os seus interesses próprios.

A tolerância pode ser definida como: a prática do respeito mútuo entre as pessoas, com a devida deferência em relação às verdades de cada um. Mas numa interpretação negativa, ela pode assumir o significado de uma analogia simétrica entre o eu e o outro. Com o desconhecimento em relação a esse outro é gerada a intolerância, pois em vez de respeito se tem uma atitude de indiferença para com a verdade alheia. Na sua concepção positiva, a tolerância está indexada à assimetria, quando se entra em contato com a verdade do outro, sem abandonar a sua.

A sociedade brasileira é, hipoteticamente, reconhecida no exterior por ser tolerante e respeitar a diversidade racial, cultural e religiosa. Porém, em vários dos seus segmentos, são identificadas posturas intolerantes e discriminatórias, em gradações diversificadas, desde a sua modalidade velada até a prática acintosa, como realizam os membros da Iurd contra as RMA.

O cerne da ideia de tolerância religiosa se configura no reconhecimento da convivência de todos, que professam verdades diferentes. Aquele que se considera seguidor da verdade absoluta concede ao seu semelhante o direito ao erro. O seu estabelecimento, como norma de convivência, faz-se necessário quando: denominações religiosas seguidoras de verdades irreduzíveis, vivem num mesmo espaço social, de modo que a livre expressão das suas ideias possa ocorrer. Todavia a tolerância pode conviver junto com a discriminação.

Para que a tolerância religiosa não seja interpretada como intolerância, os princípios que regem a sua prática têm que ser aceitos por toda a diversidade, com as suas perspectivas sendo adotadas de forma mútua, não pode existir um consenso apenas unilateral.

A intolerância religiosa se estabelece num contexto, onde duas ou mais verdades teológicas convivem num mesmo ambiente social, com uma delas se achando detentora da verdade absoluta. A justificativa da sua prática se baseia no interesse da preservação de uma realidade social e cultural, não se admitindo o diferente, nesse caso a intolerância religiosa é fomentada pelos líderes religiosos. A sua gênese está na falta de conhecimento sobre a cultura e a religiosidade do outro, criando um sentimento de medo em relação ao desconhecido, o qual é potencializado pelo senso comum e pelo imaginário popular. Como ocorre entre os crentes neopentecostais iurdianos, que aceitam incondicionalmente a demonização das RMA. A grande maioria dessas pessoas são menos favorecidas de uma formação intelectual.

As pessoas vivem em sociedades globalizadas, culturalmente plurais, isso as obriga a conviverem diariamente com o outro, principalmente no aspecto religioso. Historicamente a intolerância sempre esteve presente no contexto da vida do ser humano. Em consequência são muitos os casos de afastamento social de grupos humanos, por causa de seus atributos, que são considerados como negativos, pelo simples fato de serem diferentes, negando-lhes o direito de expressar a sua fé para com a sua verdade (Oliveira, 2007).

Em segmentos da sociedade pode-se encontrar o exercício velado da discriminação, do preconceito e do racismo, com a materialização de ações que se configuram em violência, desde a simbólica até a sua prática mais ostensiva, com agressões físicas e vandalismos, direcionados contra todas as coisas de origem negra e africana, oriundas da cultura trazida pelos escravos. O pensamento que impera é que tudo que é negro, pobre e não cristão é mal.

A discriminação, o preconceito e o racismo têm diferentes significados: o preconceito se constitui numa ação antecipada de negação, contra um fato, uma ideia, uma religião ou uma pessoa, quando comparada a uma referência; o racismo tem um dimensionamento mais abrangente, ele é a atribuição de aspectos negativos a um grupo humano, em consequência das suas características culturais ou físicas; quando um sentimento preconceituoso ou racista se materializa em atos práticos está estabelecida a discriminação. Dessa forma os integrantes de uma sociedade podem ser tolerantes, mas praticarem alguma modalidade de discriminação.

O pluralismo religioso é gerado pela diversidade religiosa, que na atualidade se instalou na sociedade, fruto das liberdades auferidas aos homens com a implantação do Estado Democrático pleno, permitindo a manifestação pública do relativismo existente de denominações religiosas.

Esse novo paradigma tem como consequência o questionamento inter-religioso, sobre as diversas doutrinas religiosas existentes, em relação aos seus pontos negativos. Sem gerar a intolerância e a discriminação, buscando novos caminhos de mediação com o sagrado.

A definição de pluralismo assimétrico afirma que as religiões não são absolutas, não se pode garantir que uma está mais próxima de Deus do que as outras. Uma situação ideal seria as denominações religiosas se complementarem, com o somatório de todos os seus aspectos positivos e a comunhão das suas semelhanças. Porém algumas denominações religiosas, como a Iurd, mantém um posicionamento de intolerância, em relação ao diferente, elas permanecem no seu isolamento dogmático, negando, de forma fanática, qualquer cosmovisão alheia a sua, bem como o diálogo inter-religioso.

A Igreja Universal do Reino de Deus, foi concebida pelo seu criador, Edir Macedo, como uma denominação religiosa com total autonomia doutrinária em relação as outras igrejas evangélicas pentecostais.

Essa instituição apresenta três características peculiares: a sua propriedade religiofágica, que se consiste na apropriação de parte da doutrina e das liturgias de outras religiões, as quais passam por um processo de ressignificação e são assimiladas ao arcabouço teológico iurdiano. Depois elas são ritualizadas para os seus membros, de acordo com os interesses dessa denominação religiosa; o seu modo de proceder exacerbatório, quando os seus cultos e as suas apresentações nas diversas mídias são realizadas como shows populares, assim a Iurd procura atingir o consciente imaginário dos seus fiéis, bem como despertar sentimentos emocionais; o seu atributo macumbeiro, quando reproduz determinadas liturgias das religiões espíritas, o que causa a sua aproximação da religiosidade mágica popular, inclusive dando credibilidade ao principal inimigo da sua guerra santa, as RMA.

Um dos carros chefes da doutrina iurdiana é a teologia da prosperidade, pela qual o seu crente, faz uma oferta de recursos financeiros à igreja, como mediadora da relação desse com o sagrado, este fica comprometido a atender aos pedidos do fiel. A máxima pressuposta é que: todos tem o direito de usufruir de uma prosperidade material, de plena saúde e êxito nas diversas instâncias da vida mundana. A partir do momento em que o crente cumpre a sua parte, com a oferta, Deus fica obrigado a conceder a dádiva solicitada. Dessa forma, como uma empresa, a Iurd se transformou numa potência econômica.

Os membros da Universal se auto-intitulam como o povo escolhido de Deus. Assim apenas os seguidores dessa denominação religiosa já estão com a salvação das suas almas garantida, todos os demais seres humanos, que cultuam outras religiões, inclusive os ateus, irão arder no fogo do inferno.

A Igreja Universal pratica uma oposição sistemática a todas as RMA. Ela perpetua uma cruzada contra satanás e a sua legião de demônios, atribuindo a eles a causa de todo o mal que pode se abater sobre os seres humanos. As entidades espirituais afro-brasileiras são identificadas como essas figuras demoníacas, devendo ser eliminadas de qualquer contato com os homens. Porém nessa luta as batalhas diárias são vencidas, mas a guerra se prolonga sem uma conclusão, pois se satanás for derrotado de forma permanente a proposta iurdiana de luta pela salvação dos homens perde a sua finalidade.

Assim a Iurd apresenta publicamente a sua magia do bem, alicerçada no poder divino, a qual se contrapõe a todas as demais componentes mágicas das outras religiões, identificadas como manifestações do mal diabólico. Todos os seus membros tem como missão precípua: cooptar as outras pessoas para a conversão a sua crença, ela é que oferece a verdadeira salvação da alma.

Na realidade, as atitudes orquestradas pela cúpula iurdiana têm como objetivo o monopólio do mercado religioso, do oferecimento de soluções plausíveis à demanda produzida por uma população pobre, inculta e desprovida dos mais básicos recursos precisos para uma vida digna. Que busca o atendimento das suas necessidades nos modos semelhantes à religiosidade popular. As RMA competem com a Iurd pelo monopólio desse comércio religioso.

As denominações neopentecostais, entre elas a Iurd, orientam as suas ações de acordo com o posicionamento democrático do Estado Brasileiro. Elas participam do jogo político nacional, aproveitando as possibilidades eletivas oferecidas na esfera pública. Os representantes dessas instituições religiosas oferecem um discurso político ético, o qual contribui de forma efetiva para a consolidação da democracia no Brasil (ORO, 2003).

As religiões africanas, que acompanharam os grupos étnicos negros, que foram escravizados e trazidos à força para o Brasil, cultuavam divindades regionais e familiares. Como uma forma de defesa para que elas continuassem existindo, passaram por um processo de sincretismo religioso com o Catolicismo. Também houve uma hibridação entre essas diversas modalidades religiosas africanas.

A instituição dessas denominações religiosas contribuiu para o desenvolvimento de uma identidade do elemento negro, dando significação a sua existência. A mulher negra e humilde, que durante o dia trabalha como faxineira numa casa de família de classe média, à noite, no terreiro afro-brasileiro, através do transe, incorpora uma entidade nobre e poderosa, tornando-se a rainha cultuada por todo o povo santo.

Nas RMA os clãs africanos foram reconstituídos, sob a liderança dos seus líderes religiosos, com os seus fiéis lhes facultando uma irrestrita obediência. Esses centros religiosos possuem uma autonomia relativa, não existe uma homogeneidade litúrgica, cada um tem a sua própria peculiaridade ritual.

Os valores morais e éticos, que são adotados pelo Catolicismo para normatizar o comportamento humano na realidade mundana, são de importância secundária nas RMA. Não se tem a visão cristã polarizada entre o bem e o mal. Só permanecem os preceitos que harmonizam, dentro do terreiro, a relação entre os homens e as entidades espirituais. Assim, de um modo geral, as RMA são concebidas como religiões libertadoras. Nelas não existe a noção de pecado, com o devido castigo, após a morte física. Nas suas doutrinas todos têm o direito de viver com prazer e alegria, não há uma negação às paixões humanas, porém cada um é responsável por carregar as consequências dos seus atos.

Os rituais das RMA, particularmente o transe e o sacrifício de animais, geram um forte sentimento de intolerância religiosa e discriminação, numa grande parcela da sociedade. Pelo senso comum eles são interpretados para se fazer o mal ao próximo. A entidade espiritual Exu, bem como a sua representação feminina a Pomba-Gira, são identificados com a figura do diabo cristão, o que leva a uma demonização mais contundente, que se generaliza a todas as outras entidades espirituais dessas denominações religiosas.

A imensa maioria da população, que afirma ser católica ou evangélica, desconhece o verdadeiro significado dos rituais das RMA. Perdura o senso comum do imaginário popular e do psicológico cultural, o qual prescreve que essas religiões estão voltadas para se fazer o mal, isso gera: intolerância, preconceito e discriminação.

Até a primeira metade do século XX, essas denominações religiosas eram enquadradas pelo poder judiciário, através do aparelho policial repressor, como praticantes ilegais de curandeirismo e charlatanismo. Pode-se afirmar que o desconhecimento das suas doutrinas e dos seus reais propósitos geram um sentimento de medo nas pessoas, as quais passam a negar, de forma imperativa, a aceitação dessa religiosidade, bem como dos seus adeptos como pessoas de boa índole.

Quando alguns religiosos se voltam para a Quimbanda, praticando o mal, com a finalidade de atender aos pedidos escusos dos seus clientes, isso cria uma competição entre líderes das RMA. Ao serem procurados pelas pretensas vítimas desses infortúnios, outros chefes de terreiro fazem contra trabalhos para as libertar. Essa situação desqualifica mais ainda as RMA, justificando as ações opositoras e generalizadas, que são tomadas pelas denominações religiosas neopentecostais.

Na formação étnica do povo brasileiro existe uma ancestralidade africana, a qual é negada pela sociedade. Pois perdura uma imagem negativa contra tudo que é de origem negra, num preconceito e num racismo, que são praticados de forma velada nas diversas classes do nosso trato social. Isso também dificulta o reconhecimento da seriedade dessas religiões.

Entre as RMA o Candomblé está passando por um processo de universalização, onde muitas pessoas brancas da classe média já estão frequentando os terreiros ostensivamente e participando das suas lideranças.

Também se desenvolve um movimento de retorno às origens africanas, com a busca aos conhecimentos esquecidos, ao reaprendizado da língua africana e à negação das ligações sincréticas com o Catolicismo. Esta última ideia encontra resistência entre os mais idosos da religião, os quais visualizam as práticas sincretizadas como componentes plenamente integradas à tradição religiosa.

Como foi possível perceber, muitas vezes essa falta de conhecimento e ignorância, que são mais facilmente encontradas no neopentecostalismo, são geradas, principalmente, por consequência da interpretação bíblica de cada pastor. Muitos pastores costumam disseminar a sua própria interpretação sobre a atuação do Espírito Santo (KLIPPEL, 2018).

As RMA são visualizadas, por uma grande parcela da população brasileira, tendo como referencial um posicionamento eurocêntrico e cristão, sendo rotuladas como extensões terrenas do mal satânico, o qual tem que ser eliminado da vida dos homens. Isso se estabelece por desconhecimento dos reais significados da cosmovisão dessas denominações religiosas. No Brasil o preconceito e a discriminação racial, contra tudo que tem uma origem na cultura afro-brasileira, principalmente o seu escopo religioso, são manifestados de forma velada. Também pela exclusão social que se estabelece como consequência da baixa condição socioeconômica que atinge essa parcela da nossa população. Aqueles sentimentos negativos são mascarados, por uma pretensa invisibilidade social, sendo desconsiderados oficialmente. As RMA, com as suas práticas litúrgicas, garantem uma forma de integração do elemento humano de gênese africana no trato social, pois lhe concede uma identidade (WILLEMANN; LIMA, 2010).

Um das características do mundo contemporâneo é a ideia da interculturalidade, que se formaliza como consequência da globalização. Ela institui a interação entre várias culturas e religiões, numa sociedade de pluralidade religiosa. Os aspectos principais da interculturalidade são: a troca mútua das experiências, que são peculiares a grupos específicos; a ressignificação das características religiosas comuns e a elaboração de uma síntese religiosa, que seja abrangente a todos. O diálogo é o grande instrumento, com o qual

se pode alcançar a harmonia necessária para a configuração dessa convivência com o outro. Sem que o outro abandone a sua crença.

Conforme algumas tendências do Catolicismo, um diálogo inter-religioso pode se desenvolver em quatro níveis de debates.

O primeiro é nomeado como nível existencial: presença e testemunho. No seu desenlace é dada importância ao contato interpessoal na seara da vida cotidiana. A doutrina de uma religião precisa ser questionada sobre o seu posicionamento quanto às instâncias humanas, como os valores do respeito e do acolhimento.

O segundo é o nível místico: oração e contemplação. Nele os homens compartilham as suas experiências religiosas, de modo a se estabelecer um crescimento espiritual libertador mútuo. Na sua dimensão interpessoal, a relação com o sagrado é estabelecida pela palavra, com a responsabilidade social assumindo uma importância ímpar para a religiosidade. Na sua vertente transpessoal as fronteiras do mistério absoluto são percebidas com a prática do silêncio contemplativo, ajustando os seres humanos com a realidade cósmica.

O terceiro é o nível ético: libertação e promoção do ser humano. Dentro de uma perspectiva social, econômica e política, persegue-se a consecução dos objetivos humanitários, que são direcionados para o bem estar e a libertação do homem. O diálogo entre as tradições religiosas se estabelece para se configurar um mundo de fraternidade, paz e justiça social. Essa composição tem que ser materializada como uma obra individual e coletiva, tendo por base uma ética global.

O quarto nível é o teológico: enriquecimento e aplicação dos patrimônios religiosos. Com a síntese da comunhão das ideias positivas das expressões religiosas, trabalha-se para solucionar os grandes óbices históricos que afligem a humanidade. Nesse contexto as diversas matizes da revelação divina não serão vítimas de intolerância ou discriminação. Nem todas as denominações religiosas atingiram um plano de espiritualidade e de empatia para participar dessa modalidade de diálogo.

Independendo do nível em que um diálogo inter-religioso for efetivado, dois fatores muito importantes devem sempre ser considerados: a busca de uma evolução contígua de todas as religiões, pelo fomento aos valores espirituais comuns; e a manutenção do foco pensante na extensão humanitária, com a disseminação do amor fraternal.

O exercício do diálogo inter-religioso continua sendo um desafio a ser conquistado. Os questionamentos às diferentes representações da verdade podem causar um desequilíbrio nas bases doutrinárias de algumas denominações religiosas. Mas ele não pode servir de instrumento para a prática do proselitismo, na tentativa de se fomentar conversões. Para se

participar de um diálogo inter-religioso tem que se ter uma forte convicção nos seus próprios preceitos de fé. Ele tem que estar alicerçado na devida percepção da alteridade, a qual se fundamenta na seguinte máxima: o ser humano sempre está indexado a uma relação de dependência com o seu semelhante.

Uma denominação religiosa pode estar encapsulada numa condição de isolamento dogmático, porém no seu cerne sempre são encontradas as instâncias comuns a todas: da solidariedade, da harmonia, da paz e da humanidade. Com a realização do diálogo inter-religioso o conhecimento da diversidade religiosa e das semelhanças comuns estaria ao alcance de todos. A intolerância, o preconceito, a discriminação, que se originam na ignorância, não teriam mais uma justificativa para existir.

A prática do diálogo inter-religioso, entre as lideranças religiosas e expandida para a toda sociedade leiga, com a finalidade de se harmonizar as diferenças e de fortalecer as semelhanças, cria as condições necessárias para o estabelecimento de uma coexistência religiosa. Esse paradigma de relacionamento humano, como uma nova postura social perante a vida, finalizaria com todos os conflitos de ordem social. As pessoas seriam respeitadas e aceitas como iguais, nas suas escolhas religiosas, de acordo com o seu livre arbítrio, inerente ao direito à liberdade.

A conclusão de um diálogo inter-religioso sempre representa uma possibilidade de conversação pacífica. A violência, independente do seu nível de intensidade, não coaduna com as especificidades das religiões. Para que as suas sínteses sejam disponibilizadas na práxis social, faz-se necessário o convite a todas as denominações religiosas, de modo que se empenhem na implantação da paz, do respeito e da harmonia, em todas as instâncias do contato recíproco, fomentando a uma aproximação com o sagrado. O diálogo inter-religioso parte do pressuposto da existência da alteridade, em todos os meandros do relacionamento humano, bem como do reconhecimento da diversidade, que sintetizada num caminho comum leva à coexistência (TEIXEIRA, 2002).

O estabelecimento de uma religião universal estaria num degrau acima da coexistência religiosa, o diálogo inter-religioso poderia ser a ferramenta utilizada para se dar esse passo utópico. Mas antes cada denominação religiosa teria que fazer um diálogo intra-religioso. Assim os seus membros poderiam questionar a sua própria verdade, buscando uma compreensão mais completa dos seus acertos e erros.

O ethos é o conjunto de hábitos e costumes que são fundamentais para a manutenção da vida humana em sociedade, num espaço geográfico, durante um determinado período histórico. Com a globalização as dimensões do mundo humano foram encurtadas, as relações

de dependência e as interações sociais se tornaram mais próximas e evidentes. O estabelecimento de um ethos planetário, alicerçado nos valores éticos fundamentais à convivência social, solucionaria muitos problemas de diferenças religiosas, culturais e ideológicas, que, na atualidade, perpetuam as desavenças entre os homens. Para a devida consignação de uma ética universalizante, faz-se imprescindível a harmonização entre as diferentes denominações religiosas, com o estabelecimento da coexistência religiosa entre todas as diversas comunidades de fiéis. Com uma vida em conjunto, alicerçada no respeito, na paz e no sentimento fraternal entre os diferentes, com cada um mantendo a sua crença.

A instituição de uma cidadania planetária é concebível através de uma prática educadora libertadora e dialógica, fundamentada nos aspectos éticos comuns a todas as culturas humanas. Dentro desse escopo instituiu-se a definição de globalização cooperativa, na qual os valores humanos da fraternidade e da humanidade da práxis social, são efetivamente legitimadas. A instauração de uma cidadania de abrangência mundial, necessitaria que fossem suplantadas todas as incongruências das relações humanas, assim também se configuraria o caráter crível dessa utopia planetária. (SANTOS; LUSTOSA, 2008).

Como fecho do nosso trabalho de pesquisa nós podemos reconstituir o seguinte: o Catolicismo e o Protestantismo possuem o maior número de adeptos, mas as RMA também se destacam pelo seu número de seguidores. Pois muitas pessoas que, oficialmente, afirmam ser cristãs, na prática, frequentam os terreiros das RMA.

Pelos diversos motivos já apresentados durante o desenvolvimento da presente pesquisa, nós podemos afirmar que: os seguidores da Iurd são intolerantes quanto as outras denominações religiosas, porém esse procedimento se fortalece em relação às RMA. Isso é consequência do seu dogmatismo religioso, que prega a guerra santa contra satanás e a sua legião de demônios, os quais são identificados, analogicamente, com as entidades espirituais que são cultuadas nos rituais das RMA.

A grande maioria dos seguidores da Universal são pessoas de pouca instrução, que seguem de forma fanática os ditames dos seus líderes religiosos, de modo que fecham os seus olhos para qualquer tipo de informação contrária ao que lhe é transmitido. Isso os torna pessoas insensíveis à apresentação de qualquer síntese, que possa ser desenvolvida num diálogo inter-religioso, bem como ao modo de vida oferecido por uma situação de coexistência religiosa.

O desconhecimento dos reais significados das cosmovisões das RMA, por parte da imensa maioria dos não adeptos a essas denominações religiosas é o fator que se destaca, para

a geração de um senso comum, no imaginário psicológico cultural e social brasileiro, de que: essas religiões praticam o mal em todas as instâncias da vida. Assim gerando um sentimento de intolerância religiosa, contra elas. Pois o ser humano tem medo daquilo que desconhece e que é estranho as suas crenças, reagindo contra o que lhe é diferente. Isso somado a prática velada do preconceito, do racismo e da discriminação, contra todas as coisas que possuem uma genealogia negra e africana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antonio Ferreira de. **Intolerância religiosa**: análise acerca das garantias à liberdade religiosa no Brasil. Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT, como parte das obrigações para obtenção do título de Bacharel em Direito. Orientado pela Profa. Me. Renata Domingues de Oliveira. Itapeva – São Paulo, Dez/2017. Disponível em <<https://juridicocerto.com/p/advogado-marco-anto/artigos/intolerancia-religiosa-nalise-acerca-das-garantias-a-liberdade-religiosa-no-brasil-4187>> Acesso em 06.04.19 às 04:30 horas.

ALMEIDA, Ronaldo de. Dez anos do “chute na santa”: a intolerância com a diferença. In **Intolerância religiosa**: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. Organizado por Vagner Gonçalves da Silva. São Paulo: Ed USP, 2007. 323 p.

AQUINO, Thiago Antônio Avellar de; et al. **Atitude religiosa e sentido da vida**: Um estudo correlacional. Revista psicologia ciência e profissão, p. 228-243, UEPB, 2009. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n2/v29n2a03>> Acesso em 08.04.19 às 06:45 horas.

BELLOTTI, Karina Kosicki. Pluralismo protestante na América Latina. In **Religião e sociedade na América Latina**. Org Eliane Moura da Silva, Karina Kosicki Bellotti e Leonildo Silveira Campos. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. 199 p.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Traduzido por Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Esvier, 1992. 217 p.

BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas.** Projeto democratização da leitura. 2002. Disponível em <https://s3.amazonaws.com/acaqademia.edu.documents/38527387/Livro_-_Leonardo_Boff_-_Experimentar_Deus.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1556376681&Signature=T3AdalqyUef%2FVH1MJ9HmCoR5lk8%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DDEXPERIMENTAR_DEUS_A_Transparencia_de_Tod.pdf> Acesso em 08.04.19 às 11:30 horas.

BOFF, Leonardo. **A busca de um ethos planetário.** Persp Teol 40 (2008) 165-179. Disponível em <<http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/142/247>> Acesso em 14.08.19 às 14:20 horas.

CÁCERES, Pedro Antônio Chagas. **As Representações do Diabo no Imaginário dos fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus.** Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião à Comissão Julgadora da Universidade Católica de Goiás. Orientado pelo Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira. 2006. Disponível em <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/944>> Acesso em 21.03.2018 às 22:40 horas.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro; GUSMÃO, Eduardo Henrique Araújo de. **Reflexões metodológicas em torno da conversão na IURD: colocando em perspectiva alguns consensos.** Revista Estudos de Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Mestrado e Doutorado. UNESP Araraquara – 2013. Disponível em <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/5973>> Acesso em 31.03.19 às 06:00 horas.

CARVALHO, Frank Viana. **As guerras de religião.** Disponível em <<http://frankvcarvalho.blogspot.com.br/2011/08/guerras-de-religiao-o-inicio.html>> Acesso em 07.10.2016 às 10:00 horas.

CARVALHO, José Jorge de. **Um espaço público encantado: pluralidade religiosa e modernidade no Brasil**. Série antropologia – 1999. Disponível em <<http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie249empdf.pdf>> Acesso em 09.04.19 às 04:00 horas.

CRUZ, Álvaro Ricardo de Souza; MAGALHÃES, Clarissa Aguilar; REZENDE, Sophia Galbas. **Liberdade de expressão em tempos de intolerância**. Revista de estudos e pesquisas avançadas do terceiro setor. REPATS, Brasília, V. 4, nº 2, p.296-327, Jul-Dez, 2017. Disponível em <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/REPATS/article/view/8804/pdf>> Acesso em 20.03.19 às 18:00 horas.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento de pesquisa qualitativa. In **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Jean Poupart et al. Trad de Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis: Vozes, 2012. 464 p.

DIAS, Júlio Cesar Tavares. **As religiões afro-brasileiras no discurso da Igreja Universal do Reino de Deus: a reinvenção do demônio**. 2012. 131 Fls. Dissertação apresentada à Comissão julgadora da UNICAP para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião. Orientada pela Prof^a Dr^a Zuleica Dantas Pereira Campos.

ELVAS, Susana; MONIZ, Maria João Vargas. **Sentimento de comunidade, qualidade e satisfação de vida**. Aná. Psicológica v.28 n.3 Lisboa set. 2010. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312010000300006> Acesso em 01.09.19 às 20:30 horas.

ÉVORA, Lúcia. Do acarajé ao bolinho de Jesus. In **religiões e temas de pesquisa contemporâneos: diálogos antropológicos**. Org Fátima Tavares e Emerson Giumbelli. Salvador: EDUFBA, 2015. 495 p.

FILHO, Vladimir Brega; ALVES, Fernando de Brito. **Da liberdade religiosa como direito fundamental**: limites, proteção e efetividade. Revista do Programa de Mestrado em Ciência Jurídica da Fundinopi, 2009. Disponível em <file:///C:/Users/Jorge%20Luiz/Documents/mestrado_cien_relig/dissertacao/dissertacao/cap3/fontes/liberdade.religiosa.pdf> Acesso em 08.04.19 às 04:30 horas.

GASDA, Élio Estanislau. **Dimensão ético-social**: memória subversiva de um Deus crucificado. Rev. Pistis Prax, Teol. Pastor, Curitiba, v. 10, n. 2, 269-289, maio/ago. 2018. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/23857/22897> Acesso em 30.04.19 às 03:30 horas.

GOMES, Wilson. Nem anjos nem demônios: estudo antropológico da Igreja Universal do Reino de Deus. in: aa. vv.. (org.). **Nem anjos nem demônios**. Interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: vozes, 1994, p. 225-269. Disponível em <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/45751111/Nem_anjos_nem_demonios_1994.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DNEM_ANJOS_NEM_DEMONIOS_Estudo_Antropolog.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20190901%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20190901T150706Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=180b82b67317c54d0220174f59ea47a3dc7c1600c779a91bfe1e311e10210e42> Acesso em 01.09.2019 às 12:20 horas.

GROULX, Lionel-Henri. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Jean Poupart et al. Trad de Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis: Vozes, 2012. 464 p.

HABERMAS, Jürgen. **Intolerância e discriminação**. Traduzido por Thiago da Silva Paz. Perspectiva Filosófica, Vol. 2, nº 40, UFPE – 2013. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/viewFile/230225/24458> Acesso em 30.04.19 às 11:15 horas.

IMBASSAHY, Carlos. **A Missão de Allan Kardec**. Federação Espírita do Paraná - Departamento de Difusão Doutrinária. 1988. Disponível em <http://files.comunidades.net/portaldoespirito/A_Missao_de_Allan_Kardec.pdf> Acesso em 02.07.2019 às 15:00 horas.

JUNGBLUT, Airton Luís. **A "guerra santa" de evangélicos contra o neopentecostalismo**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 46-52. Novembro de 1997. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/viewFile/2688/1504>> Acesso em 21.03.2018 às 14:45 horas.

KLIPPEL, Nathalia Santos. **Intolerância Religiosa: a coexistência da Umbanda e do Neopentecostalismo**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais – 2018. Disponível em <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/10196/1/TCC%20-%20Nathalia%20Santos%20Klippel%20-%202018.pdf>> Acesso em 24.08.19 às 17:06 horas.

LÉPINE, Claude. **O Candomblé africanizado, no campo religioso paulistano**. Caderno CERU, série 2, nº 13, 2002. Disponível em <<http://www.periodicos.usp.br/ceru/article/view/75284/78790>> Acesso em 14.08.19 às 1100 horas.

LOPES, Ana Maria D'Ávila. **Da coexistência à convivência com o outro: entre o multiculturalismo e a interculturalidade**. REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, vol. 20, núm. 38, enero-junio, 2012, pp. 67-81. Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, Brasília, Brasil. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/4070/407042015005.pdf>> Acesso em 03.04.19 às 04:15 horas.

LUIZ, Ronaldo Robson. "**Eis que a semente caiu em boa terra**": a Avenida Cruz Cabugá no Recife-PE como campo religioso local. Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em ciências sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Orientada pelo Prof Dr Orivaldo Pimentel Lopes Jr. Disponível em <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/13750>> Acesso em 17.05.2018 às 11:00 horas.

MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias**: deuses ou demônios? Rio de Janeiro: Universal Produções, 1990. 166 p.

MACHADO, Nílson José. **Sobre a ideia de tolerância**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 1997. Disponível em <<http://200.144.182.46/pesquisa/publicacoes/textos/machadoideiadetolerancia.pdf>> Acesso em 30.03.19 às 05:00 horas.

MANGANARO, Patrizia. **Alteridade, filosofia, mística**: entre fenomenologia e epistemologia. Memorandum 6, abril/2004, 3-24, Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP. Disponível em <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6785/4357>> Acesso em 14.08.19 às 07:00 horas.

MARIANO, Ricardo. **Igreja Universal do Reino de Deus**: a magia institucionalizada. Revista USP, São Paulo, p 120-131, setembro/novembro, 1996. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/26006/27737>> Acesso em 27.06.2018 às 11:00 horas.

MARIANO, Ricardo. Pentecostais em ação: a demonização dos cultos afro-brasileiros. In **intolerância religiosa**: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. Organizado por Vagner Gonçalves da Silva. São Paulo: Editora USP, 2007. P 119-147.

MARIANO, Ricardo. **Crescimento Pentecostal no Brasil**: fatores internos. Revista de Estudos da Religião dezembro / 2008 / pp. 68-95. Disponível em <http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf> Acesso em 21.03.2018 às 06:30 horas.

MARIANO, Ricardo. **Laicidade à brasileira**: Católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. Civitas-Revista de Ciências Sociais, 2011. Disponível em <<https://www.redalyc.org/html/742/74220016005/>> Acesso em 30.03.19 às 23:15 horas.

MASSIH, Eliana. **A construção narrativa da representação de Deus**. REVER ano 17 n° 01 Jan/Abr 2017. Disponível em <<http://200.144.145.24/rever/article/view/32710/22604>> Acesso em 14.08.19 às 08:30 horas.

MEREU, Ítalo. A intolerância institucional: origem e instauração de um sistema sempre dissimulado. In: BARRET-Ducrocq, Françoise. **A intolerância**. Foro Internacional sobre a Intolerância. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MILOT, Micheline. **A educação intercultural e a abertura à diversidade religiosa**. Visão Global, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 355-368, jan./dez. 2012. Disponível em <<file:///C:/Users/Jorge%20Luiz/Downloads/3430-Texto%20do%20artigo-11127-1-10-20130724.pdf>> Acesso em 14.08.19 às 13:00 horas.

MORAIS, Maria Carolina. **Faces da intolerância na contemporaneidade**. Revista Leitura Flutuante, n. 4, pag 195-206, PUCSP, 2012. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/leituraflutuante/article/viewFile/11131/8162>> Acesso em 01.04.19 às 05:15 horas.

NASCIMENTO, Josimir Albino do. **Codependência religiosa**: a complexa relação neopentecostal com os cultos afro brasileiros. Periódico do Grupo Identidade das faculdades EST/IECLB, São Leopoldo, v. 23 n. 2, p 86-96 - Jul-Dez 2018. Disponível em <<http://ism.edu.br/periodicos/index.php/identidade/article/view/3374/3124>> Acesso em 25.08.19 às 15:50 horas.

NASCIMENTO, Sidnei Francisco do. **Erasmus e Lutero: o livre arbítrio da vontade humana**. Rev. Filos., v. 18 n.23, p. 89-103, jul./dez. 2006. Disponível em <file:///C:/Users/Jorge%20Luiz/Downloads/8600-13877-1-SM.pdf> Acesso em 02.07.2019 às 20:40 horas.

OLIVEIRA, Aurenéa Maria de. **Preconceito, estigma e intolerância religiosa: a prática da tolerância em sociedades plurais e em estados multiculturais**. Estudos de Sociologia, 2007, Rev. do Progr de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 13, n. I, p. 239-264. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/viewFile/235387/28378> Acesso em 29.03.19 às 21:19 horas.

OLIVEIRA FILHO, Roberto Viana de. **A outra face de Deus: as representações da ideia de castigo divino no grupo “penitentes peregrinos públicos” em Juazeiro do Norte-CE**. LABIHM (Laboratório de Imagem, História e Memória) - Universidade Regional do Cariri. 2013. Disponível em <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364522276_ARQUIVO_Artigo_RobertoViana_Anpuh.pdf> Acesso em 02.07.2019 às 13:00 horas.

ORO, Ari Pedro. **A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros**. Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol 18 nº 53 outubro/2003, p 53-69. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbcsoc/v18n53/18078.pdf> Acesso em 17.03.2018 às 20:00 horas.

ORO, Ari Pedro. **A presença religiosa brasileira no exterior: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus**. Dossiê religiões no Brasil. Revista Estudos Avançados, vol.18 no.52. São Paulo Set./Dec, 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300011&script=sci_arttext&tlng=es> Acesso em 11.06.2018 às 19:00 horas.

ORO, Ari Pedro. **O neopentecostalismo macumbeiro**. Revista USP, São Paulo, n.68, p. 319-332, dezembro/fevereiro 2005-2006. Disponível em <<http://www.journals.usp.br/revusp/article/viewFile/13505/15323>> Acesso em 17.03.2018 às 07:00 horas.

PANASIEWICZ, Roberley. **Os níveis ou formas de diálogo inter-religioso: uma leitura a partir da teologia cristã**. Revista Horizonte, VOL. 2, Nº. 3 – 2º. SEM. 2003. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/597>> Acesso em 02.04.19 às 04:15 horas.

PIRES, José Herculano. **Como eu entendo mediunidade (vida e comunicação)**. Conceituação da Mediunidade e Análise Geral dos seus Problemas Atuais. 1978. Disponível em <[http://www.bvespirita.com/Como%20Eu%20Entendo%20-%20Mediunidade%20-%20Vida%20e%20Comunicacao%20\(Valentim%20Hergersheimer%20Neto\).pdf](http://www.bvespirita.com/Como%20Eu%20Entendo%20-%20Mediunidade%20-%20Vida%20e%20Comunicacao%20(Valentim%20Hergersheimer%20Neto).pdf)> Acesso em 02.07.2019 às 14:10 horas.

PRANDI, Reginaldo. **O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso**. Dossiê religiões no Brasil. Estud. av. vol.18 no.52 São Paulo Sept./Dec. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300015&script=sci_arttext> Acesso em 07.04.19 às 14:30 horas.

PRANDI, Reginaldo. **Coração de pomba-gira**. História em contextos globais - Revista esboços, UFCS, Vol 17, nº 23, pp. 141-149, 2010. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2010v17n23p141/17584>> Acesso 29.03.19 às 20:16 horas.

RODRIGUES, Donizete. **Novos movimentos religiosos: Realidade e perspectiva sociológica**. Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 12, volume 19: p 17-42. Recife: UFPE, 2008. Disponível em <<http://www.revista.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revista/article/view/87/84>> Acesso em 16.05.2018 às 07:00 horas.

RODRIGUES, Donizete; CAMPOS, Roberta Bivar C. **Os estudos sócio-antropológicos da religião no Brasil: O caso da IURD.** Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 12, volume 19: P 7-15. Recife, 2008. Disponível em <<http://www.revista.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revista/article/view/86/83>> Acesso em 16.05.2018 às 09:00 horas.

RODRIGUES, Donizete; SILVA, Marcos de Araújo. **Estratégias de gênero em contexto diaspórico: o caso dos missionários pentecostais brasileiros em Barcelona.** PUC/Minas. Horizonte, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p.1375-1409, Jul/Set 2015. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n39p1375/8635>> Acesso em 17.05.2018 às 06:30 horas.

SANCHEZ, Wagner Lopes. **Elementos para a análise do campo religioso no Brasil.** Revista Nures - Revista eletrônica do núcleo de estudos religião e sociedade – PUC SP – 2006. Disponível em <<file:///C:/Users/Jorge%20Luiz/Downloads/7329-17902-1-SM.pdf>> Acesso em 09.04.19 às 06:00 horas.

SANTOS, Helio. **Discriminação racial no Brasil.** Conferência mundial contra o racismo, discriminação – 2008 - portais.tjce.jus.br. Disponível em <http://portais.tjce.jus.br/esmec/wp-content/uploads/2008/10/discriminacao_racial_no_brasil.pdf> Acesso em 30.03.19 às 09:15 horas.

SANTOS, José Alex Soares; LUSTOSA, Francisca Geny. **Ética e estética na educação problematizadora: prospecto para a cidadania planetária.** VI Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire – São Paulo - Set-2008. Disponível em <http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4139/1/FPF_PTPF_01_0796.pdf> Acesso em 30.04.19 às 24:00 horas.

SCHIAVO, Luigi. **Como é que é sentir o calor?** A história de Lúcifer que se tornou demônio por causa da mulher. Centro de Estudos Anglicanos - Estudos Bíblicos - Arquivo de textos diversos. 2001. Disponível em <http://www.centroestudosanglicanos.com.br/bancodetextos/diversos/como_e_sentir_calor_luigi.pdf> Acesso em 02.07.2019 às 11:00 horas.

SCHIAVO, Luigi. **Religião e diversidade sociocultural**. Goiânia Caminhos, v. 5, n. 1, p. 7-12, jan./jun. 2007. Disponível em <<file:///C:/Users/Jorge%20Luiz/Downloads/437-1538-1-PB.pdf>> Acesso em 10.03.19 às 10:30 horas.

SERRA, Ordep. **No caminho de aruanda:** a Umbanda candanga revisitada. Afro-Ásia, 25-26 (2001), 215-256. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/770/77002606.pdf>> Acesso em 01.09.2019 às 18:50 horas.

SIEPIERSKI, Paulo D. **Pós-Pentecostalismo e política no Brasil**. Revista semestral do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Escola Superior de Teologia v. 37, n. 1, p. 47-61, São Leopoldo RS, 1997. Disponível em <http://est.com.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/776/711> Acesso em 17.05.2018 às 10:30 horas.

SILVA, João Bernardino da; SILVA, Lorena Bandeira da. **Relação entre religião, espiritualidade e sentido da vida**. Revista Logos & Existência nº 3, p 203-215, 2014 - Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. Disponível em <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/viewFile/22107/12148>> Acesso em 30.04.19 às 16:00 horas.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais:** uma análise simbólica. Revista USP, São Paulo, nº 67, p. 150-175, setembro/novembro 2005. Disponível em <<http://www.journals.usp.br/revusp/article/viewFile/13461/15279>> Acesso em 22.03.2018 às 06:00 horas.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Prefácio ou notas de uma guerra nada particular: os ataques neopentecostais às religiões afro-brasileiras e aos símbolos da herança africana no Brasil. In **Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. Organizado por Vagner Gonçalves da Silva. São Paulo: Editora USP, 2007. 323 p.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Formação e dinâmica das religiões afro-brasileiras. In **Religião e sociedade na América Latina**. Org Eliane Moura da Silva, Karina Kosicki Belloti e Leonildo Silveira Campos. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. 199 p.

SWATOWISKI, Claudia Wolff. **Proselitismo midiático e as bases da recusa à Igreja Universal**: um estudo de caso. Revista ciências sociais e religião, Porto Alegre, ano 11, n. 11, p. 131-155, setembro de 2009. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/CienciasSociaisReligiao/article/view/8385>> Acesso em 21.03.2018 às 11:30 horas.

TEIXEIRA, Faustino. **Diálogo inter-religioso**: o desafio da acolhida da diferença. Revista Perspectiva Teológica, nº 34, p 155-177, 2002. Disponível em <<http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/630/1053>> Acesso em 30.04.19 às 23:00 horas.

TEIXEIRA, Faustino. **O diálogo inter-religioso na perspectiva do terceiro milênio**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 19-38, 2º sem. 2003. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/596/623>> Acesso em 24.08.19 às 15:41 horas.

TEIXEIRA, Faustino. **Pluralismo religioso**. Horizonte, revista de estudos de teologia e ciências da religião, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 27-32, 1º sem. 2005. Disponível em <<http://200.229.32.55/index.php/horizonte/article/view/545/581>> Acesso em 14.08.19 às 05:00 horas.

TEIXEIRA, Faustino. **O censo de 2010 e as religiões no Brasil**: esboço de apresentação. In religiões em movimento: o censo de 2010. Org Faustino Teixeira e Renata Menezes. Petrópolis: Vozes, 2013. 352 p.

TEIXEIRA, Faustino. **O imprescindível desafio da diferença religiosa**. Rev. Inter Mob Hum, Brasília, Ano XX, N° 38, p. 181-194, jan/jun 2012. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/4070/407042015011.pdf>> Acesso em 14.08.19 às 09:30 horas.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In **Usos & abusos da história oral**. Trad Luiz Alberto Monjardim et al. Organizado por Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 277 p.

VIGIL, José Maria. **Teologia do pluralismo religioso**: para uma releitura pluralista do cristianismo. 2006 Disponível em <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/54877134/Vigil-TeologiaDoPluralismo.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1556396764&Signature=qA9tXhbb1YhdSjPQVciX1JvduV8%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DVigil_Teologia_do_Pluralismo_Religioso..pdf> Acesso em 08.04.19 às 15:00 horas.

VILVERT, Isonete. **O demônio e os médiuns**: Boaventura Kloppenburg e o discurso católico sobre a ação demoníaca no espiritismo (meados do século XX). Trabalho de conclusão de curso apresentado para a obtenção do título de Licenciatura e Bacharel em História, orientada pelo Professor Dr. Artur Cesar Isaia, do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina - 2013. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/121673/TCC%20Isonete%20vers%c3%a3o%20A5.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 01.09.2019 às 12:40 horas.

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In **Usos & abusos da história oral**. Trad Luiz Alberto Monjardim et al. Organizado por Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 277 p.

VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. In **Usos & abusos da história oral**. Trad Luiz Alberto Monjardim et al. Organizado por Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 277 p.

WILLEMANN, Estela Martini; LIMA, Guiomar Rodrigues de. **O preconceito e a discriminação racial nas religiões de matriz africana no Brasil**. Revista UNIABEU, V.3 N° 5, p 70-94, setembro/ dezembro 2010. Disponível em <<https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RU/article/view/60/120>> Acesso em 30.04.19 às 19:15 horas.

ZILLES, Urbano. **Projeto de uma ética mundial**. Revista Teocomunicação Porto Alegre v. 37 n. 156 p. 223-229 jun. 2007, PUCRS. Disponível em <<https://core.ac.uk/download/pdf/25531731.pdf>> Acesso em 07.04.19 às 04:50 horas.